

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO:

A DUPLA CAUSAÇÃO DO SUJEITO

Vanessa Nahas Riaviz

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito à obtenção do grau
de Mestre em Psicologia.

Ivanir Barp Garcia

Orientadora

Florianópolis

1998

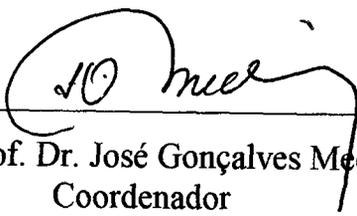
ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO: A DUPLA CAUSAÇÃO DO SUJEITO

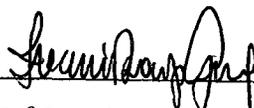
VANESSA NAHAS RIAVIZ

A presente dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de

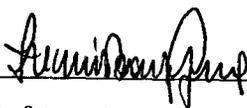
MESTRE EM PSICOLOGIA

Área de Concentração - PSICOLOGIA E SOCIEDADE - aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia.


Prof. Dr. José Gonçalves Medeiros
Coordenador


Profª Drª Ivanir Barp Garcia
Orientadora

Banca Examinadora:


Profª Drª Ivanir Barp Garcia
Presidente


Prof. Dr. Raúl Hector Antelo


Prof. Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa

Aprovada em 04/11/1998.

Ao querido esposo **Eduardo.**

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, onde realizei o Mestrado.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Ao Instituto de Cardiologia e às Secretarias da Saúde e da Administração e Justiça, por terem permitido meu afastamento para fazer o Mestrado.

À Professora Ivanir Barp Garcia, por ter orientado este trabalho, pela leitura atenta de meu texto, por ter me acompanhado neste percurso.

Aos membros da banca examinadora, professores Raúl Antelo e Fernando Aguiar B. de Sousa, por suas contribuições.

Ao Eduardo Riaviz, cuja disponibilidade e investimento neste trabalho foram fundamentais. Por ter me orientado na leitura dos *Escritos* de Lacan, pelas sugestões de textos, por ter compartilhado comigo seu conhecimento.

Aos professores, particularmente à Tania Vanessa N. Mascarello e à Mara Lago, por terem acompanhado com interesse minha trajetória no Mestrado.

Aos colegas de Mestrado, pela convivência, especialmente à Maria do Rosário e Edmilson..

À Servidora Janete, por sua atenção.

Ao Lic. João Inácio Müller, pelo trabalho de digitação e formatação da dissertação.

Ao Rafael Azize, pela correção ortográfica e tradução do resumo.

Ao Markus Weininger, por ter lido a dissertação, corrigindo os termos em Alemão.

À Marise Pinto, que leu parte da dissertação e ajudou nas correções.

Aos colegas do Instituto de Cardiologia, pelo apoio e incentivo, especialmente à Márcia, Sônia e Lilian..

Aos meus pais Edson R. Nahas (in memoriam) e Zurilda Baasch Nahas, pelo amor, dedicação e por terem possibilitado meus estudos.

Aos meus irmãos Markus, Valeska e Valkíria, pela alegria de sua presença e por poder contar com eles.

Aos amigos: Grace, Flávio, Toninha, Marise, Mônica, Giles, Susete, Daniel, Oscar, Silvia, Cláudia, Sandra e Soraya, pelo carinho, pela força, por sua generosidade.

A todos aqueles que de algum modo colaboraram para que esse trabalho se concretizasse.

RESUMO

A presente dissertação consiste numa investigação teórica acerca da constituição do sujeito segundo a psicanálise, através das operações de causação do sujeito, alienação e separação. Jacques Lacan tratou desta questão, especificamente no Seminário XI - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) e no escrito *Posição do inconsciente* (1964). O percurso teórico realizado implica a função da fala na experiência analítica, enquanto evocativa do Outro. No Discurso de Roma (1953), a partir da definição de fala plena, Lacan propõe o sujeito como aquele que se constitui no ato da fala dirigida ao Outro. Tomando referências da lingüística estrutural, opera uma inversão no signo saussureano, introduzindo a primazia do significante sobre o significado. O significado é um efeito do significante. Os significantes compõem uma estrutura de cadeia, onde cada termo se define por oposição aos outros. As relações do significante com o significado apresentam-se segundo duas leis da linguagem: metáfora e metonímia. Na *Carta 52 a Fliess* (1896), Freud apresenta o quadro esquemático do aparelho psíquico. Entre percepção e consciência inscrevem-se os signos de percepção, ordenados segundo diferentes transcrições. Lacan reconhece aí o significante, o lugar do Outro onde o sujeito se constitui. O sujeito surge como efeito da ação da linguagem sobre o vivente. O significante é a causa do sujeito. Para que se produza a alienação é necessário que um significante represente o sujeito para outro significante. A alienação envolve a lógica de uma escolha forçada pelo sentido, comportando sempre uma perda, um ponto de sem-sentido que corresponde ao inconsciente. Este momento lógico da constituição do sujeito caracteriza a repressão primária, a divisão fundante do sujeito do inconsciente. Com a operação de separação se consuma a causação do sujeito. Nos intervalos da cadeia significante, inscreve-se o desejo do Outro. Para responder à falta no Outro, o sujeito opera com sua própria falta. É o recobrimento de duas faltas. Na operação de separação entram em jogo os objetos *petit a*, através dos quais o sujeito se faz objeto do desejo do Outro, procurando recuperar a sua perda de ser, resultante da operação de alienação. O conceito de transferência é trabalhado em duas vertentes: na primeira, como sujeito suposto saber, a partir da alienação, assinalando o movimento de abertura do inconsciente e na segunda, relacionado com a separação, marcando o fechamento do inconsciente, manifestando-se como fenômeno transferencial (amor/ódio).

ABSTRACT

The present dissertation consists in a theoretical investigation on the constitution of the subject according to psychoanalysis, through the operations of the causation of the subject, alienation and separation. Jacques Lacan discussed this question, specifically in the Seminar XI – *The For Fundamental Concepts of Psychoanalysis* (1964) and in the writing *Position of the Unconscious* (1964). The theoretical path which has been tread involves the speech function in the analytical experience, as evocative of the Other. In the Rome Manifesto (1953), Lacan proposes, from the definition of plain speech (*parole pleine*), the subject as being constituted in the act of addressing the Other by the speech. Drawing references from structural linguistics, he operates an inversion on the saussurean sign, thus introducing the primacy of the significant over the signified. The significant compose a chain structure, where each term is defined in opposition to the others. The relations between significant and signified are presented by means of two laws of language: metaphor and metonymy. In the *Letter 52 to Fliess* (1896), Freud presents the scheme of the psychic apparatus. The signs of perception are inscribed between perception and consciousness, ordered according to different transcriptions. There Lacan recognizes the significant, the place of the Other, where the subject is constituted. The subject evolves as an effect of the operation of language over the living. The significant is the cause of the subject. For alienation to be produced, a significant has to represent the subject for another significant. The alienation involves the logic of a choice compelled by meaning, always bearing a loss, a point of no-sense that corresponds to the unconscious. This logical moment of the constitution of the subject characterizes the primary repression, the founding division of the subject of the unconscious. With the working out of the separation, the causation of the subject is consummated. The desire of the other is inscribed in the intervals of the significant chain. To answer to the lack in the Other, the subject operates with its own lack. It is the veiling of two wants. In the operation of separation, the objects *petit a* enter the scene, through which the subject is made object of the Other's desire, searching to recover his own lack of being which resulted from the operation of alienation. The concept of transference is dealt with in two vectors: in the first, as subject supposed to know (*sujet supposé savoir*), from alienation, signalling the movement of the opening of the unconscious; and in the second, as related to separation, marking the closure of the unconscious, manifesting itself as a transferential phenomenon (love/hate).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - O ADVENTO DO INCONSCIENTE	10
1 Repressão primária e constituição do aparelho psíquico	13
2 Repressão secundária e retorno do reprimido	25
CAPÍTULO II - A LINGUAGEM, O INCONSCIENTE E A CAUSA	33
1 A função da fala	33
2 O campo da linguagem	42
3 A hiância causal	60
CAPÍTULO III - ALIENAÇÃO: A ESCISÃO INAUGURAL DO SUJEITO..	70
1 O sujeito não é causa <i>sui</i>	73
2 Afânise do sujeito	80
3 O <i>vel</i> da alienação	85
CAPÍTULO IV - A OPERAÇÃO DE SEPARAÇÃO	101
1 <i>Separare, se parere</i>	101
2 A transferência: da alienação à separação	109
3 O mito da <i>lamelle</i>	133
CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157

INTRODUÇÃO

O termo sujeito perpassa o debate de diversas disciplinas, tais como a psicologia, a pedagogia, a lingüística e a psicanálise, assumindo sentidos diferentes conforme as tradições teórico-filosóficas nas quais esteja referenciado. Na tradição filosófica antiga, ele pode ser encontrado já em Platão, sendo definido por Aristóteles como um dos modos da substância. Nesta tradição, o sujeito é “aquilo de que se fala ou a que se atribuem qualidades e determinações ou a que qualidades e determinações são inerentes”¹. O sentido geral do termo diz respeito a um objeto real ao qual se referem determinações predicáveis. O significado não muda quando por sujeito é entendida a alma como substância à qual aderem determinados caracteres ou da qual emanam atividades determinadas. O significado de sujeito permaneceu inalterado através de uma longa tradição que passa por Hobbes, Locke,

¹ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p.896.

Hume, Leibniz, Espinoza. Este sentido do termo se mantém em uso corrente na terminologia gramatical e como tema ou assunto de um discurso.

Um segundo significado do termo sujeito nasce com Kant e se refere ao eu, à consciência ou à capacidade de iniciativa no mundo do conhecimento ou da ação. O sujeito é, para Kant, o eu enquanto atividade sintética ou de juízo, portanto, consciência, autoconsciência e apercepção. A tradição pós-kantiana está ligada a este significado (Fichte, Sheling, Hegel, etc.).

Dentre as diferentes acepções do termo sujeito, é a da psicanálise a que me interessa, provocando-me o desejo de investigar sobre o sujeito com o qual opera a psicanálise.

O que é o sujeito para a psicanálise? Como se constitui? Qual sua relação com o campo da linguagem? Como o conceito de inconsciente se articula com a constituição do sujeito? Foram estas perguntas iniciais, com as quais me deparei, que me levaram a pesquisar e a escrever esta dissertação. As obras dos grandes mestres da psicanálise, Freud e Lacan, constituíram a principal fonte de pesquisa.

Sigmund Freud (1856-1939) inaugura, com a psicanálise, uma nova forma de laço social, nomeada por Lacan de discurso analítico, que pressupõe o conceito de inconsciente e a cura pela palavra.

Escutando seus pacientes, Freud interessou-se pelo que aparecia de falho, de lacunar, de sem-sentido em seus discursos: os esquecimentos de nomes, os atos falhos, os chistes, os sonhos e os sintomas. A indagação freudiana incidirá sobre os

resíduos da vida psíquica, o que foi rejeitado pela consciência e que busca dizer-se através das formações do inconsciente.

Ao deparar-se com o fenômeno clínico da resistência, pode deduzir a repressão e supor uma Outra cena onde se desenrola a vida psíquica. Essa Outra cena é constitutiva do inconsciente, que irrompe no discurso como um equívoco, uma falta, um desfalecimento. Nesses momentos, Freud deu-se conta que se articulava algo da verdade do sujeito.

O conceito freudiano de inconsciente abre, inexoravelmente, uma fenda no sujeito, pensado até então como uno e senhor de si, constituindo uma ruptura com os paradigmas teóricos que o antecederam.

Mas Lacan, dirá no Seminário XI: “Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo — o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa — pois é Descartes quem o faz”². Ele se refere ao sujeito que nasce com o cogito cartesiano, que reconhecerá como o sujeito da psicanálise.

Descartes, nas *Meditações*, pretende livrar-se das falsas opiniões que recebera até então, na busca pelo conhecimento da verdade. O instrumento que utiliza para encontrar um ponto de certeza é a dúvida metódica, que é o exercício da dúvida sistemática e generalizada. Tudo o que seja enganoso, será abandonado.

Começa por duvidar do que foi aprendido pelos dados dos sentidos, que são enganadores. É o primeiro grau de dúvida. O argumento do sonho introduz um segundo grau de dúvida: “Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que

² LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. *O Seminário*. Livro XI (1964). 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. p.47.

estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nudo em meu leito?”³ Isto o leva a duvidar da existência do mundo exterior e do próprio corpo. Chegará a um terceiro grau de dúvida, com a hipótese metodológica de que pode haver um Deus enganador, um gênio maligno que o faz acreditar em tudo que está a sua volta, iludindo-o. Coloca em dúvida um saber mais resistente, as verdades matemáticas. A astronomia, a física e a medicina já haviam sido consideradas incertas. A dúvida é, então, universalizada, na primeira meditação.

Na segunda meditação, Descartes se pergunta pelo que existe afinal, e alcança uma primeira certeza. Se há um Deus que o pode enganar todo o tempo, é somente porque ele existe. Chega assim à proposição: Eu sou, eu existo. Ao perguntar-se sobre sua natureza, sobre o que é verdadeiramente, atinge uma segunda certeza: sou uma coisa pensante. “Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo tempo em que eu penso”⁴. Sua existência é autenticada no exato instante do pensar, não mais que isso. É o que o levará a formular: Penso, logo existo — *Cogito ergo sum*.

O que Lacan encontrou no cogito cartesiano, nas primeiras meditações? Ao operar com a dúvida hiperbólica, Descartes esvazia o sujeito de todos os saberes, representações, imagens. Acede a um ponto de certeza do sujeito no pensar. É o sujeito como puro vazio, um sujeito desencarnado. A leitura mais conhecida do cogito cartesiano, tende a identificar o sujeito ao eu, entendê-lo como uno e

³ DESCARTES, R. *Meditações*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.85.

⁴ Idem. *Meditações*. Op.cit., p.96.

substancial. No entanto, o que Lacan decifrou da leitura das primeiras meditações implica o sujeito como um ponto desvanecente, dessubstancializado, por essa operação de esvaziamento que leva ao cogito. O que ele encontra aí é o sujeito da psicanálise, o sujeito dividido, simbolizado por um S barrado (\$). Diz Lacan:

“(...) com o termo sujeito não designamos o substrato vivo de que precisa o fenômeno subjetivo, nem qualquer espécie de substância, nem qualquer ser do conhecimento em sua patia, segunda ou primitiva, nem mesmo o logos que se encarnaria em alguma parte, mas o sujeito cartesiano, que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza (...)”⁵.

Desde já é importante colocar que o sujeito da psicanálise, reconhecido no cogito, é o sujeito do inconsciente freudiano. Sujeito que irrompe no discurso cada vez que há formações do inconsciente: chistes, atos falhos, sonhos e sintomas.

O problema central desta pesquisa é investigar a constituição do sujeito através das operações de causação denominadas por Lacan de alienação e separação. Esta questão foi trabalhada especificamente no escrito *Posição do Inconsciente* e no Seminário XI - *Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise*, ambos de 1964.

Para chegar a abordar o tema das duas operações, um percurso fez-se necessário. Este estudo começa pela constituição do aparelho psíquico, tal como proposta por Freud. A repressão primária será o ato fundante do aparelho psíquico, operando uma cisão entre consciente e inconsciente. Na *Carta 52 a Fliess*, Freud

⁵ LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.122.

apresenta seu quadro esquemático do aparelho psíquico. Lacan o retoma, assinalando que entre a percepção e a consciência está o lugar do Outro onde o sujeito se constitui. O que ele encontra de fundamental no inconsciente freudiano é o significante.

A releitura do inconsciente via teoria do significante remete-nos, necessariamente, às referências tomadas por Lacan da lingüística, principalmente de Saussure e Jakobson. Resgatando a distinção saussureana entre *langue* e *parole* (língua e fala), Lacan introduz o sujeito como se constituindo no ato da fala, a partir de sua definição de fala plena. Fala que evoca a resposta do Outro, de onde emana o sentido.

Invertendo o signo saussureano, irá propor uma função ativa do significante na emergência do significado. Esta função se estrutura segundo duas leis da linguagem: metáfora e metonímia. Elas estabelecem as conexões possíveis dentro da cadeia significante.

No escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, consolida-se a teoria do Outro como “o lugar do tesouro do significante”⁶. É no campo do Outro que o sujeito irá constituir-se, pela ação do significante. Neste sentido, colocam-se as questões: Como é possível o sujeito se constituir no campo da linguagem? Que efeitos produz a ação do significante sobre o vivente? Quais os modos de conjunção/disjunção da relação do sujeito com o Outro?

⁶ Idem. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: *Escritos*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.288.

Essas questões remetem-nos para as operações de causação do sujeito — alienação e separação —, em sua dependência significativa em relação ao lugar do Outro. No que tange à primeira das duas operações, o percurso realizado implicou a noção do significante como causa, a afânise do sujeito, e a lógica do *vel* da alienação.

Quanto à segunda, investigou-se como o sujeito irá fazer-se um lugar nos intervalos da cadeia significativa, engendrar-se em termos de separação. O conceito de transferência será articulado com os momentos de abertura e fechamento do inconsciente. O campo da sexualidade, que só se manifesta no sujeito sob a forma das pulsões, será evocado através do mito da *lamelle*, tal como propõe Lacan.

O percurso desta dissertação abrange o período de 1953 a 1964, do ensino de Lacan, onde este articulou o sujeito com a estrutura da linguagem e com a fala. Excetua-se deste período o escrito *Intervenção sobre a transferência*, de 1951, utilizado como uma das referências para desenvolver a temática da transferência.

Como se trata de uma investigação teórica, o trabalho de pesquisa consistiu em ir ao encontro dos textos que apontassem no sentido do problema de pesquisa. Dentre estes, destacam-se os artigos metapsicológicos de Freud sobre a repressão, o inconsciente e a pulsão, de 1915; os trabalhos sobre transferência; a *Carta 52* e o capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*.

De Lacan, cabe ressaltar os escritos: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), *A instância da letra no inconsciente ou à razão desde Freud* (1957), *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960)

e *Posição do inconsciente* (1964). Dos seminários, o XI — *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* — foi especialmente relevante para esta dissertação; pois, além de abordar os conceitos de inconsciente, repetição, transferência e pulsão, foi, juntamente com o escrito *Posição do inconsciente*, onde Lacan trabalhou as operações de causação do sujeito, ponto nodal de sua constituição.

A temática das operações de causação do sujeito, alienação e separação, está longe de ter sido esgotada pela literatura psicanalítica. Dos autores pesquisados, destacam-se os cursos de J-A. Miller: *Del síntoma al fantasma y retorno* (1983); *Logique de la passe* (1994); 1, 2, 3, 4 (1984-85) onde apresenta logicamente as duas operações, e as referências tomadas de R. Harari, no livro *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1990). Os outros autores pesquisados fazem breves referências à questão, o que vem justificar este estudo.

Nesta dissertação, recorre-se ao aporte de outros campos do conhecimento, como a filosofia, a lingüística, a matemática, sem a pretensão de aprofundá-los, mas com o intuito de melhor apreender certas noções e conceitos e de explicitar algumas das referências de Lacan. Pois ele utilizou em sua obra um amplo espectro de referências teóricas: da lógica, da topologia, da literatura, da filosofia, da antropologia, etc. Pôde fazer uso, por exemplo, da lingüística e da antropologia estrutural, recursos que Freud não dispunha em sua época. Dispôs dessa diversidade de referências como instrumentos para construir sua teoria, estruturá-la logicamente, numa tentativa de formalização da psicanálise. Mas em nenhum momento deslocou-

se de sua posição de psicanalista, para se tornar um lingüista ou filósofo, por exemplo.

No Seminário XI, Lacan situa a psicanálise como uma práxis. E assim define o que é uma práxis: “(...) É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico”⁷. A psicanálise articula-se em sua dupla face de teoria e de prática clínica, onde a noção de sujeito aparece como central.

⁷ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.14.

CAPÍTULO I

O ADVENTO DO INCONSCIENTE

Desde a época da medicina praticada na Grécia, conhecemos “esse enigmático estado (...) que pode simular todo um conjunto de graves perturbações”¹ e que foi denominado histeria. É dentro do discurso médico que nasce o termo e, com os instrumentos que lhe são próprios, a partir de um determinado tipo de olhar - olhar clínico, olhar médico -, é que a histeria vai ser pensada e tratada. Há muito tempo, então, os histéricos vêm incomodando os médicos, questionando seu saber, porque apesar de todo esforço terapêutico, e de todos os aparatos e técnicas, o sintoma histérico permanece agarrado ao corpo daquele que dele padece, encenando ali um drama singular.

¹ FREUD, S. Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910). In: *Obras Completas*. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.XI. p.08. Optei trabalhar com as Obras Completas de Freud em espanhol, da Amorrortu editores, por ser uma tradução direta do alemão e também, por apresentar maior fidelidade ao texto de Freud, do que a tradução das obras para o português. A tradução das citações de textos do espanhol para o português, nesta dissertação, é de minha responsabilidade.

O histérico, por não se enquadrar dentro de uma enfermidade, cuja etiologia e prognóstico sejam conhecidos pelo médico, vem questionar este saber constituído. Deslocando o médico de seu lugar, deixa-o numa posição de impotência frente à sua impertinente demanda.

O texto de Etienne Trillat - *Regards sur L'hystérie* - nos convida a um reencontro com a clínica de Charcot: clínica do olhar, da observação. A histeria se configurava num quadro para ser visto, numa paisagem, onde se apreendiam certas linhas, certas figuras que apontavam a uma nosografia. A histeria era presa desse olhar que via o que seu próprio saber já havia colocado ali. Nesse contexto, a palavra do paciente não tinha nenhum valor, nenhum sentido. Resgatando Freud em seu artigo necrológico sobre Charcot, Trillat aponta o fracasso da clínica do grande mestre da Salpêtrière em sua abordagem da histeria.

Na primeira das *Cinco Lições de Psicanálise*, Freud coloca que seu caminhar ao lado dos médicos vai até certo ponto; afastando-se deles, seguirá ao lado de Breuer “uma rota absolutamente original”². Foi através da escuta das histéricas que Freud inventou a psicanálise. Elas lhe ensinaram o caminho do inconsciente. Pois, como diz Lacan:

“O traço diferencial da histérica é precisamente este - é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu desejo. De modo que não é de espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que ele tenha descoberto os mecanismos do inconsciente”³.

² Idem, p.08.

³ LACAN, J. A Excomunhão. In: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). *O Seminário*. Livro XI. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. p.19.

Investigando a causa e os mecanismos dos sintomas, dirá que estes não são produtos arbitrários da neurose, constituindo-se como resíduos de cenas traumáticas. Aponta como uma das principais características da neurose “essa fixação da vida psíquica aos traumas patogênicos”⁴. Isto é, certos acontecimentos dolorosos não podem ser esquecidos pelo neurótico, que vive sem poder deles desvencilhar-se. Por isso dirá Freud que “os histéricos sofrem de reminiscências”⁵.

Nos *Estudos sobre a Histeria*, relata ter se deparado com a dificuldade de que alguns pacientes não eram hipnotizáveis. Cabe lembrar que, nessa época, a hipnose era o método terapêutico utilizado no tratamento da histeria, através do qual buscava-se trazer à consciência as recordações patogênicas precipitantes do aparecimento dos sintomas, que desta maneira eram removidos.

Tornara-se necessário abandonar a hipnose, e buscar outros recursos que levassem às cenas patogênicas esquecidas. Freud passou a trabalhar com os pacientes utilizando o artifício da mão sobre a fronte de modo a fazer com que revelassem tudo o que sabiam, mesmo quando afirmavam nada mais saber. Neste caso, insistia, assegurando a seus pacientes que lembranças mais remotas poderiam vir à luz. Deduziu desta experiência que era possível trazer à consciência certas recordações, através de um ato de forçar (*drängen*) que exigia empenho e por isso sugeria a necessidade de superar uma resistência.

⁴ FREUD, S. Cinco Conferencias sobre Psicoanálisis. Op.cit., p.14.

⁵ Idem, p.13.

Freud constata que mediante o seu trabalho psíquico ele "... tinha que superar no paciente uma força que contrariava o advir consciente (recordar) das representações patógenas"⁶. Isto o fez pensar que as forças que se opunham, como resistência, a que o esquecido voltasse à consciência deveriam ser as mesmas que impediam o advir consciente das recordações patógenas que cooperavam para a gênese do sintoma. "A esse processo, diz ele, dei o nome de 'repressão' e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência".⁷ Portanto, foi através do fenômeno clínico da resistência, constatado a partir de uma inovação técnica, que Freud pode deduzir a repressão. Alguns anos mais tarde, em sua *História do movimento psicanalítico*, escreverá que "a doutrina da repressão é o pilar fundamental sobre o qual repousa o edifício da psicanálise, sua peça mais essencial"⁸.

1 Repressão Primária e Constituição do Aparelho Psíquico

Freud perguntava-se pelas condições que motivaram a repressão, encontrando como resposta o surgimento de um forte desejo, incompatível com certas exigências e desígnios do sujeito. Nessas circunstâncias, o prazer da

⁶ FREUD, S. Sobre la psicoterapia de la histeria. In: Estudios sobre la histeria (1893-95). *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1976. v.II. p.275.

⁷ Idem. Cinco Conferencias sobre Psicoanálisis (1910). *Op.cit.*, v.XI. p.20. Com relação ao termo alemão *Verdrängung*, preferimos traduzi-lo por repressão e não recalçamento, pois contém na própria palavra o *dräng* (pressão) da pulsão, o que volta a pressionar como força que imprime um impacto constante (*Konstante Kraft*). Somente em citações aparecerá o termo recalçamento.

⁸ Idem. Contribución a la Historia del Movimiento Psicoanalítico (1914). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu ed., 1976, v.XIV, p.15.

satisfação de uma moção pulsional transformar-se-ia em desprazer. “Produziria, portanto, prazer em um lugar e desprazer em outro”⁹.

A repressão evitaria um intenso desprazer, provocado pelo aparecimento de um representante de moção pulsional¹⁰ na consciência. O motivo da repressão seria uma incompatibilidade entre o ego do paciente e este representante que após um conflito cairia sob repressão.

Em seu artigo de 1915 *A Repressão*, Freud assinala que “... a essência da repressão consiste em afastar algo da consciência, mantendo-o à distância”¹¹. O que é preciso afastar da consciência, pôr de lado (*die Abweisung*), é o que poderá provocar desprazer.

Esta concepção articula-se com a suposição de que antes de ocorrer a repressão, a tarefa de rechaçar as moções pulsionais poderia ser realizada por outros destinos da pulsão, como a reversão no oposto ou o retorno em direção ao próprio eu.

Cabe lembrar, como afirma Freud, no início do presente artigo, bem como em *As pulsões e seus destinos*, que a repressão é um dos quatro destinos pulsionais,

⁹ Idem. La represión (1915). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.XIV, p.142.

¹⁰ Optou-se pelo termo moção pulsional conforme orientação; porém, há que se levar em conta as observações de Strachey e do tradutor da versão castelhana das *Obras Completas*, sobre o uso do termo “moção de desejo”. Em nota introdutória de *As pulsões e seus destinos* James Strachey assinala que o termo *triebregungen* (moções pulsionais) “parece não haver existido antes do artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907)” e que as pulsões estavam presentes, com outros nomes, como: “excitações”, “representações afetivas”, “moções de desejo”, “estímulos endógenos”, etc. (Strachey: 110, 1978). Em *Sobre la versión castellana das Obras Completas de Freud*, temos que: “‘moção’ aparece para designar em sua máxima generalidade, um movimento da psiquê. Assim, Freud dirá ‘moção pulsional’ (*triebregung*) se lhe interessa marcar que um movimento psíquico provém da pulsão. E falará de ‘moção de desejo’ para indicar que o movimento adquiriu a forma de um ‘desejo’ (*Wunsch*)”. (Etcheverry, 1978, p.50).

¹¹ FREUD, S. La represión (1915). Op.cit., p.142.

quais sejam: a reversão ao seu oposto; o retorno em direção ao próprio eu; a repressão; a sublimação.

Segundo Freud, há que se reconhecer um primeiro momento da repressão, uma repressão primária, na qual o representante psíquico da pulsão tem seu acesso à consciência negado, estabelecendo-se uma fixação desse representante.

“Temos razões para supor uma repressão primordial, uma primeira fase da repressão que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isto estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão permanece inalterado e a pulsão permanece ligada a ele”¹².

A fixação do *Vorstellungsrepräsentanz* equivale à sua exclusão da consciência, ficando a repressão associada a um processo de inscrição.

Lacan chama atenção para a tradução do termo empregado por Freud - *Vorstellungsrepräsentanz* -, que deve ser representante da representação e não representante representativo, como propuseram J. Laplanche e S. Leclaire, que pretenderam corrigir a tradução dada por ele. A tradução deste termo por representante representativo não contempla a distinção significante/significado que Lacan quer acentuar. A característica do *Vorstellungsrepräsentanz* é de constituir um significante sem um significado pontual e só localizável em uma rede. É uma palavra composta, como muitas outras em alemão, composta pelos termos *Vorstellung* (representação) e *Repräsentanz* (representante).

¹² Idem, p.143.

Para esclarecer o que é o *Repräsentanz*, o representante, Lacan toma como exemplo a função dos diplomatas. Quando dialogam, os diplomatas funcionam como puros representantes. Não importa sua significação própria das coisas, sua pessoa; o que eles representam deve estar além de toda interpsicologia. O representante deve ser entendido em sua pura função de significante.

A *Vorstellung*, a representação, está de outro lado, do lado da significação. Então, Lacan insiste que "... o que é recalcado não é o representado do desejo, a significação, mas o representante - traduzi literalmente - da representação"¹³, isto é, o efeito da fixação (inscrição) do *Vorstellungsrepräsentanz*.

O *Vorstellungsrepräsentanz* constitui o primeiro núcleo do reprimido, aquele ponto de atração (*Anziehung*), como indica Freud, que chama para si o reprimido secundariamente.

A repressão propriamente dita fracassaria se, além do rechaço exercido pelo consciente contra os representantes pulsionais, não houvesse simultaneamente uma atração vinda do inconsciente pelo que foi primariamente reprimido. Para que a repressão alcance seu propósito, é necessário que haja cooperação entre estas duas forças - atração e repulsão.

É preciso supor a anterioridade lógica da repressão primária, essa força de atração, como condição da repressão secundária. O que foi primariamente reprimido sustenta a repressão propriamente dita, e ao mesmo tempo se exclui do retorno do reprimido.

¹³ LACAN, J. O sujeito e o Outro (II): a afânise. In: *O Seminário*. livro XI. Op.cit., p.206.

Em *Topografia e dinâmica da repressão*, no artigo sobre *O Inconsciente*, Freud dirá que a repressão primária necessita de um processo que cuide de sua produção e permanência. Tal processo supõe um contra-investimento que opera a partir do sistema pré-consciente, protegendo-o da pressão que exerce o representante inconsciente. “É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão primária, mas é também o que garante sua permanência. O contra-investimento é o único mecanismo da repressão primária”¹⁴.

No já referido artigo sobre *A repressão*, Freud pontua a forte correlação entre repressão e inconsciente. Correlação esta que aparece desde o princípio da obra freudiana, desde os primeiros tratamentos de pacientes histéricos, nos quais, como já foi visto, a resistência se impôs como um fato clínico.

“A repressão não é um mecanismo de defesa presente desde a origem; não pode engendrar-se antes que se haja estabelecido uma cisão marcante entre atividade consciente e atividade inconsciente”¹⁵.

Estas palavras de Freud levam a pensar na repressão primária como este ato inaugural da constituição do aparelho psíquico que ela funda e divide em inconsciente e consciente. Cosentino, seguindo Freud, dirá que “não é possível sustentar a repressão sem, simultaneamente, incluir a constituição do inconsciente (...) repressão e inconsciente são conceitos necessariamente solidários”¹⁶.

¹⁴ FREUD, S. Tópica y dinámica de la represión. In: *Lo inconsciente* (1915). *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.XIV, p.178.

¹⁵ Idem, *La represión*. Op.cit., p.142.

¹⁶ COSENTINO, J.C. *La represión primária*. In: *Construcción de los conceptos freudianos*. Buenos Aires: Manantial, 1993. p.149.

A repressão primária enquanto fundante do aparelho psíquico, remete à constituição do sujeito no campo do Outro, que será articulada tendo como eixo a *Carta 52* (1896) e o capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900-1901).

Na *Carta 52* a Fliess, Freud formula a hipótese de que o mecanismo psíquico se formou por um processo de estratificação. A novidade de sua tese, segundo ele, é que “a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos”¹⁷.

Apresenta um esquema (fig. 1.1) onde os traços mnêmicos aparecem reordenados segundo diferentes transcrições (*Niederschriften*). Nesse esquema, as percepções (*Wahrnehmungen*) seriam a entrada de estímulos num puro plano perceptivo, numa impressão do mundo como bruta, ou seja, sem inscrição, sem memória. Podemos dizer que há, aqui, um corte entre percepção e memória.

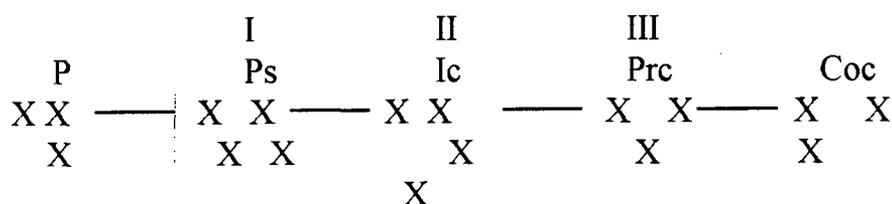


Figura 1.1¹⁸

Como primeira transcrição, temos os signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), inacessíveis à consciência. Freud nos diz que estes signos estão articulados segundo uma associação por simultaneidade. Lacan assinala que

¹⁷ FREUD, S. *Carta 52* (1896). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.I, p.274.

¹⁸ Idem, p.275.

aqui Freud se antecipa aos lingüistas, 50 anos antes, porque é da sincronia significante que ele fala. Dizer sincronia significante é dizer, com Lacan, bateria significante pensada em sua simultaneidade. Estes signos de percepção são, portanto, significantes.

A segunda transcrição é a da inconsciência (*Unbewusstsein*). De acordo com Lacan, esta seria mais organizada em função das recordações, constituindo mais especificamente um inconsciente. Esta segunda transcrição, nos diz Freud, é “ordenada segundo outros nexos, talvez causais”¹⁹. Referir-se a relações de causalidade é introduzir nessa estrutura a diacronia, apontar à metáfora e à metonímia.

A terceira transcrição, pré-consciência (*Vorbewusstsein*), está ligada à representações-palavra (*Wortvorstellung*) e às leis do processo secundário, correspondendo ao ego. No outro extremo do esquema apresentado por Freud está a consciência (*Bewusstsein*).

O essencial desse modelo, o que Freud nos mostra com a *Carta 52* é que entre a percepção (*Wahrnehmung*) e a consciência (*Bewusstsein*), nesse intervalo está o lugar do Outro onde o sujeito se constitui. Lacan coloca claramente, “aí está o lugar em que se joga a questão do sujeito do inconsciente”²⁰. Ainda nas palavras de Lacan, no *Seminário VII - A Ética da Psicanálise*, “(...) a cadeia que vai do mais

¹⁹ *Idem*, *ibidem*.

²⁰ LACAN, J. Da rede dos significantes. In: *O Seminário - Livro 11*. Op.cit., p.48.

arcaico inconsciente à forma articulada da fala no sujeito, tudo isso ocorre entre *Wahrnehmung* e *Bewusstsein*²¹.

No capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud retoma seu quadro esquemático do aparelho psíquico. Sua hipótese é que, de início, a primeira estrutura do aparelho psíquico seguia o modelo de um aparelho reflexo, de forma que quaisquer excitações que a ele chegavam eram rapidamente descarregadas pela via motora. É o “princípio de constância” governando o aparelho de forma a mantê-lo, tanto quanto possível, livre de estímulos. Freud atribui às “exigências da vida” a interferência nessa função simples do aparelho que é impulsionado a modificar-se. Poderíamos compreender essa interferência como a captura do vivente pelo significante, pelo aparato da linguagem que, operando sobre ele, o transforma em ser falante (*parlêtre*).

No ponto B deste capítulo, Freud vale-se de uma analogia do aparelho psíquico com um aparelho óptico. Pensa o aparelho psíquico como um instrumento composto por instâncias ou sistemas estabelecendo uma seqüência fixa entre eles.

O processo psíquico, assinala Freud, tem uma direção, se inicia com a entrada de estímulos (internos ou externos), transcorrendo desde o extremo da percepção até ao da motilidade; a excitação percorrendo os sistemas dentro de uma série temporal.

Introduz uma primeira diferenciação no extremo sensorial do aparelho, denominando de traço mnêmico [*Erinnerungsspur*] este traço que fica na memória

²¹ Idem. *Das Ding*. In: A ética da psicanálise (1959-60). *O Seminário*. Livro VII. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. p.67.

das percepções que chegam a nós. Supõe um primeiro sistema que recebe os estímulos perceptivos mas que nada conserva deles, carecendo, portanto, de memória e um segundo sistema atrás desse, que “transpõe a excitação momentânea do primeiro em marcas permanentes”²².

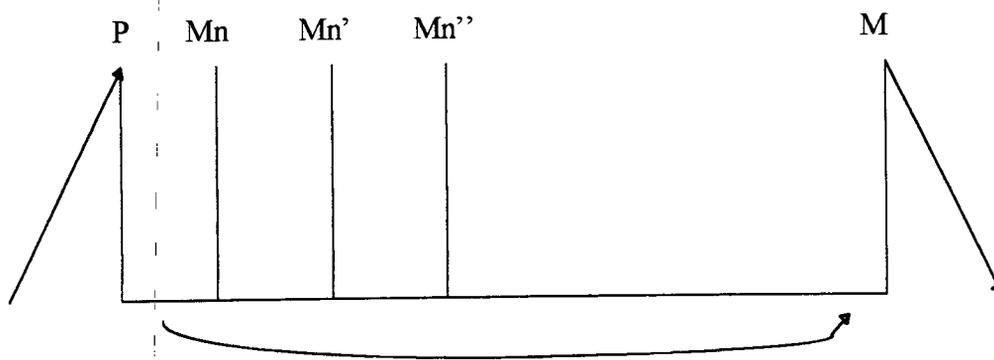


Figura 1.2²³

Freud supõe que as percepções aparecem enlaçadas entre si na memória, conforme um encontro por simultaneidade, chamando a isto de associação. Supõe que a base das associações são os sistemas mnêmicos, nos quais a excitação propagada experimenta uma fixação. No primeiro desses sistemas (Mn), teremos uma “fixação de associação por simultaneidade”²⁴.

Nos sistemas mais afastados, os traços mnêmicos se ordenariam segundo outras classes de encontro, como as relações de semelhança. Lacan reencontra aqui as funções de contraste e semelhança, tão essenciais na constituição da metáfora.

²² FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900-1901). In: *Obras Completas*. Op.cit., v.V, cap.VII, p.532.

²³ *Ibidem.*

²⁴ *Idem, ibidem.*

Freud seguirá seu texto fazendo referência a duas instâncias - inconsciente e pré-consciente - situando-as no seu esquema do aparelho psíquico. Situa o pré-consciente no extremo motor, indicando que os processos de excitação ocorridos nele podem alcançar sem demora a consciência. Atrás deste sistema situa o inconsciente, e ressalta que as marcas mnêmicas que produzem os efeitos mais fortes são as que quase nunca se tornam conscientes.

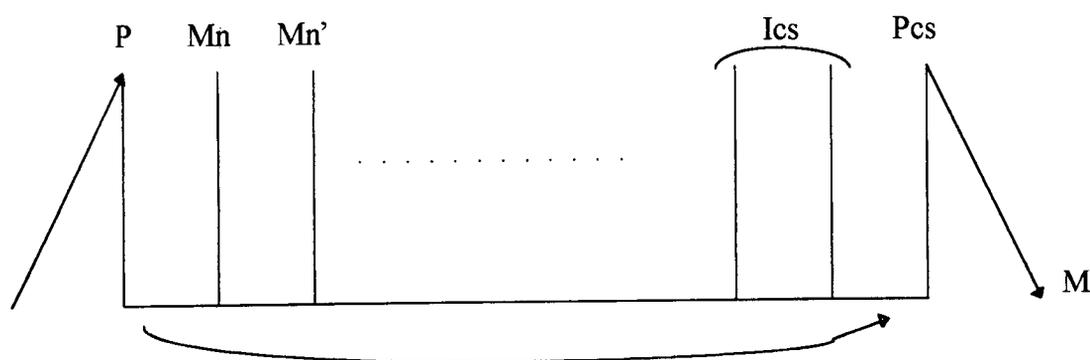


Figura 1.3²⁵

Outra característica do aparelho psíquico é que ele tem um sentido dinâmico, progressivo e regressivo. Estes dois sentidos do processo psíquico são diferenciados com relação ao sonho e à vigília. Na segunda, quando o sentido dos processos psíquicos se dá desde o inconsciente até à consciência, chama-se progressivo. Nos sonhos, a direção dos processos psíquicos tem um caráter regressivo. Freud sustenta que o recordar também “corresponde a uma marcha para trás dentro do aparelho

²⁵ Idem, p.534.

psíquico, desde algum ato complexo de representação até o material bruto das marcas mnêmicas que estão em sua base”²⁶.

Seguindo Freud poderíamos perguntar: por que os traços de memória se inscrevem no aparelho psíquico? Porque esse aparelho se constitui como barreiras à descarga total da energia vinda do mundo externo. Articulado com palavras de Lacan: “no nível do *ich*, do inconsciente em função, algo se regula, que tende a afastar o mundo exterior (...) é a estrutura que regula a descarga, é a função que a retém (...) é o *ich* como suporte de quantidade e de energia que constitui o âmago do aparelho psíquico”²⁷.

A repressão primária é fundante do aparelho psíquico, responsável pela sua divisão em instâncias. E, o que é primeiramente reprimido no inconsciente, não é passível de recordação, pois escapa a qualquer possibilidade do dito. O representante primordialmente reprimido não faz série com outros representantes da cadeia associativa, é único, está excluído do retorno do reprimido. Tal representante leva a um ponto de carência na cadeia associativa, constituindo um limite à rememoração. É o que Freud diz suportar a hiância umbilical do sonho: representantes não ligados, inacessíveis ao processo secundário.

Lacan retoma a questão da rememoração no Seminário XI, com relação à repetição significativa, chamada *automaton*. Trata-se da insistência, do retorno de significantes aos quais estamos comandados - significantes articulados em uma rede, uma cadeia. O termo rememoração não se refere, então, à lembranças factuais, à

²⁶ Idem, p.536.

²⁷ LACAN, J. A ética da psicanálise (1959-60). Op.cit., p.67-8.

reprodução de cenas esquecidas, mas ao retorno de significantes numa cadeia. Retorno que marcha até ao limite da repressão primária. A rememoração, diz Lacan,

“... não é a reminiscência platônica, não é o retorno de uma forma, de uma impressão, de um dos eidos de beleza e de bem que nos vem do além, de uma verdade suprema. É algo proveniente das necessidades de estrutura, de algo humilde, nascido ao nível dos mais baixos encontros e de toda turba falante que nos precede, da estrutura do significante, das línguas faladas de modo balbuciante, tropeçante...”²⁸.

A reminiscência platônica tem valor de significado, de uma hierarquização de significados, onde, por exemplo, o bem e a beleza são supremos. A rememoração, tal como a resgata Lacan, diz respeito aos significantes e suas articulações na linguagem, onde cada significante só tem valor pela sua relação com outros significantes.

No seminário sobre *A Identificação*, Lacan refere-se a um significante original, marca sobre o sujeito, da *Urverdrängung*. O que quer que venha representá-la,

“em toda espécie de outra reaparição do que responde ao significante original (...) faltará sempre, essa marca que é a marca única do surgimento original de um significante original que se apresentou uma vez no momento no qual o ponto, o algo da *Urverdrängung* em questão, passou à existência inconsciente...”²⁹.

²⁸ Idem. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Op.cit., p.50.

²⁹ LACAN, J. *La Identificación*. Seminário IX (inédito). Classe de 10/01/62.

A *Urverdrängung* designa justamente o que não pode vir a ser dito. O discurso do analisante gira em torno do que não se pode dizer, é sempre metonímico com relação ao reprimido originário.

A repressão primordial é da ordem do não-representado, um tempo aberto, impossível de ser fechado. Este momento inaugural da divisão fundante do sujeito que é a *Urverdrängung*, será abordado por Lacan pelas duas operações de causação do sujeito, alienação e separação. O sujeito está separado do sentido do seu discurso, pelos efeitos do que é para Freud a repressão primária.

2 Repressão Secundária e Retorno do Reprimido

O segundo tempo da repressão caracteriza a repressão propriamente dita, ou repressão secundária. Ela atua sobre os derivados psíquicos do representante reprimido ou sobre cadeias de pensamento que tenham relação associativa com ele. Os derivados psíquicos e pensamentos que entram num vínculo associativo com os representantes reprimidos experimentam o mesmo destino que o reprimido primordial.

Portanto, nos diz Freud, "... a repressão propriamente dita [*Eigentliche Verdrängung*] é uma pressão posterior [*Nachdrängen*]"³⁰. Conforme nota do editor inglês James Strachey, Freud emprega o mesmo termo — *Nachdrängen* — em seu

³⁰ FREUD, S. La represión. Op.cit., p.143.

relato do processo na análise de Schreber e também no artigo sobre *O inconsciente*. Porém, mais de vinte anos depois, em *Análise Terminável e Interminável* (1937), ao referir-se a tal processo, empregará o termo *Nachverdrängung* que significa pós-repressão ou repressão ulterior.

Lacan, no Seminário I, retoma esta idéia de Freud, ao dizer: “A *Verdrängung* é sempre uma *Nachverdrängung*”³¹, ou seja, a repressão é sempre uma repressão posterior.

A repressão trabalha de maneira altamente individual, isto é, os representantes a serem reprimidos são tomados um a um. Ela é extremamente móbil, não atua necessariamente sobre o mesmo representante. Um representante que foi num determinado momento reprimido, em outro pode não o ser. De acordo com Freud, trata-se de mudanças no “jogo das forças mentais”, o que provocou desprazer pode vir a dar lugar ao prazer.

É importante sublinhar que a repressão não é um estado, mas um processo. Trabalha incessantemente e não ocorre de uma vez por todas, é necessário sua reiteração. “A repressão exige um dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito da repressão correria perigo, tornando-se necessário um novo ato de repressão”³².

Em seu artigo metapsicológico sobre a repressão, Freud destaca outro elemento do representante psíquico da pulsão. Refere-se à quota de afeto, que diz respeito à energia pulsional, ao fator quantitativo do representante pulsional. A

³¹LACAN, J. *Zeitlich - entwicklungsgechichte*. In: Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54). *O Seminário*. Livro I. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. p.185.

³²FREUD, S. *La represión* (1915). Op.cit., v.XIV, p.146.

quota de afeto (*Affektbetrag*) para Freud não é o afeto psicológico, os sentimentos; trata-se da energia pulsional (libido ou interesse). A quota de afeto tem três destinos possíveis: o afeto persiste como tal; transforma-se num afeto qualitativamente diferente, particularmente em angústia; é suprimido ou sufocado (*Unterdrückt*), isto é, impede-se o seu desenvolvimento.

Freud aponta para a inexistência de afetos inconscientes. O que a repressão atinge são os representantes pulsionais, ou, em termos lacanianos, os significantes. O afeto não é reprimido, tornando-se, assim, consciente.

Freud recorda que o motivo da repressão é evitar o desprazer, e sendo assim o destino da quota de afeto é fundamental. Porque se a repressão não conseguir impedir que apareçam o desprazer e a angústia, considera-se o seu fracasso, mesmo que haja obtido sucesso com relação ao outro componente do representante pulsional.

Posteriormente, no texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), será a angústia de castração que mobilizará a repressão. Nesse sentido a angústia não foi produzida pela repressão, mas a provocou.

Estudando os efeitos da repressão nas psiconeuroses, foi possível a Freud verificar que apesar da repressão, os representantes pulsionais continuam a existir no inconsciente, se organizam, formam derivados e conexões. Este fato levou-o a pensar que a repressão só interfere na relação do representante com o sistema psíquico consciente. Assim, o representante reprimido retirado da influência da consciência se prolifera e desenvolve-se mais vivamente, encontrando formas de

expressar-se, quais sejam num sintoma, sonho ou outra formação do inconsciente. Como assinala Freud: “a repressão deixa sintomas em seu rastro”³³.

Quando os neuróticos se deparam com estas formas de expressão do reprimido, lhes parecem alheias, provocando estranhamento e temor. São surpreendidos por sua própria divisão, por processos que escapam aos poderes do eu e, como um grupo psíquico separado, são regidos por suas próprias leis, leis do processo primário, ou metáfora e metonímia para Lacan.

As formações substitutivas ou formações do inconsciente são indícios de um retorno do reprimido, o qual pode ser considerado como um terceiro tempo no processo de repressão. O reprimido pode então retornar, burlando a censura e conseguindo chegar à consciência sob a forma de substitutos.

Freud nos mostra, através de exemplos, como aparece o retorno do reprimido nas psiconeuroses: fobia, histeria, neurose obsessiva.

Na fobia, toma o historial do Homem dos Lobos, mostrando que a moção pulsional reprimida³⁴ é uma “atitude libidinal para com o pai, aliado ao medo dele”³⁵. Após a repressão, esta moção desaparece da consciência, de modo que o pai não aparecerá como objeto da libido, sendo substituído por um objeto fóbigeno, o lobo. A formação de substituto, neste caso, ocorreu por deslocamento, ao longo de uma cadeia de conexões. A parcela quantitativa do representante pulsional (quota de afeto) foi transformada em angústia, e o resultado é o medo frente ao lobo, em vez

³³ Idem, p.149.

³⁴ Quando nos referimos a uma moção pulsional inconsciente ou reprimida, aludimos a uma moção pulsional cujo representante da representação é inconsciente. Como assinala Freud no capítulo II de *O inconsciente*, uma pulsão não pode passar a ser objeto da consciência.

³⁵ FREUD. S. La represión (1915). Op.cit., p.149.

de uma exigência de amor feita ao pai. Segundo Freud, nas fobias o mecanismo de repressão é destituído de êxito, no que se refere a evitar o desprazer. O trabalho da neurose passaria para um segundo momento, com as tentativas de fuga do objeto fobígeno, através de uma série de medidas cautelares e precautórias.

Na histeria de conversão, Freud assinala que há um desaparecimento total da quota de afeto, exibindo o paciente em relação ao seu sintoma, o que Charcot denominava *la belle indifférence des hystériques*. O representante pulsional é retirado da consciência. O sintoma como um substituto aparece no corpo através de inervações somáticas, sensoriais ou motoras, como excitação ou inibição. Há um processo de condensação da área superinervada com o representante pulsional reprimido, ficando a região afetada, superinvestida. Como a repressão só é possível ao preço de uma extensa formação de substitutos, ela pode ser considerada sem êxito. Mas no tocante à quota de afeto, ela é geralmente coroada de êxito.

“A neurose obsessiva [diz Freud] tem por base uma regressão, devido à qual uma tendência sádica foi substituída por uma afetiva [terna]. É esse impulso hostil contra alguém que é amado, que se acha sujeito a repressão”³⁶. Num primeiro momento a repressão é bem sucedida quanto ao representante pulsional que é rechaçado, desaparecendo também o afeto. A repressão se utiliza da *formação de reação*³⁷, intensificando um oposto. Porém, o reprimido consegue retornar pela

³⁶ Idem, p.151.

³⁷ Mecanismo de defesa que se constitui como uma reação oposta à realização de um desejo. Por exemplo, pudor que se opõe às tendências exibicionistas. Em termos econômicos a formação reativa é um contra-investimento de um elemento consciente, de força igual e direção oposta ao investimento inconsciente. As formações reativas são especialmente manifestas na neurose obsessiva, podendo adquirir a forma de traços de caráter. Cf. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Diccionario de Psicoanálisis*. Barcelona: Labor, 1974.

ambivalência que permitiu à repressão o mecanismo de formação reativa. O afeto retorna transformado em angústia social, angústia da consciência moral e autocensura. O representante rejeitado retorna através de um substituto por deslocamento. O mecanismo de fuga por meio de evitações e proibições encontra-se também presente nesta neurose. “Na neurose obsessiva o trabalho de repressão se prolonga numa luta estéril e interminável”³⁸.

Com estes exemplos, Freud articulou o estudo da repressão às diferentes psiconeuroses, procurando mostrar que a repressão se torna inteligível somente a partir de seus efeitos. Isto sugere que não seria possível referir-se a repressão secundária se não houvesse o retorno do reprimido.

Nesse sentido, Lacan, retomando a teoria freudiana da repressão, dirá que o reprimido e o retorno do reprimido são a mesma coisa. Utiliza-se do historial clínico do Homem dos Lobos, recordando que, neste caso, o recalque está associado ao valor traumático da cena de copulação dos pais em posição *a tergo*. Esta cena nunca pode ser lembrada pelo paciente, ela foi reconstruída por Freud, a partir de suas consequências para o comportamento do sujeito.

Freud situa o evento da copulação quando o menino deveria ter $n + \frac{1}{2}$ ano de vida. E Lacan vai deduzir que este n não pode ser superior a 1 (um). No entanto, o valor traumático da cena em questão não deve ser situado logo após o evento, mas bem mais tarde, entre os 3 (três) anos e três meses e 4 anos. Nesta data, o sujeito tem seu primeiro sonho de angústia na época de natal, data de seu aniversário.

³⁸ Idem, p.152.

Freud vai situar o recalque em torno da idade de quatro anos e não no momento original. Tal momento tem o valor de uma cunhagem, uma *Prägung* do evento traumático. Trata-se de algo que não foi integrado a um sistema simbólico, não foi verbalizado, não alcançou significação. Por isto, Lacan irá limitá-la a um domínio imaginário, ressurgindo depois, quando os eventos da vida do sujeito estarão organizados num universo simbólico. A *Prägung* só surgirá a partir do momento em que for integrada ao jogo dos símbolos, no só depois (*nachträglich*), adquirindo o valor de trauma. Conforme Lacan, então, entre o momento original, a cunhagem e o recalque simbólico, não há diferença essencial.

“Há apenas uma diferença: é que, naquele momento, ninguém está lá para lhe dar a palavra. O recalque começa, depois de ter constituído o seu primeiro núcleo. Há agora um ponto central em torno do qual se poderão organizar, em seguida, os sintomas, os recalques sucessivos, e ao mesmo tempo - porque o recalque e a volta do recalçado são a mesma coisa - a volta do recalçado”³⁹.

Nesta perspectiva, Lacan pontua que o retorno do reprimido no sintoma deve ser entendido como um retorno desde o futuro e não desde o passado. Isto quer dizer que o sintoma deve ser pensado como um traço incompreendido, enigmático, que será reintegrado à cadeia simbólica, no processo de uma análise. É a partir de um projeto futuro que o sujeito ordena as contingências atuais e os acontecimentos passados. O que se apresenta como um dado, um fato acontecido, só poderá se inscrever, na medida em que ganhe um valor significativo, na perspectiva de uma

³⁹ LACAN, J. Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54). Op.cit., p.222.

inscrever, na medida em que ganhe um valor significativo, na perspectiva de uma história, de um futuro. Tal concepção está fundamentada no conceito heideggeriano de projeto, desenvolvido em *O ser e o tempo* e retomado por Sartre em *O ser e o nada*, como esclarece J-A. Miller (*Silet*, 1995).

Assim, no Seminário I, diz Lacan: “O que vemos sob a volta do recalcado é o sinal apagado de algo que só terá o seu valor no futuro, pela sua realização simbólica, sua integração na história do sujeito”⁴⁰.

Esta citação pode ser articulada ao que o próprio Lacan refere nos *Escritos* sobre o inconsciente como o “capítulo censurado” da história do sujeito, “marcado por um branco”⁴¹, onde a verdade pode ser reencontrada. Trata-se de uma verdade escrita no corpo, como no caso da histeria, onde o sintoma, evidencia, a estrutura de uma linguagem e pode ser decifrado como um hieróglifo, uma inscrição significante.

É do campo da linguagem, da função da palavra na experiência analítica, do inconsciente e da noção de causa que trataremos no capítulo seguinte.

⁴⁰ Idem, p.186.

⁴¹ Idem. *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (1953). In: *Escritos*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.124.

CAPÍTULO II

A LINGUAGEM, O INCONSCIENTE E A CAUSA

1 A função da fala

Lacan data o início de seu ensino em 1953, a partir do escrito *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, propondo um retorno ao sentido da obra freudiana, aos fundamentos da psicanálise. Considerou os textos que precedem este escrito como os seus antecedentes. Entre eles estão: *A agressividade em psicanálise* (1948); *O estadio do espelho como formador da função do eu tal como se nos revela na experiência psicanalítica* (1949); *Intervenção sobre a transferência* (1951).

Com o escrito de 1953 que ficou conhecido como o “Discurso de Roma”, Lacan começa a articular o inconsciente com a estrutura da linguagem e com a fala. Esta articulação tornou-se possível pelo seu encontro com a lingüística estrutural de Saussure, via Claude Lévi-Strauss e Roman Jakobson.

Para Saussure a linguagem tem uma face social e uma face individual, não se podendo conceber uma sem a outra. A língua, é um produto social, um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social, permitindo o exercício da linguagem entre os indivíduos.¹ A língua é um sistema de signos que tem um lugar essencial dentre os fatos da linguagem. É registrada passivamente e é exterior ao indivíduo, que sozinho não pode criá-la, nem modificá-la. Saussure apresenta-a como “um ‘tesouro’ onde se armazenariam os signos”².

A fala é a atualização da língua, enquanto código, pelos sujeitos falantes. Implica um ato individual de vontade e inteligência. Para expressar-se, o indivíduo tem que selecionar e combinar elementos da língua. Falar envolve, também, um mecanismo psicofísico. Saussure situa o ato individual que possibilita reconstruir o circuito da palavra. Supõe dois indivíduos, A e B em conversação:

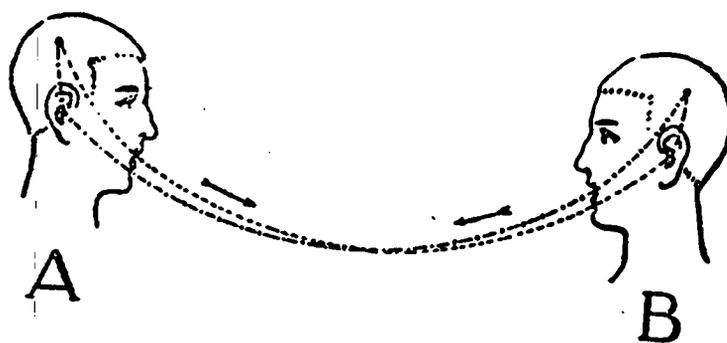


Figura 2.1³

¹Utilizou-se indivíduo e não sujeito, porque em Saussure não há a noção de sujeito tal como será inaugurada por Lacan.

²DUCROT, O., TODOROV, T. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1983, p.144.

³SAUSSURE, F. *Curso de lingüística general*. Buenos Aires: Ed. Losada, 1979. p.54.

O circuito se inicia no cérebro de A, por exemplo, onde os conceitos se encontram associados às representações dos signos lingüísticos. Esta é a parte psíquica do processo, na qual um certo conceito desencadeia no cérebro uma imagem acústica correspondente. Segue-se um fenômeno fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo à imagem. Logo seguir-se-á uma parte puramente física do processo: as ondas sonoras se propagam da boca de A ao ouvido de B.

O circuito continuará em B, numa ordem inversa: a imagem acústica será transmitida, fisiologicamente, do ouvido ao cérebro, e associar-se-á ao conceito correspondente. Se B fala, um novo ato de fala será produzido, sucedendo-se as mesmas fases.

Vale esclarecer que a imagem acústica não é o som material, mas sua marca psíquica, sua representação. Conceito e imagem acústica são os dois termos implicados no signo lingüístico. “O que o signo lingüístico une não é uma coisa e um nome, e sim um conceito e uma imagem acústica”⁴, um significado e um significante. Pode ser representado da seguinte forma:

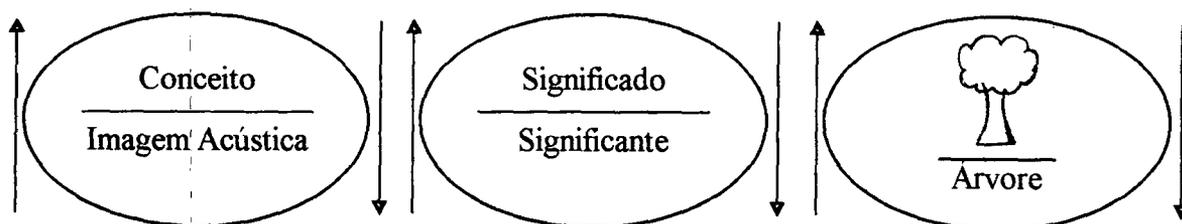


Figura 2.2⁵

⁴SAUSSURE, F. de. Op.cit., p.128.

⁵Idem, p.129.

O signo lingüístico é, então, a combinação do conceito e da imagem acústica - duas faces que se correspondem, sem que uma tenha primazia sobre a outra, estando ambas intimamente unidas.

O signo lingüístico possui duas características principais. A primeira, pode ser enunciada assim: “o signo lingüístico é arbitrário”⁶. Dizer arbitrário é dizer imotivado com relação ao significado, pois não guarda com ele nenhum laço natural. O conceito de mesa não tem uma relação interna com a seqüência de sons que me serve de significante; poderia estar representado por qualquer outra seqüência de sons.

As referências entre as línguas comprovam a arbitrariedade do signo, onde um significado terá significantes diferentes. Ex.: *Horse, cavalo, cheval, caballo, pferd* etc. Saussure sublinha que a palavra arbitrário não quer dizer que o significante dependa da livre escolha do falante, já que não está nas mãos do indivíduo mudar um signo lingüístico uma vez que ele tenha sido estabelecido.

A segunda característica se refere ao caráter linear do significante. “... os significantes acústicos não dispõem mais que da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia”⁷. Quando estes significantes são representados por meio da escrita, esta característica é imediatamente verificável. A sucessão no tempo é substituída pela linha espacial dos signos gráficos.

⁶Idem, p.130.

⁷Idem, p.133.

A língua é um sistema cujos termos se definem uns em relação aos outros, onde o valor de cada um resulta da presença simultânea dos outros, conforme este esquema:

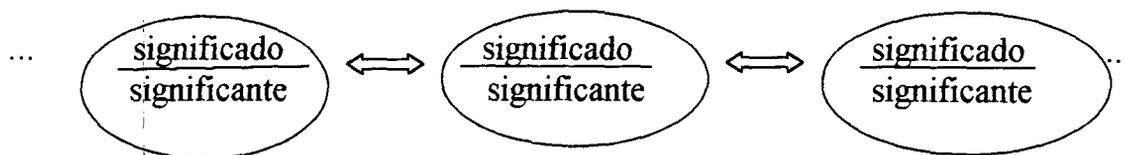


Figura 2.3⁸

Cada termo consiste em ser o que os outros não são. É uma definição relacional, fundada no princípio de oposição, ou seja, na pura diferença. Em seu *Curso de lingüística geral*, diz Saussure: “... na língua não há mais que diferenças; mais ainda, as diferenças supõem, em geral, termos positivos entre os quais elas se estabelecem; mas na língua não há mais que diferenças, sem termos positivos”⁹. É uma hipótese anti-substancialista, na medida em que não existem propriedades intrínsecas, que possam ser consideradas por si mesmas. Os termos se condicionam reciprocamente, são solidários. Portanto, “a língua é uma forma e não uma substância”¹⁰.

O título do Discurso de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, aponta para a distinção saussureana entre língua e fala. Lacan, mantendo esta distinção, explicita seu empenho em recuperar o fundamento da fala

⁸ Idem, p.195.

⁹ Idem, p.203.

¹⁰ Idem, p.206.

na experiência analítica, abandonada pelos pós-freudianos. No esquema do circuito da palavra, proposto por Saussure, Lacan introduzirá uma dissimetria. A formalização da estrutura da palavra, fundada na mediação, implica uma não simetria entre o locutor e o auditor. É o auditor que dá sentido à fala do locutor, ou seja, o sentido vem do outro. Diz Lacan:

“Pois a função da linguagem não é aí de informar, mas de evocar. O que eu procuro na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha questão. Para me fazer reconhecer pelo outro, eu não profiro o que foi senão em vista do que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deverá assumir ou recusar para me responder”¹¹.

Dá como exemplo o sujeito que profere: “És minha mulher”, e que assim sela sua posição como o homem do casal.

A fala está colocada como interlocução que implica a intersubjetividade, mais além de sua dimensão imaginária. Neste escrito, Lacan refere-se à experiência analítica como uma interlocução psicanalítica. O analista, cada vez que intervém convocado em sua função pelo analisante, decide o sentido do discurso do sujeito. Assim, diz Lacan: “... a psicanálise só tem um meio: a fala do paciente (...) Ora toda fala chama resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo se ela encontra apenas o silêncio, com a condição de que ela tenha um ouvinte, e que este é o âmago de sua função na análise”¹².

¹¹ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.163.

¹² *Idem*, p.112.

Lacan apresentará o sujeito como se realizando na fala, a partir de sua definição de fala plena. Na fala plena o sujeito não se designa a si mesmo, mas encontra seu estatuto através daquele que o escuta. Destaca a experiência analítica como colocando em causa a fala plena. Trata-se da fala em sua função simbólica, de pacto, envolvendo o reconhecimento de um pelo outro. Fala que é expressão viva do sujeito que se cria em seu ato; fala reveladora, que compromete o sujeito com a emergência da verdade. Esta interlocução que coloca em jogo a fala plena envolve um questionamento a respeito da verdade que demanda uma resposta, implicando, assim, o ouvinte.

No Seminário I, pontua que: “A palavra plena é palavra que faz ato. Um dos sujeitos se encontra, depois, outro que não o que era antes”¹³. O ato da palavra, ao mesmo tempo que vincula sujeitos a esse pacto que os transforma, os constitui como tal. A palavra plena é aquele termo significativo do discurso que reordena tudo o que foi dito antes.

É importante notar que é a partir desse escrito que o Outro se irá impor com seu O maiúsculo¹⁴, ainda que Lacan o escreva com um o minúsculo. Afirma que “a alocação do sujeito aí comporta um alocutário: em outras palavras, que o locutor aí se constitui como intersubjetividade”¹⁵. E, numa nota incluída em 1966, acrescenta: “mesmo se fala ‘com uma personagem que não está em cena’. Ele se dirige a esse (grande) Outro do qual consolidamos a teoria desde então e que comanda algum

¹³ Idem. Sobre o narcisismo. In: *O Seminário. Livro I - Os Escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p.129.

¹⁴ *Autre* em francês, cuja notação algébrica lacaniana é *A*.

¹⁵ LACAN, J. Função e Campo da Fala e da linguagem em psicanálise. Op.cit., p.123.

époché na retomada do termo ao qual nos restringimos ainda nessa data: intersubjetividade”¹⁶. O Outro tal como é apresentado nesse escrito, ao qual a fala se dirige, é o Outro do sentido, Outro que se pode chamar de testemunha, Outro do reconhecimento, mas ainda não é o Outro como tesouro do significante. No entanto, não se confunde com o outro da relação simétrica, imaginária, especular: “eu - outro”, ou “a - a’ ” como aparecerá no esquema *L* apresentado no Seminário II.

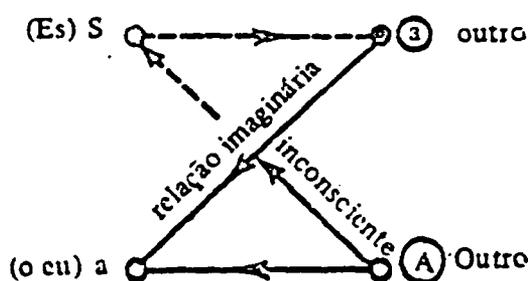


Figura 2.4¹⁷

O eixo S—A designa o pólo simbólico da intersubjetividade, onde está em jogo o discurso do inconsciente, onde se insere a fala na relação do sujeito ao Outro. Aqui, o sujeito ainda não se encontra barrado. É o sujeito que se anuncia no ato da fala, necessitando, para se constituir como tal, da mediação do Outro. É “o sujeito analítico, ou seja, não é o sujeito em sua totalidade”.¹⁸ O Outro em questão é Outro da relação intersubjetiva, Outro sujeito. É no Outro que se fundamenta a fala.

No pólo oposto, encontra-se o par imaginário eu—outro da relação especular e narcísica onde o eu se constitui numa relação de identificação ao outro. O que

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem. Introdução do grande Outro. In: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55). *O Seminário - livro II*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987. p.307.

¹⁸ Idem, p.307.

predomina é a inércia imaginária da relação com o semelhante. “... o plano do espelho dos ego-ais e dos outros homogêneos”¹⁹. A fala que aqui entra em jogo não é a fala plena, mas trata-se da função da fala em sua outra vertente: a fala vazia. É a fala em seu caráter informativo, onde se pode distinguir a comunicação ao nível da discussão que pretende chegar a um acordo acerca do objeto, enquanto exterior à palavra. Manifesta-se numa análise, por exemplo, quando o analisante relata as informações, os conhecimentos que detém sobre seu estado, seu problema, inclusive seus preconceitos. “O sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo ao se assemelhar a ponto de se enganar, jamais se anexará à assunção do seu desejo”²⁰. Na fala vazia não há efeito de ponto de estofo (*point de capiton*), ou seja, aquele ponto que reordena o discurso. Lacan designa, também, este pólo como o “muro da linguagem”. Diz: “O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem”²¹. E afirma ainda: “a análise deve visar a passagem de uma fala verdadeira, que junte o sujeito a um outro sujeito do outro lado do muro da linguagem. É a relação derradeira de um sujeito a um Outro verdadeiro, ao Outro que dá a resposta que não se espera, que define o ponto terminal da análise”²².

¹⁹ Idem, *ibidem*. Segundo nota da tradutora, o termo ego-ais refere-se ao francês *des ego* (egos), onde há homofonia com *des égaux* (iguais).

²⁰ Idem. *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. Op.cit., p.118.

²¹ Idem. *O Seminário*, Livro II. Op.cit., p.308.

²² Idem, p.310.

2 O campo da linguagem

O escrito *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* apresenta de modo paradigmático o inconsciente estruturado como uma linguagem, a primazia do simbólico.

Lacan toma de Saussure seu esquema do signo, retificando o paralelismo entre significante e significado, tal como este o postulava. Introduz uma função ativa do significante na determinação do significado, ou seja, o significante tem primazia com relação ao significado. Esta subordinação do significado ao significante foi escrita por Lacan através do algoritmo saussureano:

$$\frac{S}{s} \left(\frac{\text{Significante}}{\text{significado}} \right)$$

“que se lê: significante sobre significado, o sobre correspondendo à barra que separa as duas etapas”²³.

Cabe esclarecer que algoritmo é um termo da matemática que significa o “processo de cálculo ou de resolução de um grupo de problemas semelhantes em que se estipulam, com generalidades e sem restrições, regras formais para a obtenção do resultado ou da solução do problema”²⁴. Para Lacan, é a regra que separa o significante do significado; pois não há união possível entre os dois. Eles

²³ Idem. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957). In: *Escritos*. Op.cit., p.227.

²⁴ FERREIRA, A.B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.68.

estão separados por uma barra, marcando uma “barreira resistente à significação”²⁵. De um lado, então, está o que é da ordem do significante - as palavras, os sons, os fonemas (fala) e as letras (escrita) -, de outro lado há o que é da ordem do significado, do que se compreende.

A supremacia do significante, bem como sua estrutura articulada, é sublinhada por Lacan através do seguinte exemplo. Passageiros de um trem que chegam à estação, dois irmãos, um menino e uma menina, sentados um de frente para o outro, vêem desfilar através da janela as cabines da plataforma onde pára o trem: “Olha, diz o irmão, chegamos em Senhoras! - Imbecil! responde a irmã, não vê que chegamos em homens!”²⁶

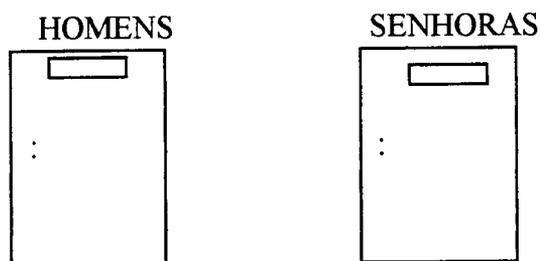


Figura 2.5²⁷

As crianças escolhem o significante correspondente ao sexo oposto, e não o significado, o conceito. “Homens e senhoras serão desde então para essas crianças duas pátrias para as quais suas almas se atirarão cada qual com uma asa divergente...”²⁸. É a lei da diferença sexual que funda o processo aqui descrito, “lei

²⁵ LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. Op.cit., p.228.

²⁶ Idem, p.231.

²⁷ Idem, p.229.

²⁸ Idem, p.231..

da segregação urinária”²⁹, diz Lacan. O significante inscreve lugares distintos, divide os lugares, os institui; inscreve a diferença como tal - Homens ≠ Senhoras - e não remete ao significado, aos conceitos do que é ser homem ou mulher.

Mas poder-se-ia perguntar: O que é um significante? Lacan responderá com o célebre axioma - “Um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”³⁰. A estrutura articulada do significante é aqui colocada em relevo. A relação implicada é de significante a significante, e não de sujeito a sujeito. Lacan ilustra sua definição propondo o seguinte: alguém encontra, num deserto, uma pedra coberta de hieróglifos. Nossa tendência é supor que um sujeito está por trás dessas inscrições. Mas Lacan chama atenção para o erro que significa acreditar que cada significante se dirige a nós: “a prova está em que vocês podem não entender nada daquilo. Pelo contrário, vocês os definem como significantes pelo fato de estarem certos de que cada um desses significantes se reporta a cada um dos outros. E é disto que se trata na relação do sujeito ao campo do Outro”³¹. Desta maneira, percebe-se que o significante não se confunde com o signo, que representa algo para alguém. Sobre esse alguém, diz Lacan, seu estatuto é incerto. Pode ser o universo, na medida em que nele circula a informação: “todo centro em que ela se totaliza pode ser considerado como alguém, mas não como um sujeito”³². É o caso, também, da linguagem de signos de certos animais, onde não existe a possibilidade da metáfora, nem da metonímia.

²⁹ Idem, p.230.

³⁰ Idem. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Op.cit., p.302.

³¹ Idem. *O Seminário*, Livro XI, p.187.

³² Idem. Posição do inconsciente (1964). In: *Escritos*. Op.cit., p.325.

Lacan mantém a estrutura binária do significante, cuja concepção já estava em Saussure - o mínimo do significante é dois - e que foi desenvolvida por Jakobson, em particular na fonologia. Jakobson considera que tudo poder ser formulado a partir de uma mínima oposição simbólica binária. O *S* maiúsculo do significante, situado sobre a barra do algoritmo, supõe dois significantes, já que nenhum significante pode significar-se a si mesmo. Representa-se assim:

$$\frac{S...S'}{s}$$

Os significantes se apresentam na linha do tempo, numa sucessão diacrônica, compondo uma estrutura de cadeia como “anéis formando um colar que se enlaça no anel de um outro colar feito de anéis”³³. Essa estrutura de cadeia do significante envolve uma dimensão temporal que vai da antecipação significativa à retroação do significado, entre o querer dizer que se adianta e o sentido que o Outro escande, fazendo emergir uma significação. O significado, sendo efeito do significante, aparece retroativamente, nos pontos de detenção da cadeia significativa. “Aqui se articula o que chamamos o estofó, pelo qual o significante detém o deslizamento de outro modo indefinido da significação”³⁴. Assim, introduz Lacan o grafo do desejo em sua célula elementar.

³³ Idem. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. Op.cit., p.232.

³⁴ Idem. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente Freudiano*. Op.cit., p.287.

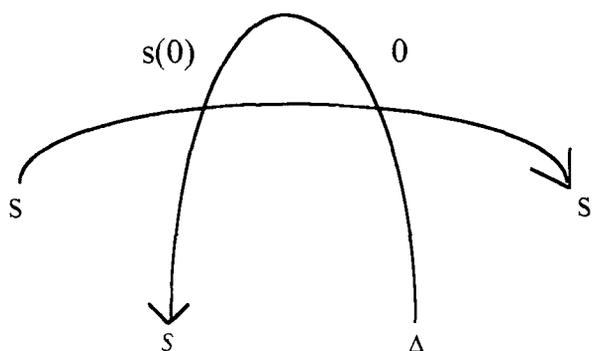


Figura 2.6³⁵

O que se pretende acentuar aqui é a temporalidade retroativa da cadeia significante, a função diacrônica do estofo. O termo ponto de estofo é empregado em tapeçaria para designar um entrecruzamento de fios que por pressão produzem as depressões da superfície; todos esses pontos se produzem simultaneamente ao puxarem-se os fios.

É a estrutura da frase que toma Lacan para se referir à função diacrônica do estofo, “na medida em que ela não cinge sua significação senão com seu último termo, cada termo estando antecipado na construção dos outros, e inversamente selando seu sentido por seu efeito retroativo”³⁶. Todo significante que aparece é vivido temporalmente como uma antecipação; ao dizer um termo, estou antecipando-me aos que virão depois, até que termine de dizer e retroativamente se produza uma significação.

³⁵ Idem, *ibidem*. Os pontos de cruzamento designados O e S(O) não aparecem ainda neste primeiro grafo, mas Lacan antecipa-nos já, aqui, sua função nesta célula elementar.

³⁶ Idem, p.288.

Neste grafo primário, o vetor $\overrightarrow{S.S'}$ materializa a cadeia significante e sua estrutura de diferenças. O vetor $\overrightarrow{\Delta.S}$ é o vetor do significado, cujo sentido é retrospectivo. O ponto de cruzamento, conotado O, inscreve o Outro “lugar do tesouro do significante”³⁷, que se constitui pela reunião sincrônica e enumerável dos significantes, onde cada um é o que os outros não são. O outro ponto cuja notação é s(O), que se lê ‘significado do Outro’, dá lugar à pontuação, na qual “a significação se constitui como produto acabado”³⁸.

A estrutura sincrônica da linguagem é ilustrada através da metáfora. “É a metáfora enquanto nela se constitui a atribuição primeira, aquela que promulga ‘o cão fazer miau, o gato au-au’, pelo qual a criança de um só golpe, desconectando a coisa de seu grito, eleva o signo à função de significante, e a realidade à sofistica da significação...”³⁹.

Lacan sublinha a possibilidade que oferece a cadeia significante, na medida em que a língua é comum a mim e a outros sujeitos, de significar algo totalmente diferente do que ela diz. Assim, convida-nos ao encontro com a metáfora e a metonímia, tropos, figuras da retórica clássica.

Ducrot e Todorov, em seu *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, apresentam a definição clássica da metáfora e da metonímia, seguida de um exemplo. A metáfora é o “emprego de uma palavra em sentido parecido, e no entanto diferente do sentido habitual. ‘O canto ardente do orgulho’ (E. Molina)”⁴⁰.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem, *ibidem*.

³⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰ DUCROT, O., TODOROV, T. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*. México: Siglo Veintiuno, 1983, p.319.

Na metonímia, trata-se do “emprego de uma palavra para designar um objeto ou uma propriedade que se encontra em uma relação existencial com a referência habitual dessa mesma palavra. ‘Chamaram à porta uma voz e um nome’ (J. L. Borges)”⁴¹.

No Seminário III - *As psicoses* -, Lacan recorre ao estudo de Roman Jakobson, intitulado *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de transtornos afásicos*, ao apresentar a metáfora e a metonímia. De acordo com o texto de Jakobson, os transtornos de linguagem denominados afásicos devem ser investigados sob a ótica das relações de semelhança ou de substituição, por um lado, e por outro lado das relações de contigüidade, de combinação.

Nas afasias ligadas a transtornos nas relações de semelhança, o sujeito é afetado em sua capacidade para selecionar e combinar as unidades lingüísticas. Nesses casos, torna-se impossível aos afásicos responder a uma demanda de sinonímia. As palavras são assimiladas em sua literalidade, não chegam a ganhar novos significados de acordo com o contexto em que são utilizadas. Em outras palavras, não pode empregá-las em seu caráter metafórico, já que as relações de semelhança ficam suprimidas.

Nos transtornos da contigüidade, como nomeia Jakobson, é a articulação e a sintaxe que são afetadas. O modo de expressão é telegráfico, desaparecendo as conjunções, preposições, os pronomes e os artigos. Ocorre o chamado agramatismo, onde se perdem as regras sintáticas, reduzindo-se a frase a um mero amontoado de

⁴¹ Idem.

palavras. Neste tipo de afasia, portanto, o que fica suprimido é o uso da metonímia, das relações de contigüidade.

No Seminário sobre as psicoses, Lacan vai dizer que das duas ordens de transtornos afásicos, o que lhe interessa é que há entre eles a mesma oposição existente entre a metáfora e a metonímia.

É através do conhecido exemplo das “trinta velas” que Lacan introduz a metonímia. “Pelo que se vê a conexão do navio e da vela não está em outro lugar senão no significante, e que é na palavra por palavra dessa conexão que se apóia a metonímia”⁴². No exemplo, onde trinta velas está no lugar de navios, trata-se de nomear alguma coisa através de outra, que está em conexão com ela, que é parte dela. A metonímia refere-se às relações de contigüidade, de conexão do significante com o significante, vertente por onde desliza o sentido. É o efeito de combinação significante, a conexão palavra a palavra, na dimensão diacrônica do discurso. Diz Lacan no escrito *A direção da cura e os princípios de seu poder*: “A metonímia é, como eu lhes ensino, esse efeito tornado possível pela circunstância de que não há nenhuma significação que não remeta a outra significação, e onde se produz seu mais comum denominador, a saber o pouco de sentido (...) que se manifesta no fundamento do desejo...”⁴³. É a estrutura da linguagem que aqui se apresenta, na qual um significante remete sempre a outro, por não se poder significar. O próprio movimento da cadeia significante determina a emergência do pouco de sentido (*peu de sens*), pelo reenvio constante de uma significação a outra. Isto aponta para a idéia

⁴²LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. Op.cit., p.236.

⁴³Idem. *La Dirección de la Cura y los principios de su poder* (1958). In: *Escritos I*. México: Siglo Veintiuno, 1980. p.254.

de que a coisa a ser nomeada fica perdida, pois ao falar matamos o objeto e ficamos cativos do reenvio incessante das significações entre si. O encontro com o objeto não se dá instaurando então uma falta nessa relação com o objeto. Na significação produzida pela conexão significante resta uma falta, um menos (-) que reenvia a uma outra significação, e assim sucessivamente. Nessa falta que resta, é o desejo que se insinua. O desejo, cuja essência é a falta em ser, é produto da operação metonímica. “... é a conexão do significante com o referente, que permite a elisão pela qual o significante instala a falta em ser na relação de objeto, servindo-se do valor de remessa da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele suporta”⁴⁴. Elidir, que significa eliminar, suprimir, refere-se ao desvanecimento da coisa na relação de objeto, pelo efeito de negativização que produz a linguagem. O referente está para sempre perdido, na medida em que sofre a incidência mortificante do significante.

O desejo, efeito da cadeia significante, é metonímico, sendo sempre desejo de outra coisa. Neste sentido, o desejo, não chega a ser capturado pela palavra, isto é, nunca pode ser dito diretamente. Aponta para o que não se pode dizer a não ser de modo alusivo, nas entrelinhas do discurso. Este dizer por alusão, lateral, entre as palavras, é o que caracteriza a metonímia.

O desejo é a *décalage*, a diferença, entre o querer dizer e o que se diz. O bem dizer, que Lacan chegou a propor como fim de análise, seria um saber fazer com a metonímia. Isto é, saber que o desejo só pode ser dito indiretamente, nas

⁴⁴ Idem. *A instância da letra no inconsciente*. Op.cit., p.246.

entrelinhas, que remete ao dizer inconsciente. O que significa levar em conta que a verdade só pode ser semi-dita, que não se pode chegar a dizer toda a verdade. O bem dizer implica aceitar os efeitos do seu dizer, mais além do que se diz.

O que Freud inaugura com a teoria do inconsciente é, justamente, a possibilidade da verdade na equivocação. O sujeito faz um ato falho, um lapso, e diz algo diferente do que gostaria de dizer. Pois é neste ponto, ensina-nos Freud, que ele é mais verdadeiro. Deste modo, ele apresenta o nascimento da verdade na fala, onde a palavra é o seu próprio referente. Não se trata aqui de adequação da coisa à representação, mas de uma verdade articulada na própria palavra do analisante. “Assim, é de um lugar outro que não o da realidade concernente que a verdade tira sua garantia: é da fala. Como é desta que ela recebe essa marca que a institui em uma estrutura de ficção”⁴⁵.

Lacan vai operar sobre o algoritmo saussureano, escrevendo a incidência do significante sobre o significado em termos de função, assim:

$$f(S) \frac{1}{s}$$

Ou seja: o significado é uma função do significante. Desenvolvendo esta notação funcional, ele chega a formular a metonímia e a metáfora como duas relações distintas do significante ao significado. A estrutura da metonímia é simbolizada por:

$$f(S...S')S \cong S(-)s$$

⁴⁵Idem. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Op.cit., p.290.

Onde se pode ler: A função significante da conexão de significantes é congruente com a manutenção da barra, que mantém o significado fora do alcance do significante. Com a metonímia, temos uma significação retida, que não emerge, o que mostra o signo (-). É o que chama Lacan de barreira resistente à significação. O significante na função metonímica não passa ao significado, não se transporta no significado. O sentido insiste, mas fica como que indeterminado. É na metonímia que se coloca a questão: O que isso quer dizer? Como explicita Lacan, “o signo - colocado entre () manifestando aqui a permanência da barra - que no algoritmo primeiro marca a irreducibilidade onde se constitui nas relações entre o significante e o significado, a resistência da significação”⁴⁶.

A metáfora é introduzida através do verso de um poema de Vitor Hugo - *Booz endormi*: “Seu feixe não era nem avaro nem odioso”⁴⁷. Não se trata de uma comparação entre o feixe e o personagem Booz, pontua Lacan, mas de substituição, pela similaridade de posição entre o feixe e Booz. “Se o feixe remete a Booz, como é entretanto realmente o caso, é por substituí-lo na cadeia significante, no próprio lugar que o esperava...”⁴⁸. No dicionário, o uso do termo feixe não sugere, em nada, que ele possa ser avaro ou odioso. Estes são atributos de Booz, que os exerce ao dispor do feixe de espigas. A substituição de Booz por feixe é possível devido à comunidade de posição que há entre os dois significantes. Assim se dá a emergência de uma significação.

⁴⁶Idem. A instância da letra no inconsciente. Op.cit., p.246.

⁴⁷Idem, p.237. “Sua barba era de prata como um rio de abril / seu feixe não era avaro nem odioso / quando alguma pobre espigadeira via passar: / ‘deixa cair algumas espigas’, dizia”. Referências en la obra de Lacan/2. Biblioteca de la casa del campo freudiano. Buenos Aires: Prografica, ago. 1991

⁴⁸LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. Op.cit., p.238.

A metáfora se funda na substituição significante, produzindo um efeito de significação, que no caso do poema é um efeito poético, de criação. A fórmula da metáfora pode assim ser sintetizada: uma palavra por outra. Na função metafórica se cumpre a transferência do significante no significado, emerge um efeito de significação. Isto é possível pelo franqueamento da barra que separa o significante do significado. É o que demonstra a fórmula:

$$f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S(+)s$$

Esta fórmula indica que a função significante de substituição de um significante por outro é congruente com a transposição da barra (+) na criação da significação. Essa transposição exprime a passagem do significante ao significado. Dirá Lacan que “A centelha criadora da metáfora (...) jorra entre dois significantes, dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia significante, o significante oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”⁴⁹.

Enquanto na metonímia o sentido é fugidio relativamente ao significante, sempre escapa, deixando em toda significação um menos, uma falta, na metáfora o atravessamento da barra do algoritmo implica que o significante passou ao significado, capturando o significado e produzindo um *plus* de sentido. Isto produz um efeito de verdade para o sujeito que poderia exclamar: Ah... então, é isso!

Lacan no escrito *A direção da cura e os princípios de seu poder*, assinala que a metáfora é “um efeito de sentido positivo, isto é, certa passagem do sujeito ao

⁴⁹Idem, p.237.

sentido do desejo”⁵⁰. Neste escrito, trabalha um sonho descrito por Freud na *Traumdeutung*, conhecido como o sonho da “bela açougueira”, propondo-o como metáfora do desejo.

No capítulo intitulado *A desfiguração onírica*, Freud nos traz este sonho como contraprova da objeção de muitos pacientes à sua tese de que os sonhos são realizações de desejo. O sonho, conforme o relato da paciente, é este: “Quero oferecer uma ceia mas tenho em minha dispensa apenas um pouco de salmão defumado. Disponho-me a fazer compras, mas lembro que é domingo à tarde, e todos os armazéns estão fechados. Pretendo telefonar a alguns fornecedores, mas o telefone está com defeito. Assim, devo renunciar ao desejo de oferecer uma ceia”⁵¹.

Esta paciente de Freud era casada com um açougueiro, que lhe havia dito que começaria a fazer regime e por isso não aceitaria convites para jantar. Ela diz a Freud que está muito apaixonada por seu marido, e que brinca muito com ele. Pede ao marido que não lhe dê caviar. Há muito tempo deseja comer caviar, mas não se permite o gasto. Sabe que seu marido prontamente lhe traria o caviar, se lhe pedisse.

O que Freud percebeu é que essa mulher precisou criar em sua vida um desejo insatisfeito. Pergunta-se para que precisa a paciente de um desejo insatisfeito, e insiste para que esta lhe fale mais. Então, ela conta que na noite anterior foi visitar uma amiga, de quem sente ciúmes porque seu marido a elogia com muita frequência. Consola-se dizendo que esta amiga é muito magra e que seu marido prefere mulheres de formas mais arredondadas. A amiga lhe falou de seu

⁵⁰Idem. La dirección de la cura. Op.cit., p.253.

⁵¹FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900). Op.cit., v.IX, cap.IV, p.165.

desejo de engordar, e perguntou-lhe quando seria novamente convidada a ir a sua casa, já que aí se come muito bem.

O significado do sonho se aclara para Freud: “É justamente como se diante deste pedido você houvesse pensado. ‘Tão logo te convide para que comas em minha casa, ficarás mais gorda e mais atraente para meu marido! Mais vale não oferecer mais jantares!’”⁵²

Sobre o salmão defumado, ela lhe conta que é o prato predileto de sua amiga. Freud acrescenta que esta se priva do salmão, tanto quanto sua paciente do caviar.

Freud admite ainda outra significação para o sonho. Simultaneamente a seu sonho, no qual um desejo não se cumpre, a “bela açougueira” se empenha em manter, na realidade, um desejo denegado, o desejo de caviar. A amiga havia expressado seu desejo de engordar, e Freud diz que não se espantaria se sua paciente tivesse sonhado que não se cumpria um desejo da amiga, pois é seu desejo que esta não engorde. Em vez disso, sonha que é seu próprio desejo que fica insatisfeito. A nova interpretação que se coloca aponta no sentido de uma identificação à outra mulher, criando-se um desejo insatisfeito na realidade.

Relembra Freud que a identificação é um aspecto importante para o mecanismo dos sintomas histéricos. Finaliza a análise deste sonho elucidando que “Ela se coloca no lugar de sua amiga no sonho porque esta última ocupa seu lugar frente a seu marido, e porque queria apropriar-se do lugar que a amiga está ocupando no desejo do marido”⁵³.

⁵²Idem, p.166.

⁵³Idem, p.168.

Lacan vai escrever este sonho em referência à estrutura da linguagem, primeiro em seu matema mais simples:

$$\frac{\textit{Significante}}{\textit{significado}} \frac{S}{s}$$

O significante caviar tem como significado o desejo insatisfeito. Vale lembrar que nesta época, em Viena, o caviar era um produto raro, e além do mais o marido da paciente, que era açougueiro, poderia oferecer-lhe toda a carne que quisesse. Caviar é o produto que falta na casa, que é raro; é, então, o significante do desejo insatisfeito:

$$\frac{\textit{caviar}}{\textit{ds insatisf.}}$$

Temos também o salmão, que é o significante do desejo insatisfeito da amiga:

$$\frac{\textit{Salmão}}{\textit{ds insatisf. amiga}}$$

O significante caviar não aparece no sonho; o que aparece é o significante salmão. Mas no discurso da paciente, o caviar, significante desaparecido, retornará, como diz Lacan: "... o significante oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia"⁵⁴. Então, o salmão substitui o caviar, no sonho, constituindo a metáfora. Assim, escreve-se o significante caviar em baixo da barra do algoritmo:

⁵⁴LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. Op.cit., p.237.

Salmão
caviar

Esta função significante de substituição de um significante por outro é congruente com o *plus* de sentido do sonho: salmão (+) s. Este é o “efeito de sentido positivo” ao qual se refere Lacan na *Direção da cura*. O sonho como metáfora faz aparecer o sujeito como desejante.

Mas há uma outra dimensão no sonho a ser apontada, aquela em que se apresenta a relação metonímica. Diz Lacan que caviar é o significante do desejo insatisfeito, “na medida em que o significante o simboliza como inacessível, mas que, desde o momento em que se desliza como desejo no caviar, o desejo de caviar é sua metonímia”⁵⁵. Em outras palavras, o desejo insatisfeito da histérica se metonimiza no desejo de caviar, enquanto faltante. Temos, então, um desejo de desejo, ou como Freud bem assinalou, desejo de ter um desejo insatisfeito, articulação que não produz um efeito de sentido positivo. Pelo contrário, o desejo de caviar, como significante, instala o pouco de sentido próprio à relação metonímica, assim:

$$\frac{(S)caviar}{ds\ insatisf.} \dots \frac{(S')desejo\ de\ caviar}{ds\ insatisf.} \cong ds\ caviar(-)s$$

É por isto que Lacan poderá dizer que “o desejo é a metonímia da falta em ser”⁵⁶.

⁵⁵Idem. *La dirección de la cura*. Op.cit., p.254.

⁵⁶Idem.

Lacan retoma as noções freudianas de deslocamento e condensação, sob a ótica da metonímia e da metáfora, respectivamente. Deslocamento e condensação são duas operações características do processo primário, próprio ao funcionamento do inconsciente. No processo primário, segundo Freud, há uma energia livre, que pode passar de uma representação a outra, através dos mecanismos de deslocamento e de condensação.

No primeiro mecanismo, dá-se a passagem de um montante de investimento (energia psíquica) de uma representação a outra, ambas ligadas por uma cadeia associativa. Esta energia desloca-se de uma representação fortemente investida para outras cuja tensão é mais fraca, ou seja, uma representação anódina. O deslocamento é apresentado por Freud como um meio eficaz de que dispõe o inconsciente para burlar a censura. Foi especialmente evidenciado na análise dos sonhos.

Pelo processo de condensação, uma representação pode carregar o investimento de várias outras. Representa, assim, a intersecção de várias cadeias associativas, encontrando-se fortemente investida. Apesar de ter sido descrito inicialmente por Freud em relação ao trabalho do sonho, constitui elemento essencial da técnica do chiste, do esquecimento de palavras, do sintoma, etc.

Lacan, em *A instância da letra*, assevera que a “condensação é a estrutura de sobreimposição dos significantes onde a metáfora se origina (...)”⁵⁷. Pontua, no mesmo escrito, que “o sintoma é uma metáfora”⁵⁸.

⁵⁷LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. Op.cit., p.254.

⁵⁸Idem, p.259.

O sintoma, para a psicanálise, não é um signo; não tem uma relação direta com tal ou qual problema, do qual ele seria uma manifestação. Articula-se à cadeia significante e, deste modo, sustenta-se na separação entre significante e significado. O que o determina é o significante, e por isto pode ser lido, porque está escrito como um hieróglifo. Está no lugar de um significante que não se sabe qual é, apresentando-se como um enigma para o sujeito. É uma formação do inconsciente, e como tal surpreende, se impõe, veiculando algo da ordem da verdade do sujeito.

Foi Freud, através de suas histéricas, que nos ensinou que os sintomas, como inscrições, poderiam ser decifrados, e que eles são efeito do processo de repressão. Por isso diz Lacan que o sintoma é “metáfora onde a carne ou a função são tomadas como elemento significante (...)”⁵⁹, cuja significação permanece inacessível para a consciência e onde o que opera não é um efeito de poesia ou de criação, mas de repressão.

O sintoma será articulado posteriormente por Lacan em relação ao gozo. Articulação esta de certo modo já apontada por Freud, quando assinalava que os neuróticos se queixam de seus sintomas, mas encontram neles uma forma de satisfação sexual.

⁵⁹ Idem, p.249.

3 A hiância causal

A noção de causa na história da filosofia assumiu duas formas principais: Primeiro, a forma de uma conexão racional, onde a causa é razão de seu efeito. A causa é entendida como a força geradora ou produtora do efeito. Com Platão, inicia-se esta concepção de causa, "... como o princípio pelo qual uma coisa é ou se torna o que é"⁶⁰. A verdadeira causa é o estado perfeito da coisa. Por exemplo, o bem é a causa do que existe de bom; a beleza, do que é belo; a grandeza, do que é grande. Platão fez uma distinção entre estas causas primeiras ou inteligíveis, as idéias, e as causas segundas ou sensíveis, das realidades materiais e sensíveis. Subordinou as segundas às primeiras, que são modelos e causam não por sua ação, mas por sua perfeição.

Mas, conforme Ferrater Mora, a primeira análise detalhada da causa está em Aristóteles. Perguntar-se pela causa, observa Aristóteles, é perguntar-se o porquê de uma coisa; podendo haver diferentes porquês, haverá diferentes espécies de causa. Sua doutrina mais influente sobre o problema da causa reside na classificação das causas em quatro tipos:

Causa material: "Aquilo do qual algo surge ou mediante o qual chega a ser".⁶¹ Aquilo de que é feita a coisa permanece como algo imanente a ela. Por exemplo, o bronze é a causa da estátua.

⁶⁰ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. SãoPaulo: Mestre Jou, 1982. p.117.

⁶¹ MORA, J. *Diccionario de filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1979. p.462.

Causa formal: É a idéia da coisa, sua essência ou substância. “A causa é a forma ou modelo”⁶². Por exemplo, é causa do homem a natureza racional que o define.

Causa eficiente: É o princípio da mudança, o que dá início ao movimento ou ao repouso. Exemplo: O autor de uma decisão é causa dela.

Causa final: A causa é o fim, o para quê, a realidade para onde algo tende a ser. Por exemplo, o fim de uma casa é proteger as pessoas da chuva e do vento. Para que algo exista é necessário ter uma causa final.

Em Aristóteles há uma relação intrínseca entre a noção de causa e a de substância. A necessidade pela qual uma causa age é a própria necessidade pela qual uma coisa é o que é, e não pode ser diferente do que é. A substância opera como força irresistível para produzir as determinações do seu ser e do seu agir.

Ao afirmar que “tudo o que ocorre tem lugar a partir de algo”⁶³, Aristóteles, se refere à noção de substância, ao mesmo tempo que sustenta que não há movimento sem causa. Segundo Ferrater Mora, as quatro causas Aristotélicas podem ser consideradas como os diversos modos em que se manifestam as substâncias. “Ser substância significa ser princípio das modificações, tanto das próprias como das executadas sobre outras substâncias”⁶⁴.

A noção de causa assumiu uma segunda forma na filosofia, que é a de uma conexão empírica ou temporal, onde o efeito não se deduz da causa, mas pode ser previsível pela constância e uniformidade da relação de sucessão.

⁶² ABBAGNANO, N. *Diccionario de Filosofia*. Op.cit., p.117.

⁶³ ARISTÓTELES apud MORA, J. *Diccionario de Filosofia*. Op.cit., p.462.

⁶⁴ MORA, J.F. *Diccionario de Filosofia*. Op.cit., p.463.

Hume nega que entre causa e efeito exista uma relação de dedução, ou seja, o efeito não pode ser deduzível a partir da causa. Não há como prever qualquer acontecimento, inferir alguma causa ou efeito, sem a observação da experiência. Mas, mesmo depois da experiência, a relação entre causa e efeito permanece arbitrária, pois causa e efeito são acontecimentos distintos, assim como a previsibilidade fundada nesta experiência. Para os critérios de Hume a relação causal deve tornar o efeito previsível, porém nenhuma dedução *a priori* pode tornar previsível um efeito, portanto a dedução não é capaz de fundar a relação causal.

Kant, como indica Ferrater Mora, aceita a crítica de Hume à noção de causalidade que abala os pressupostos racionalistas. Mas, de acordo com Kant, a ciência natural não seria possível sem a pressuposição de que os fenômenos se sucedem dentro de uma relação de causa e efeito. A causalidade não está na mesma realidade que os fenômenos, mas também não é uma crença fundada no hábito como pensava Hume. Kant inscreve a causa nas categorias da razão pura, isto é, faz da própria causa um conceito *a priori* do intelecto, capaz de determinar a conexão e ordenação de conteúdos empíricos. A causalidade não é uma idéia da razão, nem pode derivar-se empiricamente, “tem um caráter sintético e *a priori*”⁶⁵.

Aristóteles adiciona às quatro causas já mencionadas outras duas — *automaton* e *tyche*. Elas envolvem a noção de causa acidental; relacionam-se a acontecimentos excepcionais, que fogem da ordem natural. A noção de *tyche*, tal como foi retomada por Aristóteles refere-se a mais que um acaso, um destino ao

⁶⁵ Idem, p.466.

qual o homem está submetido e que vai além dos acontecimentos. “A *tyche* grega designava em geral uma divindade desconhecida — porém nomeada — responsável pela sorte ou infortúnio dos homens”.⁶⁶ O *automaton* implica aquilo que acontece sem nenhuma deliberação humana ou divina, cujo efeito não era esperado. Aproxima-se mais da noção de acaso do que a *tyche*. *Tyche* e *automaton* não são pensados como acontecimentos absurdos ou irracionais. Ambos designam um acaso secundário, o que quer dizer que se referem a uma ordem, da qual eles constituem uma exceção.

Lacan retoma a noção de *automaton* e *tyche*, criticando a tradução dos termos por acaso e fortuna. Lacan traduzirá *automaton*, nos termos de sua teorização, como a rede dos significantes. Significantes estes que retornam, comandados pelo princípio do prazer. O que insiste, retorna, é o próprio desejo, efeito da articulação signifiante.

A *tyche* que está para além do jogo signifiante, aponta para o “encontro do real”⁶⁷. Real este que sempre nos escapa, que está por trás do *automaton*, velado pela fantasia. A *tyche*, como encontro do real, é um encontro sempre faltoso, pois o real é inassimilável, impossível de ser significado. O real é o que se repete, e “o que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz — a expressão nos diz bastante sua relação com a *tyche* — como por acaso”⁶⁸. O psicanalista terá que lidar com

⁶⁶GARCIA-ROZA, L.A. Sobre a noção de causa acidental: *tyche* e *automaton*. In: *Acaso e repetição em psicanálise - uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986. p.40.

⁶⁷LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.54.

⁶⁸Idem, p.56.

isso que se repete, que caracteriza a pulsão, “esse tropeção, esse fisingamento, que reencontramos a todo instante”⁶⁹.

No capítulo segundo do Seminário XI, denominado *O inconsciente freudiano e o nosso* Lacan parte da estrutura da linguagem para pensar o estatuto do inconsciente. A estrutura da linguagem é pré-subjetiva, “... cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho...”⁷⁰. Toma como exemplo o campo explorado por Claude Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*. Refere-se a uma função classificatória primária, que ordena, distingue, combina e opõe os objetos e fatos da natureza. Certas relações já estariam determinadas, antes de qualquer experiência, de relações propriamente humanas. Elas se utilizam do que a natureza pode oferecer como suportes, que se dispõem em temas de oposição. Os elementos tomados da natureza, têm valor significante, “e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas e as modelam”⁷¹. A estrutura dessa combinatória, tal como apresentada por Lévi-Strauss e pela lingüística estrutural, supõe a completude da bateria significante, um conjunto no qual todos os significantes estariam incluídos. Nesse funcionamento significante completo não há falta, não havendo, portanto, incidência do sujeito. Dentro dessa perspectiva, o sujeito (\$) fica excluído.

O traço próprio de Lacan é inscrever o sujeito do inconsciente na estrutura que lhe dá seu estatuto. Vale lembrar o debate estabelecido entre Lacan e J.

⁶⁹ Idem, *ibidem*.

⁷⁰ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.26.

⁷¹ Idem, *ibidem*.

Laplanche a partir do Congresso de Bonneval⁷² sobre o inconsciente. Um dos pontos de divergência entre eles é a questão da articulação entre inconsciente e linguagem, pois para Laplanche “O inconsciente, mais que uma linguagem é a condição mesma da linguagem”⁷³. Enquanto Lacan vem justamente sublinhar que “a linguagem é a condição do inconsciente”⁷⁴. Isto é, precede o inconsciente e é sua causa.

No escrito *Posição do Inconsciente*, diz Lacan: “O inconsciente é um conceito forjado sobre o rastro do que opera para constituir o sujeito”⁷⁵. Dito de outra forma, na constituição do sujeito, que se dá através das operações de alienação e separação (capítulos III e IV), a linguagem deixa marcas, rastros não evidentes que são, propriamente, o inconsciente.

As diversas concepções sobre o inconsciente que precederam o inconsciente freudiano reduzem-no ao não-consciente, àquilo que não tem o atributo da consciência. Neste sentido, o inconsciente estaria reduzido a uma zona obscura —

⁷² O Congresso de Bonneval, sobre o tema do inconsciente freudiano, ocorreu entre 30 de outubro e 02 de novembro de 1960. As intervenções realizadas no congresso foram relatadas no livro intitulado *O inconsciente*, apresentado por Henry Ey e publicado por Desclée de Brouwer em 1966. Com relação ao célebre axioma lacaniano — o inconsciente é estruturado como uma linguagem — Laplanche, no texto que escreve em colaboração com S. Leclair — *O inconsciente: um estudo psicanalítico* — a partir de sua intervenção no Congresso, afirma que o que Freud chama explicitamente de linguagem, está relacionado ao sistema pré-consciente e ao processo que o caracteriza: o processo secundário. A linguagem que funcionaria segundo o processo primário, seria uma linguagem muito particular, a linguagem da psicose. “O que diferencia esta linguagem de outra é aquilo pelo qual seria menos linguagem que outra, que não considera as palavras como palavras, senão como coisas, ou como as imagens do sonho” (LAPLANCHE, 1970, p.118). O escrito *Posição do inconsciente* (1964) resume as intervenções de Lacan no Congresso de Bonneval, que por sua importância, constituíram o eixo de todas as discussões. Este escrito implica uma resposta à intervenção de Laplanche.

⁷³ LAPLANCHE, J. LECLAIRE, S. El inconsciente: un estudio psicoanalítico. In: EY, H. (org.). *El inconsciente*. México: Siglo XXI, 1970. p.96.

⁷⁴ LACAN, J. Prefácio. In: LEMAIRE, A. *Jacques Lacan - uma introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979. p.25.

⁷⁵ Idem. *Posição do inconsciente*. Op.cit., p.314.

in-noir como refere Lacan — da realidade psíquica. Ora, o que Freud introduz de novo “é a revelação de que, ao nível do inconsciente, há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito — isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente (...)”⁷⁶.

Cabe, com Lacan perguntar: “À estrutura da linguagem uma vez reconhecida no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?”⁷⁷ O sujeito só poderá inserir-se na estrutura descompletando-a, barrando-se um significante (\$). Trata-se de introduzir uma descontinuidade no conjunto dos significantes, um sujeito barrado, que só poderá ser contado aí como falta. É por uma operação de subtração na bateria significante, lugar do Outro, ou seja, funcionando como falta, que o sujeito aparece. É possível dizer, então, que o sujeito como barrado é um significante faltante no grande Outro que é a linguagem.

O sujeito inscreve-se na cadeia significante quando nela se produzem dissimetrias, descontinuidades. O tropeço, a fenda, a descontinuidade. Foi com eles que Freud se deparou no discurso de seus pacientes, através dos sonhos, dos atos falhos, dos chistes e dos sintomas. A partir desta hiância, o que se produz se apresenta como um achado de valor único, surpreendente. Por estas formações ele fica atraído, imantado e nelas vai buscar o inconsciente. É como um corte, uma lacuna, um desfalecimento, que o inconsciente se inscreve - é o momento de abertura. Mas isto que se produziu como um achado, em seguida escapa novamente. Como diz Lacan: “Para me deixar levar por uma metáfora, Eurídice duas vezes

⁷⁶ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.29.

⁷⁷ Idem. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. Op.cit., p.282.

perdida, esta é a imagem mais sensível que poderíamos dar, no mito, do que é a relação do Orfeu analista com o inconsciente”⁷⁸. Isto quer dizer que o inconsciente se abre, produz um efeito de verdade para o analisante, e num ponto do enunciado volta a se fechar. É a estrutura temporal na qual se inscreve, numa pulsação entre abertura e fechamento.

Freud, então, no percurso de suas investigações, encontra-se, logo de início, com o inconsciente como descontinuidade, enquanto algo que se expressa como vacilação. “Assim o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito - donde ressurgem achados que Freud assimila ao desejo - desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado”⁷⁹. A hiância por onde se mostra o inconsciente é relacionada por Lacan à função da causa. Sustenta que “só existe causa para o que manca”⁸⁰, ou seja, para aquilo que não anda bem, em francês, *ça ne marche pas*. Pois bem, a hiância, a fenda, o que claudica pertence ao domínio da causa.

No Seminário, a causa é diferenciada da lei, do que há de determinação. Exemplifica com a lei de ação e reação da física. Um corpo que cai no chão recebe de volta sua força viva, onde sua massa é integrada a essa força que retorna para ele. Aqui não há hiância, portanto não há causalidade. A respeito da lei, não existe nenhum problema em afirmá-la.

⁷⁸ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.30.

⁷⁹ Idem, p.32.

⁸⁰ Idem, p.27.

Com relação à causa, diz que “há sempre algo de anticonceitual, de indefinido”⁸¹. Mesmo que Kant a tenha inscrito nas categorias da razão pura, fazendo da própria causa um conceito a priori do intelecto, ela não é por isso racionalizável. Faz referência ao *Ensaio sobre as grandezas negativas* de Kant, para dizer que aí encontra em relação à função da causa uma hiância, um conceito inalisável, ou impossível de ser compreendido pela razão. Coloca o exemplo: as fases da lua são a causa das marés. Parece sabido, mas pode ser colocado em dúvida por um filósofo como Hume, que dirá: não existe causalidade, existe sucessividade. Um fato pode conectar-se ao outro, mas não se pode afirmar que o primeiro seja causa do segundo.

Há sempre algo que falha, oscila, quando se trata da causa. No discurso de um analisante, por exemplo, um esquecimento de nome, esse tropeço de memória, abre a dimensão da causa, como pergunta sobre o que irrompeu surpreendendo ao sujeito. Ao associar livremente, encontra um saber sobre o que o colocou em questão. Teremos, então, lei de determinação. Mas a causa se desloca, se metonimiza, já que não existe a última palavra, abrindo-se novamente ao questionamento. Daí poder-se dizer da causa que ela é inacessível mas operativa. Quanto a isto, Lacan citará o artigo de Freud sobre *A etiologia das neuroses* (1905). Neste artigo, vê-se como se desloca, para Freud, a causa das neuroses: do trauma sexual, da causa acidental, a fatores constitucionais e orgânicos. A causa se lhe escapa, situa-se cada vez mais longe. Mostra-se operativa nos sintomas, mas

⁸¹ Idem, *ibidem*.

inapreensível, evanescente. Passa por várias teorias, até chegar ao limite do orgânico, isto é, de um ponto onde ele não sabe mais como defini-la, como situá-la. Diz Lacan, referindo-se a este artigo: “o que é que ele acha no buraco, na fenda, na hiância característica da causa? Algo que é da ordem do não-realizado”⁸². E continua: “O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria, algo de não-nascido”⁸³. Para nos dar uma imagem aproximada do que seria esse não realizado, evoca a função do limbo, e também a figura desses seres intermediários nas construções da gnose que são os silfos, os gnomos. A estrutura de hiância do inconsciente, dirá Lacan, é pré-ontológica, pois não concerne ao ser, nem ao não-ser, mas ao não-realizado. Aqui, o inconsciente freudiano pode ser definido, em termos de sujeito, como falta em ser, vazio desejante, ou como *want to be*, da tradução inglesa, um querer ser. Em suma, a linguagem dá ao inconsciente sua estrutura, legisla seu funcionamento. Mas o sujeito aí se inscreve, fazendo um furo nessa estrutura, na combinatória significante, ou seja, inscreve-se como falta.

É o nascimento do sujeito como falta em ser, como dividido pela ação da linguagem, que veremos no próximo capítulo, com a operação de alienação.

⁸² *Idem*, p.28.

⁸³ *Idem*, *ibidem*.

CAPÍTULO III

ALIENAÇÃO: A ESCISÃO INAUGURAL DO SUJEITO

Nos capítulos 3 e 4, proponho-me investigar a constituição do sujeito, segundo o que Lacan elaborou em seu Seminário XI - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, e sistematizou no escrito *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 em 1964*¹, denominando de operações de causação do sujeito: alienação e separação.

É no campo do Outro que o sujeito se constitui, efeito da ação da linguagem sobre o vivente. O sujeito nasce, portanto, numa relação de dependência significativa com o lugar do Outro. Desde logo, sempre que um significante representa um sujeito para outro significante, a alienação se produz. O que Lacan vai chamar de

¹ Em Português a tradução do título deste escrito ficou *Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964*. Seguindo o original em Francês *Position de L'inconscient - au congrès de Bonneval - reprise de 1960 en 1964*, mudei o "e" para "em" conforme a introdução ao escrito.

vel da alienação implica a lógica de uma escolha forçada pelo sentido, comportando, por outro lado, uma perda, um sem-sentido. A operação denominada alienação reside nesta entrada no campo do Outro, sob a forma da divisão subjetiva.

Mas será necessário uma segunda operação, a separação, para que se consuma a causação do sujeito. A separação responde à inscrição do desejo do Outro na falta que há no intervalo significante. O sujeito irá operar com sua própria falta, resultante da primeira operação, para responder à falta no Outro. É na separação que Lacan introduzirá os objetos *petit a*, através dos quais o sujeito poderá fazer-se objeto do desejo do Outro.

A partir de suas teses sobre o inconsciente, Lacan chama atenção para o fato de que essas operações articulam dois domínios, respectivamente o sujeito e o Outro, numa relação circular mas não recíproca. A relação do sujeito com o Outro se produz num processo de hiância, pois “o inconsciente é entre eles seu corte em ato”² e comanda o movimento das duas operações de causação do sujeito. Lacan define a circularidade não recíproca deste processo da seguinte forma: “do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna”.³

Este processo circular, ou seja, que volta ao ponto de partida, é sem reciprocidade, pois esta implica correlação, correspondência, assim como o simétrico implica justaposição. Não é do que se trata aqui: são duas operações distintas que produzem uma ordem de coisas igualmente distintas. Pois, se o

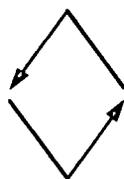
² LACAN, J. Posição do Inconsciente. In: *Escritos*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 324.

³ LACAN, J. O Sujeito e o Outro (I): A Alienação. In: *O Seminário- livro 11 - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 196.

produto da primeira operação, a alienação, é o sujeito dividido, barrado (\$), em sua dependência significativa, na separação o que está em jogo “é a aparição de um objeto que desde o início é perdido pelo Outro e pelo sujeito mesmo”⁴.

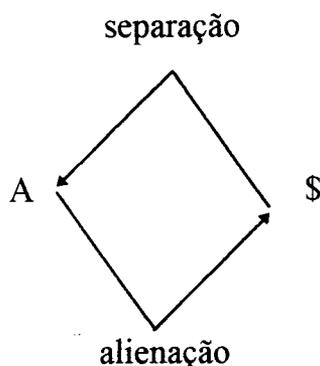
A respeito da não reciprocidade, Indart reafirma a heterogeneidade existente entre as duas operações, advertindo que a separação não é uma alienação negativa.

O movimento circular - dissimétrico, isto é, o percurso de ida e volta das duas operações, Lacan o ilustra no Seminário XI com um pequeno losango e seus vetores operando no sentido anti-horário, assim:



Sendo que à direita situa-se o sujeito, e à esquerda o Outro. O V da metade inferior do losango é o *vel* da alienação, responsável pela primeira operação, aquela que promove a divisão do sujeito (\$). O segundo vetor, na parte superior do losango, consiste na segunda operação, a separação. Esta vetorialização de acordo com Harari, pode ser representada assim:

⁴ GROSRICHARD, A. A questão do sujeito e da causa. In: *Letras da Coisa*, n.º 8: Publicação de Coisa Freudiana, Curitiba, 1987. p. 216.

Figura 3.1⁵

1 O sujeito não é causa *sui*

A primeira das duas operações de causação do sujeito é a alienação. Primeira, pois a segunda supõe, para operar, um resultado desta. Lacan toma emprestado o termo da tradição hegeliana-marxista, mas o utiliza com um novo significado, original em relação ao anterior.

Marx, em seu primeiro Manuscrito (MEF, 1844) afirma partir de um fato econômico atual:

“O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens: a desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo das coisas. O trabalho não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e o trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens.”⁶

⁵ HARARI, R. Sexualidade ou mântica? - O vel da alienação. In: *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas: Papirus, 1990. p.238.

⁶ FROMME, E. *Conceito marxista do homem - apêndice: Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844 de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 60.

Em Marx, a alienação como expressão deste fato econômico contemporâneo manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho. Nas sociedades capitalistas, a relação do trabalhador com o produto do seu trabalho esta cindida, pois o produto pertence a outro (o capitalista) e o trabalho permanece exterior a ele; por isto o trabalhador não se reconhece no produto de seu trabalho. Quanto mais bens produz o trabalhador, mais empobrecido fica, tornando-se ele mesmo uma mercadoria. É através do trabalho que o homem pode exteriorizar-se na natureza, processo que Marx denominou de objetivação. No entanto, na esfera da economia política esta objetivação aparece como perda do objeto, a atualização do trabalho aparece como perda de sua realidade, e a apropriação como alienação ou desapossamento. “O objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõem como um ser alienado, como uma força independente do produtor”⁷. Nestas condições, os objetos produzidos pelo homem no trabalho permanecem estranhos, alheios a ele; tornam-se um poder autônomo, ficam acima de e contra ele.

O trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como um objeto alienado. A consequência desta alienação na esfera do trabalho, se o trabalho em Marx é o modo que tem o homem de se relacionar com a natureza, é que o homem fica alienado de si mesmo, de sua essência. Nesta perspectiva, a acumulação e a concentração sucessiva de capital provocariam uma exacerbação da divisão de classes, conduzindo a uma crise e à derrubada do capitalismo. Nasceria, então, uma nova sociedade, sem classes, baseada no princípio da propriedade coletiva. Num

⁷ Idem, p. 90.

movimento dialético de superação e sínteses sucessivas, o processo histórico conduziria o homem do capitalismo, passando pelo socialismo, ao comunismo. Com o trabalho não mais alienado, o fim da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, abrir-se-ia uma possibilidade de apropriação da essência humana, reintegração de seu ser pelo sujeito.

De fato, se Lacan retoma o termo alienação, o faz num sentido crítico, afastando-se da conceituação marxista. Pois a relação do sujeito ao Outro, no que concerne ao significante, é sempre sob a forma da alienação. Esta relação implica obrigatoriamente uma eleição, comportando sempre uma perda; uma perda necessária para que o sujeito apareça enquanto sujeito do inconsciente, efeito da ação da linguagem. Alienar-se ao Outro do significante é a única via possível para o sujeito advir, e a perda que isso implica não é passível de reintegração. Só é possível pensar a alienação num campo onde existam significantes; não há outra alienação que não seja significante. Como assevera Lacan, "...nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, senão porque aí existem seres falantes."⁸ Em outras palavras, é porque um significante remete a outro, e neste movimento representa o sujeito, que o sujeito pode aparecer.

Lacan parte do princípio da pré-existência da linguagem, desse campo do Outro, onde significantes se articulam antes que haja aí um sujeito para decifrá-los. Há uma anterioridade do Outro com relação ao sujeito, isto significa, como diz Lacan, "conceder essa prioridade ao significante sobre o sujeito (...) levar em conta

⁸ LACAN, J. Posição do Inconsciente. Op. cit., p. 324.

a experiência que Freud nos abriu, que o significante joga e ganha, se podemos dizer, antes que o sujeito se dê conta, a ponto de que no jogo do *Witz*, do chiste, por exemplo, ele surpreenda o sujeito. Com seu flash, o que ele ilumina é a divisão do sujeito consigo mesmo.”⁹

Freud, em seu trabalho *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), ilustra com uma série de exemplos as técnicas do chiste. O primeiro deles, que se tornou célebre, toma-o de Heinrich Heine em seus *Reisebilder*. Refere-se a um pobre agente de loteria de Hamburgo, que conta ao poeta, vangloriando-se, como foi recebido pelo rico barão de Rothschild: “E assim, verdadeiramente, sr. doutor, Deus quis conceder-me toda sua graça; sentei-me junto a Salomão Rothschild e ele me tratou como a um dos seus, de um modo inteiramente familionário”¹⁰. A formação do chiste, neste caso, como descreve Freud, se dá através da técnica de condensação com formação substitutiva, produzindo uma palavra mista. Apresenta graficamente a origem da palavra neoformada que se compõe das palavras *familiär* e *millionär*:

famili	är
milionär	

familionär	

É possível reconhecer neste exemplo a operação de substituição significativa, ou seja, a metáfora, permitindo a emergência de uma significação. O inconsciente opera, produzindo um efeito de verdade que surpreende o sujeito. Temos aí o fator de “desconcerto e iluminação” apontado por Freud como característico do chiste.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ FREUD, S. El chiste y su relación con lo inconsciente (1905). In: *Obras Completas*. v.VIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p.18.

No Seminário V - *As formações do inconsciente*, Lacan, abordando o *Witz* em relação ao inconsciente, encontra na técnica do chiste a técnica do significante, e vai dizer, com relação à cadeia significante e sua rede de empregos que: "... é a existência deste mecanismo complexo que faz que um discurso diga sempre mais do que quer dizer"¹¹. Em outras palavras, o processo do chiste envolve o Outro, o jogo significante e suas articulações. Quando Freud faz referência ao chiste como processo social, pode-se pensar que para ele o inconsciente tem necessariamente uma relação com o Outro. O chiste, diz-nos Freud, requer uma outra pessoa a quem se possa dirigi-lo, um outro que comprove o seu resultado, enfim, um "outro da comicidade". Diz ainda que cada chiste requer seu público, ou seja, sujeitos que compartilhem do mesmo código de referências, e inclusive, em algum ponto, as mesmas inibições. Para que o chiste produza seus efeitos, para que faça rir, é necessário que haja condescendência do Outro, acolhimento do Outro. Lacan, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, quando formula que - "o inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente"¹² -, aponta para esta relação do inconsciente com o Outro, Outro que nos constitui.

No escrito *Posição do inconsciente*, Lacan irá ressaltar que "O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito: por esse efeito, ele não é causa de si próprio, ele traz em si o verme da causa que o escinde - pois sua causa é o

¹¹ LACAN, J. *Las formaciones del inconsciente (1957-58)*. Seminário V. Seleção de Oscar Masotta. Transcrição de J.B. Pontalis. Buenos Aires: Nueva Visión, p.70.

¹² LACAN, J. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Op.cit., p.123.

significante sem o qual não haveria nenhum sujeito - no real”¹³. Isto quer dizer que o sujeito não pode autoengendrar-se, ser causa de si mesmo. Lacan elogia Santo Agostinho por não aceitar o argumento ontológico que faz pensar que Deus possa ser causa *sui*. Acreditar que Deus possa ser causa *sui* é pensar que a partir do conceito de Deus, ele passe a existir.

Spinoza começará a *Ética* definindo o conceito de causa *sui*: “Por causa de si mesmo entendo aquilo cuja essência envolve a existência, isto é, aquilo cuja natureza só pode conceber-se como existente”¹⁴. Originariamente, causa *sui* não se referia a Deus. Referia-se ao homem enquanto podendo determinar-se a si mesmo, livremente. Foi Descartes, em sua prova da existência de Deus, chamada por Kant de Ontológica, que apresentou Deus como causa *sui*. Para Descartes, Deus é a causa *sui* por excelência, e será, também, para Hegel.

Mas Lacan adverte que não é por ser o Outro o ponto de partida da primeira operação de causação do sujeito, que a faz qualificar de alienação. Pois “a alienação - diz ele - reside na divisão do sujeito”¹⁵.

Se o sujeito não é causa de si próprio, como ele se constitui ?

Em um primeiro momento da operação de alienação, há um sujeito em instância, isto é, um sujeito que está na iminência de acontecer, de vir. Como refere Lacan: “o ser que não tem ainda a fala”¹⁶, o que há de surgir. Isto é supor um tempo mítico em que haveria um sujeito anterior à sua divisão, um pré-sujeito ou um

¹³ LACAN, J. Posição do inconsciente. Op. cit., p. 319.

¹⁴ MORA, J. Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1979. p.471-2.

¹⁵ LACAN, J. Posição do Inconsciente. Op. cit., p. 325.

¹⁶ LACAN, J. Posição do Inconsciente. Op. cit., p. 325.

sujeito que é nada. A respeito do pré-sujeito, pergunta-se Miller: “Como podemos qualificá-lo?” E responde: “Não podemos razoavelmente mais que qualificá-lo negativamente: para nós, é o que não fala ainda, o que não nasceu ainda para a palavra”¹⁷. É o que figura na célula elementar do grafo do desejo, formulado por Lacan, como um pequeno delta. Este delta é o ponto de partida de um vetor, vetor do sujeito, assim representado no escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*.

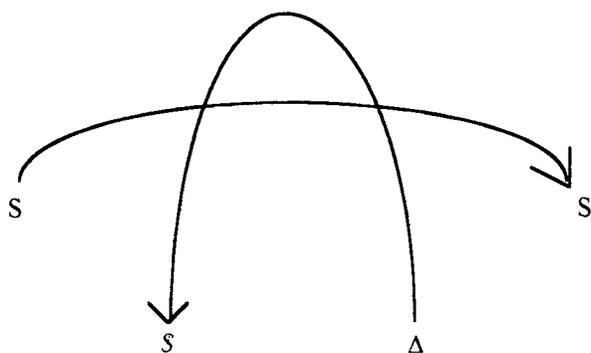


Figura 3.2¹⁸

O delta (Δ) é um ponto de partida; situa um vivente mítico que parte da necessidade. Na verdade, o delta é um mito, pois imaginar algo fora do significante é impensável. Mas trata-se de dar conta do nascimento do sujeito e, para isso, Lacan se utiliza da metáfora de um peixe, enganchado pelo anzol, sendo o significante o anzol que captura o vivente. O sujeito não está desde o início, ele é um efeito ligado à propriedade retroativa do significante, é como que uma primeira resposta da

¹⁷ MILLER, J.A. *Del síntoma al fantasma y retorno*. Curso de 09/03/83, Paris. Traduzido por Simpósio del Campo Freudiano, Buenos Aires.

¹⁸ LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: *Escritos*. Op.cit., p. 287.

captura que o significante faz do vivente. Se éramos peixes, viveremos daqui para frente como pescados, assujeitados pela ordem significante.

O sujeito é, então, falado pelo Outro antes que possa falar. “Ao sujeito pois, não se lhe fala. Isso fala dele, e é lá que ele se apreende.”¹⁹ A linguagem fala dele e esse Outro, podemos encarná-lo nos pais que aguardam o *infans* que está para nascer. O *infans* será inscrito na divisão entre os sexos sob os significantes menino ou menina, esperado como herdeiro, sucessor, primogênito ou caçula, *infans* cujo nome já está fixado, cujo o futuro é antecipado, *infans* localizado na família, classe social, nacionalidade, enfim localizado numa cadeia simbólica que lhe oferece a única via possível para advir sujeito.

Lacan, retomando uma expressão de Daniel Lagache, dirá que o sujeito é antes de tudo um pólo de atributos, pontuando que estes atributos são significantes. “Um polo de atributos, tal é o sujeito antes de seu nascimento (...) De atributos, quer dizer, de significantes mais ou menos ligados em um discurso (...)”²⁰.

2 Afânise do sujeito

Este sujeito que não é ainda nada é capturado por um significante que vem do Outro e se endereça a ele. É porque se fala deste sujeito que ele poderá surgir. Porém, ao ser capturado pelo significante ele desaparece como sujeito. Isto quer dizer que o sujeito nasce sob uma forma singular, ele nasce desaparecendo. O

¹⁹Idem. Posição do Inconsciente. Op. cit., p. 320.

²⁰LACAN, J. Observación sobre el informe de Daniel Lagache: “Psicoanálisis y estructura de la personalidad”. In: *Escritos II*. 6.ed. México: Siglo XXI, 1980, p. 274.

sujeito, ao mesmo tempo que é chamado a aparecer pelo significante, é paradoxalmente chamado a desaparecer: “... pelo único fator de que Isso se endereça a ele, ele desaparece como sujeito sob o significante que ele advém, ele não era absolutamente nada.”²¹ Nesse sentido, Colette Soler assinala que a particularidade do vivente é anulada pelo significante. Harari afirma que “esse é o preço para formar parte do rebanho”²², referindo-se à ação do significante sobre o vivente. A incidência do significante, provoca esse efeito letal, mas, por outro lado, outorga a única via possível para o advento do sujeito. Sob este efeito, o sujeito fica como que aniquilado, desvanecido, abolido.

“O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto - que antes não era nada senão sujeito por vir - se coagula em significante”²³. A este movimento Lacan denominou petrificação, *fading* ou afânise. A palavra grega *aphanisis* significa “ato de fazer desaparecer, desapareição”²⁴. Etimologicamente o termo alude a “Escuro, obscuro, não aparente, oculto...”²⁵. Ernest Jones fez uso do termo para se referir ao “temor fundamental que subjaz em todas as neuroses (...), isto é, o temor da extinção total e permanente da atitude para o prazer sexual, e ainda a ausência de toda possibilidade de experimentar este prazer”²⁶. Segundo ele, o temor à castração representa uma ameaça parcial com

²¹ LACAN, J. Position de l'inconscient. Op. cit., p. 835. “... il disparaisse comme sujet sous le signifiant qu'il devient...” Modifiquei parte da tradução do escrito em português que estava: “ele desapareça como sujeito sob o significante que fica sendo...”, p. 320.

²² HARRARI, R. Sexualidade ou Mântica? - O Vel da alienação. Op.cit., p.238.

²³ LACAN, J. Do amor à libido. In: *O Seminário* - Livro XI. Op. cit., p. 188.

²⁴ LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Diccionario de psicoanálisis*. 2.ed. Barcelona: Labor, 1979. p.11.

²⁵ FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p.43.

²⁶ JONES, E. et al. La fase precoz del desarrollo de la sexualidad femenina. In: *La sexualidad femenina*. Buenos Aires: Homos Sapiens, 1985. p.27.

relação à atitude e ao prazer sexual em sua totalidade. O que melhor se aproximaria da idéia de afânise, tal como esta se apresenta clinicamente, seria a idéia de castração e as idéias de morte. O temor à afânise manifestar-se-ia em ambos os sexos de modo diferenciado. No homem sob a forma ativa da castração, e na mulher pelo medo da separação, temor do abandono.

Lacan toma de empréstimo a palavra afânise de E. Jones, contudo, critica duramente o significado atribuído por ele, ao dizer: “Jones, que a inventou, tomou-a por algo bastante absurdo, o medo de ver desaparecer o desejo”²⁷. E em seguida acrescenta: “Ora, a afânise deve ser situada de maneira mais radical nesse movimento de desaparecimento que qualifiquei de letal. De outro modo, ainda, chamei este movimento de *fading* do sujeito”²⁸.

Portanto, para Lacan afânise designa o desaparecimento letal, a coagulação ou petrificação do sujeito sob a ação do significante. Este movimento também chamado de *fading*²⁹ articula-se à divisão fundante do sujeito, entre sentido e afânise. “Não há sujeito sem, em alguma parte, afânise do sujeito, e é nesta alienação, nesta divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito”³⁰. Efetivamente, não se trata do desaparecimento do desejo como aventa Jones, mas do desaparecimento do sujeito em consequência daquilo que o causa como tal: o significante. Esse movimento de coagulação do sujeito em significante que produz

²⁷ LACAN, J. O Sujeito e o Outro (I): a Alienação. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.197.

²⁸ LACAN, J. O Sujeito e o Outro (I): a Alienação. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.197.

²⁹ Desvanecimento (inglês). No rádio, é a variação da intensidade do som que dificulta a audição. No cinema, *fade-out* é o desaparecimento de uma imagem de luminosidade normal para uma tela negra; *fade-in* é o oposto.

³⁰ Idem. O Sujeito e o Outro (II): a Afânise. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.209.

seu apagamento, é o próprio movimento do “*fading*” constituinte de sua identificação”³¹. O primeiro significante fixa o sujeito numa identificação, à qual ele está assujeitado sem saber, subordinado, assim, a um significante do Outro. Tal momento da constituição do sujeito escreve num só movimento o sujeito chamado pelo significante, o seu desaparecimento e a sua identificação. Este primeiro tempo da operação de alienação pode ser figurado da seguinte forma:

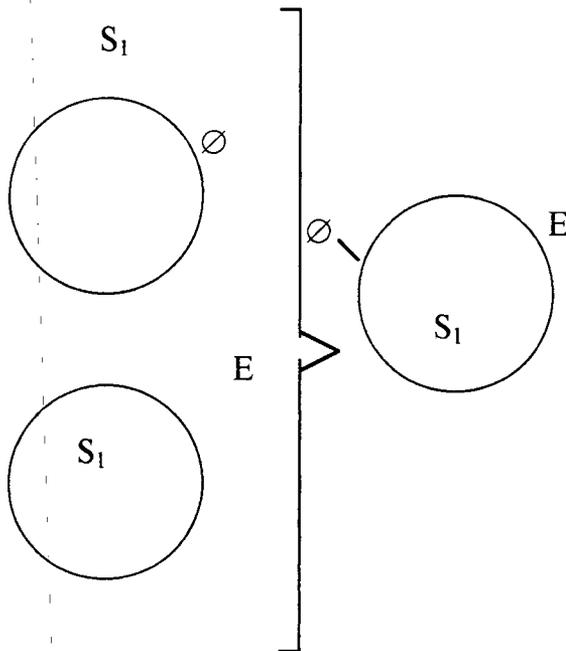


Figura 3.3³²

$S_1 \in E$ (S_1 pertence ao conjunto E)

$\emptyset \subset E$ (O conjunto vazio está incluído em E)

³¹ LACAN, J. Posição do Inconsciente. Op.cit., p.320.

³² MILLER, J.A. *Logique de la Passe* (Curso Inédito). Cours du 25/5/94. Paris, 1994. p.13.

Assim, vemos um primeiro significante (S_1) vindo do campo do Outro, um sujeito que é nada representado pelo conjunto vazio e um S_1 que se insere nesse conjunto do sujeito.

O conjunto vazio, que na teoria dos conjuntos forma parte de todo conjunto, mas não é elemento, pode dar-nos uma representação do sujeito. Se o sujeito é um vazio, uma falta, pode-se operar com esta falta, dar-lhe um lugar, através do conjunto vazio. O importante, aqui, é inserir, encadear o primeiro significante em um conjunto. Quando S_1 é colocado no centro desse conjunto, o conjunto vazio está presente, mas não se pode vê-lo; ele desaparece sob o significante que advém. O sujeito fica, assim, desvanecido, em *fading*.

É possível, agora, perguntar: como se sustenta o sujeito, em seu advento? O primeiro significante (S_1) chama a um segundo (S_2) constituindo assim a primeira dupla significante, uma cadeia significante mínima. Por este movimento o sujeito poderá sair da petrificação em que se encontrava, descolar-se do primeiro significante e entrar na via do sentido. Então, o sujeito se sustenta em seu advento, “produzido pelo apelo feito no Outro ao segundo significante”³³.

Com a entrada na via do sentido, o sujeito será representado por um significante, para outro significante. Eis a estrutura própria da alienação e um sujeito dividido pela ação da linguagem.

Lacan situa as formações do inconsciente, cuja estrutura pertence ao registro do significante, sob o *vel* da alienação. “O registro do significante se institui pelo

³³ LACAN, J. Posição do Inconsciente (1964). Op. cit., p. 320.

fato de que um significante representa um sujeito para outro significante. É a estrutura, sonho, lapso e chiste de todas as formações do inconsciente. E é também aquela que explica a divisão originária do sujeito”³⁴.

3 O vel da alienação

No Seminário XI - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan se apóia na lógica de classes, utilizando-se dos círculos de Euler para representar as relações entre o sujeito e o Outro.

Leonard Euler (1707-1783), foi um suíço, nome importante na história da matemática, cujas contribuições são numerosas, não havendo ramo da matemática em que seu nome não figure. O dispositivo conhecido por diagramas de Euler, ou círculos de Euler, usado como teste de validade de raciocínios dedutivos, foi formulado por Euler numa de suas cartas à princesa Phillipine von Schwedt, sobrinha de Frederico o Grande. Euler dava aulas por correspondência à princesa, de sua casa em Berlim, no período da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), quando toda a corte berlinense se mudou para Magdeburg. Euler, no século XVIII, foi quem primeiro utilizou círculos para analisar problemas de raciocínio, que foram chamados, por isto, de círculos de Euler. Na referida carta à princesa alemã, Euler desenha estes círculos para situar as proposições categóricas que podem ser

³⁴ LACAN, J. *Posição do Inconsciente*. Op.cit., p.325.

universais, ou particulares, negativas ou afirmativas³⁵. Estes círculos se recortam dando lugar a duas relações possíveis: reunião e intersecção.

Dados dois conjuntos, A e B, sua reunião ($A \cup B$) consiste todos os elementos de A ou B, ou ambos, como mostra o exemplo:

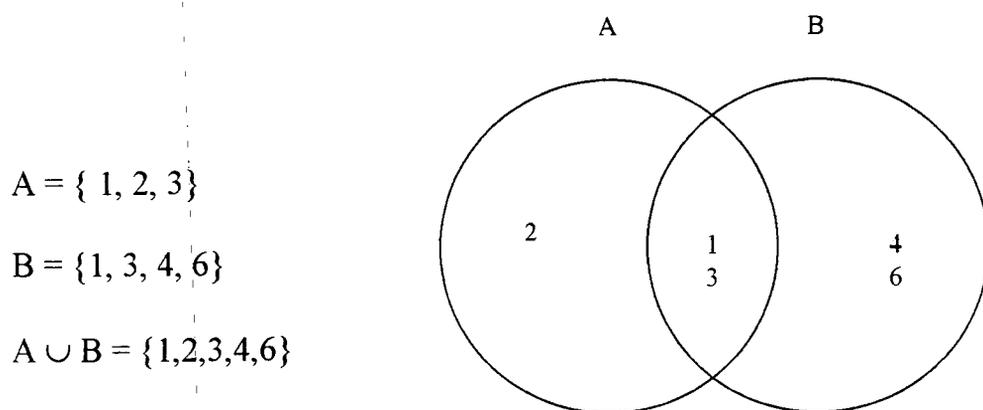


Figura 3.4

Convém lembrar que reunir dois conjuntos não é o mesmo que adicioná-los; a reunião não é igual a soma dos conjuntos.

Lacan volta a apresentar os campos do sujeito e do Outro, ressaltando, agora, a operação de reunião, representada assim :

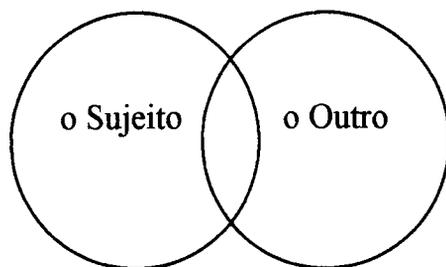


Figura 3.5

³⁵Cf. EVES, H. *Introdução à história da matemática*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p.474.

Faz operar o *vel* da alienação, sobre a forma lógica da reunião, e recorre à lógica simbólica para definir o que é o *vel*.

A lógica simbólica lança mão de símbolos e notações especiais, criando uma espécie de “linguagem simbólica artificial”³⁶ livre das dificuldades da linguagem comum, permitindo o manejo de enunciados e proposições lógicas através de técnicas determinadas. Todos os enunciados estão divididos em duas categorias gerais: enunciados simples e enunciados compostos. O enunciado simples não contém nenhum outro tipo de enunciado como parte constituinte de si mesmo. Ex.: Carlos é educado. O enunciado composto contém outro enunciado como parte constituinte de si mesmo. Ex.: Carlos é educado e Carlos é suave. Todo enunciado tem um valor de verdade: é verdadeiro ou falso. O valor de verdade de um enunciado composto pode estar ou não totalmente determinado pelo valor de verdade dos enunciados que o compõem.

A conjunção, a negação e a disjunção são espécies diferentes de enunciados compostos. A conjunção implica o uso do conector “e”, unindo dois enunciados, chamados de conjunctos, como no exemplo: Carlos é educado e Carlos é suave. Temos como resultado um enunciado composto, onde foi introduzido o ponto (.), como símbolo da conjunção. Com maior generalidade pode-se escrever: p.q. Em termos de valor de verdade, uma conjunção é verdadeira quando os enunciados que a compõem são verdadeiros e falsa no caso contrário. Todo enunciado composto cujo valor de verdade está determinado pelos valores de verdade de seus

³⁶ COPI, I. M. *Lógica Simbólica*. In: *Introducción a la lógica*. 24.ed. Buenos Aires: Eudeba, 1982. p.279

componentes é denominado enunciado composto funcional-veritativo. Uma conjunção é, pois, um enunciado composto funcional-veritativo.

A determinação do valor de verdade de uma conjunção pelos valores de verdade de seus conjuntos pode representar-se por meio de uma tabela-verdade, onde os valores de verdade e falsidade são representados pelas letras V e F, assim:

p	q	p.q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Como demonstra a tabela-verdade, uma conjunção é verdadeira se, e somente se, ambos os compostos são verdadeiros.

A negação de um enunciado forma-se, geralmente, inserindo-se um “não” no enunciado original. Também é possível expressar a negação antepondo ao enunciado, a frase “é falso que” ou “não é o caso que”. Para expressar a negação de um enunciado, é usado o til (\sim). De tal forma que, se p representa um enunciado qualquer, sua negação se escreve $\sim p$. O til é um operador funcional-veritativo.

A negação de todo enunciado verdadeiro é falsa, e a negação de todo enunciado falso, é verdadeira. Pode expressar-se por uma tabela-verdade, da seguinte maneira:

p	$\sim p$
V	F
F	V

A disjunção é formada introduzindo-se a palavra “ou” entre dois enunciados, que são chamados, então, de disjunctos. A palavra “ou” pode ter dois significados distintos, designando dois tipos de disjunção: a inclusiva e a exclusiva. O “ou” inclusivo tem o sentido de “um ou outro, possivelmente ambos”³⁷. Podemos dizer simplesmente e/ou. Assim, por exemplo, o enunciado “Maria deve ser inteligente ou rica”, não exclui a possibilidade de Maria ser inteligente e rica.

Há o sentido forte ou exclusivo do “ou” que quer dizer “um ou outro, mas não ambos”; ao eleger-se um exclui-se o outro. Por exemplo, quando em um restaurante aparece indicado no menu “Salada ou sobremesa”, deve-se entender que pelo preço da refeição escolhe-se um ou outro, mas não ambos.

Em Latim existem duas palavras diferentes para designar os sentidos diferentes de “ou”. A palavra *vel* se usa no caso de uma disjunção inclusiva, enquanto *aut* é usado para as disjunções exclusivas.

Podemos expressar as disjunções inclusivas e as disjunções exclusivas pelas tabelas-verdade:

³⁷ Idem. Lógica simbólica. Op.cit., p.285.

p	q	$p \vee q$	p	q	$p \# q$
V	V	V	V	V	F
V	F	V	V	F	V
F	V	V	F	V	V
F	F	F	F	F	F

Onde p e q simbolizam dois enunciados, \vee é a notação lógica para a disjunção inclusiva e $\#$ é a notação usada para a disjunção exclusiva. Como se pode ver, a disjunção inclusiva é verdadeira quando um dos disjunctos ou ambos são verdadeiros. Na disjunção exclusiva, ao menos um dos enunciados é verdadeiro, mas não ambos.

Como foi dito anteriormente, a partir da reunião do conjunto do sujeito com o conjunto do Outro, Lacan faz funcionar o *vel* da alienação: “Avancemos na estrutura lógica. Essa estrutura é aquela de um *vel*, novo ao produzir aqui sua originalidade”.³⁸ O *vel* da alienação implica que numa escolha entre dois termos só se possa eleger um, sempre o mesmo, sabendo que esta eleição acarreta que um termo seja sempre perdido. “Essa reunião é tal que o *vel* que dizemos da alienação não impõe uma escolha entre seus termos senão ao eliminar um dos dois, sempre o mesmo qualquer que seja esta escolha”.³⁹ Lacan ilustra esta disjunção através de exemplos, como: “a bolsa ou a vida”; “a liberdade ou a vida”. Se escolho a bolsa perco as duas, se escolho a vida, será a vida desfalcada da bolsa. A escolha é de

³⁸ LACAN, J. *Posição do Inconsciente*. Op. cit., p.325-6.

³⁹ *Idem*, p. 326.

qualquer jeito decepcionante, pois implicará uma falta, a do outro termo. No segundo exemplo, se fico com a liberdade, perco imediatamente as duas. Se escolho a vida, tenho a vida amputada da liberdade. Para ter a vida, pago o preço de perder a liberdade.

No dramático exemplo “a liberdade ou a morte!”, Lacan diz: “Aí, porque a morte entra em jogo, produz-se um efeito de estrutura um pouquinho diferente”.⁴⁰ Diz também que tal situação põe em evidência o fator letal, essencial no *vel* alienante. É que, nessas circunstâncias, a liberdade implica em escolher a morte, pois é a única prova da liberdade de escolha. Por se tratar de um momento hegeliano, chamado de terror, faremos uma breve passagem pela dialética do senhor e do escravo em Hegel, via a leitura de Kojeve⁴¹.

Para Hegel, a história é uma dialética do domínio e da escravidão começando com a primeira luta que desembocou na aparição do senhor e do escravo. A história universal, a história da interação entre os homens e destes com a natureza, é a história da interação entre os senhores guerreiros e os escravos trabalhadores.

Mas, quem é o senhor? É aquele que na luta de prestígio vai até ao fim, sendo capaz de colocar sua vida em risco para se fazer reconhecer por outro homem em sua superioridade, ser reconhecido como senhor pelo escravo. Este desejo de ser reconhecido por outra consciência, de ser chamado de senhor, é um desejo que aponta para algo ideal, espiritual, não biológico, não natural. A superioridade do senhor sobre a natureza está fundada na possibilidade de arriscar sua vida.

⁴⁰ Idem, p.202.

⁴¹ KOJEVE, A. *La dialectica del amo y del esclavo en Hegel*. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1975. p.171-210.

O homem tornou-se escravo porque tem medo da morte. O escravo, ao escolher a conservação da vida, revela sua dependência da natureza e seu temor ao senhor que o domina. Na luta de puro prestígio, ele cede ante o outro, submete-se, selando sua posição de vencido frente ao senhor. Como vencido, subordina seu desejo humano de reconhecimento ao desejo biológico da conservação da vida, e isto é o que determina sua posição de inferioridade.

A existência do escravo se reduz ao trabalho que realiza a serviço do senhor - trabalha, mas não luta. Enquanto a existência do senhor é exclusivamente guerreira - luta, mas não trabalha.

Esta concepção, segundo a qual a história é uma dialética do domínio e da servidão, nos permite entender a divisão do processo histórico em três grandes períodos. O primeiro período histórico é aquele em que a existência humana está determinada pela presença do senhor, já que a história começa com a luta que produz um senhor dominando um escravo. No curso desse período é, pois, o domínio o que revelará sua essência. O primeiro período é completado por um segundo, onde o que prevalece é a existência servil. A servidão então se revela inteiramente, realizando-se completamente. Mas se o fim da história é a superação dialética do senhor e do escravo, a síntese destes pares de opostos, é necessário um terceiro período,

“durante o qual a existência humana de algum modo neutralizada, sintética, revela-se a si mesma, realizando ativamente suas próprias possibilidades. Por sua vez, tais possibilidades implicam também a

possibilidade de compreender-se, plena e definitivamente, quer dizer, perfeitamente”⁴².

No lugar do senhor e do escravo advém o burguês-trabalhador, o proprietário que trabalha para o capital. É, justamente, o que aparece com a Revolução Francesa, realizando-se com ela o ideal de individualidade dos intelectuais do século das luzes, pela luta dos burgueses-trabalhadores, primeiramente revolucionários e depois cidadãos do Estado universal e homogêneo do Império napoleônico. Este é o homem integral, síntese do senhor e do escravo. Tal processo ideal, para se realizar, deve associar o elemento servil do trabalho ao elemento de luta de vida ou morte que caracteriza o senhor. “O burguês-trabalhador, para se tornar cidadão do Estado absoluto, deve advir guerreiro, isto é, deve introduzir a morte em sua existência, arriscando consciente e voluntariamente sua vida, posto que se sabe mortal”⁴³. No mundo burguês não há senhores nem escravos. Por servir ao capital, o burguês é seu próprio escravo e, portanto, é de si mesmo que tem que se libertar. Nesse caso, o risco liberador da vida não é o risco no campo de batalha, mas o risco criado pelo Terror de Robespierre. Ao tornar-se revolucionário, o burguês-trabalhador cria em si mesmo a situação que lhe introduz o elemento da morte.

Lacan toma distância da dialética hegeliana, cuja concepção de sínteses sucessivas caminha na direção de uma síntese final que implica um homem integralmente satisfeito. Isto não passaria de uma promessa, diz Lacan, “... e que alguém ilustrou graciosamente com o título de *Domingo da Vida* - quando mais

⁴² Idem, p.185.

⁴³ Idem, p.209.

nenhuma abertura restará hiante no coração do sujeito”⁴⁴. O que Lacan vem ressaltar com o exemplo “a liberdade ou morte!” é o fator letal que implica o *vel* alienante e neste caso para ter a liberdade não haverá outra escolha senão a morte.

A partir do exemplo “A bolsa ou a vida!”, Miller⁴⁵ propõe uma tabela-verdade para o *vel* da alienação, onde b que representa a bolsa e v a vida são equivalentes a p e q como proposições. O *vel* da alienação é representado por v^a :

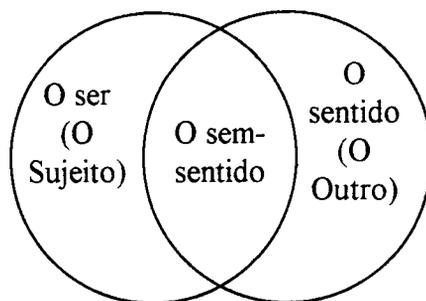
b	v	$p \vee^a q$
p	q	
V	V	F
V	F	F
F	V	V
F	F	V

A lógica da alienação comporta que não se pode conservar os dois termos - a bolsa e a vida. A escolha a ser feita implica que ou bem se guarda a vida ou bem se perde os dois. Portanto, serão verdadeiras as proposições onde somente o segundo termo (vida) é verdadeiro, ou quando os dois termos são falsos. Neste caso, houve a perda dos dois termos, denotando que a escolha feita, foi pela bolsa.

Lacan ilustra a escolha que implica o *vel* da alienação para o sujeito, a partir dos círculos de Euler, da seguinte forma:

⁴⁴ LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI, p.210.

⁴⁵ MILLER, J-A. 1, 2, 3, 4. Cours du 28/11/84. v.I. Paris. 1984-85. p.45.

Figura 3.6⁴⁶

O sujeito é convocado a fazer uma escolha entre o sentido ou a petrificação.

Se elege o ser, o sujeito desaparece, se petrifica:

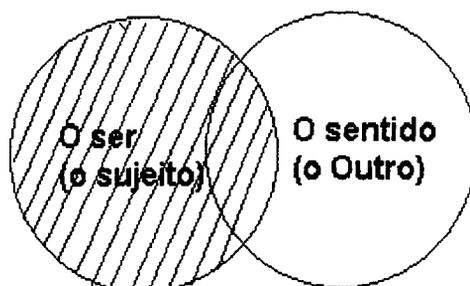


Figura 3.7

Escolhendo o sentido, haverá uma perda de sentido, um ponto de sem-sentido que provém do campo do Outro. “Quando de algum modo o sentido se realiza em um sujeito em virtude da ação do Outro, deixa caído no caminho uma região de sem-sentido”.⁴⁷

⁴⁶ LACAN, J. O Sujeito e o Outro (I): A Alienação. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.200. Optou-se pelo termo sem-sentido, ao invés de não-senso que consta na tradução do Seminário para o português.

⁴⁷ HARARI, R. Sexualidade ou Mântica? - *O Vel da Alienação*. Op. cit., p.241.

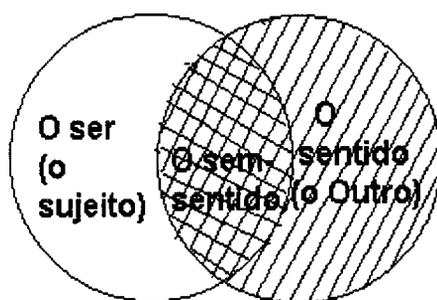


Figura 3.8

Não há como aceder a um sentido pleno no que toca ao ser falante, restando sempre uma perda de sentido que o constitui. Esta região de sem-sentido é o que resta da operação de constituição do sujeito no campo do Outro: o inconsciente. “... escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de sem-sentido que é, falando propriamente, o que constitui, na realização do sujeito, o inconsciente”⁴⁸.

O sujeito, para se constituir enquanto sujeito do inconsciente, se vê forçado a escolher o sentido, mas ao fazê-lo, perde uma parte de sentido. “... é da natureza desse sentido tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo seu desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante”⁴⁹.

⁴⁸ LACAN, J. O Sujeito e o Outro (I): A Alienação. In: *O Seminário*. Livro XI. Op. cit., p. 200.

⁴⁹ Idem, *ibidem*.

A emergência do sentido a partir do segundo significante, e correlativamente a eclipse de S_1 e do sujeito, constituindo o inconsciente, pode ser representada de outra forma:

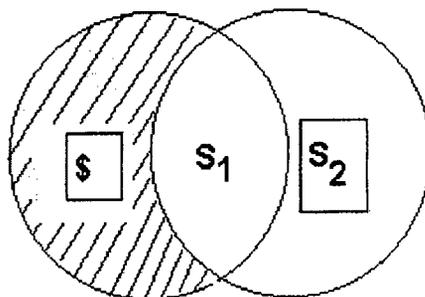


Figura 3.9⁵⁰

É possível visualizar aqui, a queda do primeiro significante, S_1 , no sem-sentido, caracterizando a repressão primária em relação à operação de alienação. “Eu lhes rogo - diz Lacan - considerar a necessidade lógica desse momento em que o sujeito como X só se constitui pelo *Urverdrängung*, pela queda necessária desse significante primeiro”.⁵¹ Este X designa o sujeito como uma incógnita. Escreve o fato de que o sujeito ex-siste à cadeia significante. Dito de outro modo, o sujeito, na cadeia significante, só aparece representado, mas nenhum significante irá esgotá-lo, dizer o que ele é, porque o sujeito é falta em ser.

O significante primordial, caído sob repressão primária, constitui o núcleo do inconsciente, sendo puro sem-sentido, a-semântico. Com relação a este significante

⁵⁰ MILLER, J-A. *Logique de la Passe*. Op.cit., p.14.

⁵¹ LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.237.

irredutível, diz Lacan que ele não está aberto a todos os sentidos, mas, pelo contrário, mata todos os sentidos. Lacan insiste neste ponto, no capítulo XIX do Seminário XI, dizendo que a interpretação não está aberta a todos os sentidos.

Não é pelo fato de que um significante remete a outro, metonimicamente, que todas as interpretações são possíveis. “Não é porque eu disse que o efeito da interpretação é isolar no sujeito um coração, um *Kern* - para me exprimir como Freud - de *non-sense*, que a interpretação ela mesma é um sem-sentido”⁵². A interpretação é uma significação, mas não uma significação qualquer. O que visa a interpretação é fazer surgir este significante primordial, irredutível, ao qual o sujeito está submetido. Lacan propõe que a interpretação opere ao nível do significado. Isto é, que a interpretação significativa leve o analisante ao sem-sentido significante. “O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante sem-sentido, irredutível, traumático, ele está, como sujeito, assujeitado”⁵³. Reverte-se, neste caso, a relação na qual o significante produz como efeito o significado. Pois, no dizer de Lacan, “... não é o efeito de sentido que opera na interpretação, mas a articulação no sintoma dos significantes (sem sentido algum) que aí se encontram tomados”⁵⁴.

No entanto, o convite à associação livre, feito pelo analista ao analisante, é um convite para entrar na alienação significante. A via tomada em primeiro lugar é a do sentido, do deslizamento significante, da despetrificação. Mas o caminhar pelo

⁵² *Idem*, p.236.

⁵³ *Idem*, p.237.

⁵⁴ Posição do inconsciente. *Op.cit.*, p.327.

desfiladeiro *significante*, produzindo novos sentidos, esbarra com o sem-sentido que, ao emergir, mostra sua incidência no campo do Outro.

Lacan situa uma série de casos, “ainda que em cada um o sujeito não ocupe o mesmo lugar”⁵⁵, nos quais a operação de alienação e, conseqüentemente, a divisão do sujeito não se produzem. Nesta série, inclui o fenômeno psicossomático, a debilidade mental e a psicose. Refere-se, nesses casos, a uma solidificação da cadeia *significante* mínima, uma falta de intervalo *significante*, denominada *holofrase*. Por esse efeito de solidificação, haveria uma falta de representação do sujeito. Pois é preciso que haja intervalo *significante* para que o sujeito possa ser representado por um *significante* para outro *significante*. Ocorre uma aglutinação do par *significante*, que passa a funcionar como um S_1 absoluto, um *significante* único e não articulado. Situando estes casos em relação ao *vel* da alienação, a escolha feita é a da petrificação e não a do sentido. Gelificação, solidez, tomar a cadeia *significante* primitiva em massa, são formas de apontar para esta falta de intervalo entre os *significantes*. Disso resulta que não só a operação de alienação não se realiza, como tampouco a operação de separação se pode efetuar. Pois é no intervalo *significante* que há abertura ao desejo do Outro. O ser do sujeito fica, então, submetido ao discurso do Outro, de um Outro não barrado.

É o descolamento de S_1 , sua despetrificação, que permitirá ao sujeito operar com sua própria falta, na operação de separação. A escolha pelo sentido é aquela que fazemos desde que falamos, desde que nos comprometemos na palavra, ao

⁵⁵ Idem, O Seminário. Livro XI. p.225.

preço de nosso ser. A operação de alienação reside na inscrição do sujeito no lugar do Outro, onde a escolha pelo sentido comporta sempre um sem-sentido, uma articulação com o inconsciente. Este efeito divisório coloca o sujeito numa vacilação entre o sentido e o sem-sentido, entre o ser e o sentido.

CAPÍTULO IV

A OPERAÇÃO DE SEPARAÇÃO

1. Separare, se parere

A segunda operação, denominada separação, é “onde se fecha a causação do sujeito, para aí experimentar a estrutura da borda em sua função de limite, mas também na torsão que motiva o transbordamento do inconsciente”¹. Esta operação “termina a circularidade da relação do sujeito ao Outro”².

Aqui, Lacan nos conduz ao encontro com a *Ichspaltung*, termo introduzido por Freud num de seus trabalhos finais — *A escisão do eu no processo defensivo*, escrito em 1937 e publicado postumamente em 1938. Neste artigo, que Freud não chegou a concluir, ele retoma o tema da recusa (*Verleugnung*) da realidade e a idéia

¹ LACAN, J. Posição do inconsciente. In: *Escritos*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.327.

² Idem. O Sujeito e o Outro (I): a alienação. In: *O Seminário*, livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.202.

de que esta provocaria uma divisão do eu. Refere-se à situação de conflito vivida pela criança que experimenta a exigência de satisfação pulsional mas também o veto da realidade objetiva, que lhe mostra os riscos de seguir com esta satisfação (ameaça de castração). A resposta ao conflito apresenta-se como duas reações contraditórias. Por um lado, busca satisfação, não aceitando a proibição, isto é, rechaça a realidade através de certos mecanismos; por outro lado, reconhece o perigo, angustiando-se diante dele e procurando defender-se. Como resultado, “as duas reações contrapostas frente ao conflito subsistirão como núcleo de uma escisão do eu”³. O conflito é resolvido à custa de uma quebra no eu que nunca poderá ser reparada.

Lacan prefere traduzir a palavra *Ich* por sujeito, de forma que *Ichspaltung* deve ser lida como “divisão do sujeito”. Escreve que “... no texto em que Freud a introduz, ele funda-a numa escisão não do sujeito, mas do objeto (fálico, notadamente)”⁴. É possível pensar na escisão do objeto fálico, na medida em que Freud enlaça a questão da recusa da realidade com a castração.

Enquanto a primeira operação, alienação, se caracteriza pela forma lógica da reunião, a segunda operação, a separação, está fundada sobre o que em lógica simbólica se chama intersecção ou produto. Por exemplo, dados os conjuntos A e B, sua intersecção consistirá de todos os elementos que estão tanto em A quanto em B, assim:

³ FREUD, S. La escisión del yo en el proceso defensivo (1938). In: *Obras Completas*. Vol.XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1979. p.276.

⁴ LACAN, J. Posição do inconsciente (1964). In: *Escritos*. Op.cit., p.327.

$$A = \{1,2,4\}$$

$$B = \{1,3,4\}$$

$$A \cap B = \{1,4\}$$

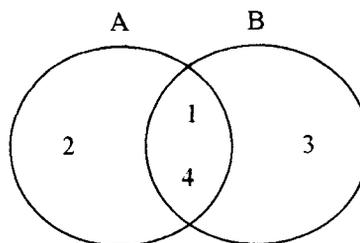


Figura 4.1

A intersecção designa os elementos comuns, incluídos na lúnula entre os conjuntos. Ela pode encontrar-se vazia quando não há nenhum elemento comum entre os conjuntos. Diferentemente da reunião, operação na qual os elementos comuns não são contados como duplicação, na intersecção são justamente estes elementos que são levados em conta. Na separação, a intersecção será o efeito do recobrimento de duas faltas. Portanto, o elemento comum é a falta, intersectado na lúnula.

É conhecido o fato de que a constituição primeira do sujeito no campo do Outro, Lacan a denomina alienação. O sujeito aí capturado, dividido irremediavelmente, é pura falta em ser. Uma pergunta se nos impõe: como o sujeito se protege do significante sob o qual desaparece? Lacan nos responde que "... para se defender do significante sob o qual ele sucumbe, o sujeito ataca a cadeia que reduzimos de uma maneira estrita a uma binaridade, em seu ponto de intervalo"⁵. Ao voltar sobre a estrutura que o alienou, colocando-se no ponto de intervalo da cadeia binária, o sujeito tem a possibilidade de fazer um lugar para si entre os

⁵ Idem, p.328.

significantes. Ademais, é no intervalo entre S_1 ... S_2 , "... o lugar que frequenta a metonímia, veículo do desejo"⁶. É, pois, nesse ponto de intervalo que o desejo do Outro se vem alojar.

Nos intervalos do discurso do Outro, o sujeito encontra uma falta, concernente ao desejo do Outro. É assim que "o sujeito experimenta neste intervalo outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido"⁷. Portanto, há outra coisa no Outro, além dos significantes. Há um X, um enigma, que pode ser colocado como uma pergunta: que quer dizer? ou melhor, o que quer o Outro?

O desejo do Outro, que pode ser apreendido nas faltas do discurso, encarna-se na experiência da criança ante o enigma que para ela representa o desejo dos pais. Os por quês infantis apontam para isto, para além ou aquém de todos os sentidos, de todo intuito de aprendizagem. "Ele me diz isso, mas o que é que ele quer? O que quer de mim o Outro?" É o desejo do Outro aparecendo como enigma, como desconhecido para a criança. Esses por quês testemunham a impossibilidade de uma totalização do saber, de dar respostas a tudo, revelam ao Outro sua incompletude. Eles perguntam pelo desejo do Outro, buscam algo da ordem da falta. Lacan dirá que a criança coloca como resposta a este desejo, cujo objeto ela não conhece, sua própria perda, a fantasia de sua morte, de seu desaparecimento. O sujeito trabalha com sua própria falta respondendo ao enigma do desejo do Outro com sua ameaça de desaparecimento, com um "podes perder-me?" É o caso da anorexia, onde a criança responde à demanda de sua mãe em alimentá-la não

⁶ Idem, ibidem.

⁷ Idem, ibidem.

comendo nada. É uma tentativa radical de fazer falta no Outro. A falta, que na primeira operação, a alienação, recaía sobre o sujeito, agora, na segunda operação, na separação, é colocada no Outro. Daí que se o barramento do sujeito (\$) se dá pela via da alienação, o barramento do grande Outro (~~A~~)⁸ acontece na separação.

Operar com a própria falta, provocando no Outro essa mesma falta, é o que faz o histérico. O histérico tenta resolver sua falta em ser (\$) erigindo um mestre que põe a trabalhar, fazendo-o produzir saber. Ao questionar sua capacidade de exercer a mestria, procura desnudar sua castração, ou seja, barrar o Outro (~~A~~).

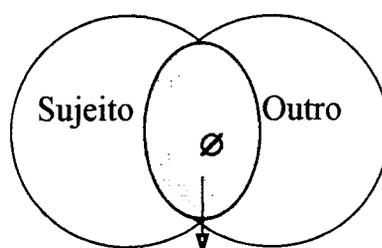
“O que a histérica quer - diz Lacan - é um mestre (..) Quer que o Outro seja um mestre, que saiba muitas coisas, mas que não saiba o suficiente, para não acreditar que ela é o prêmio supremo por todo o seu saber. Dito de outro modo, quer um mestre sobre o qual possa reinar. Ela reina e ele não governa”⁹.

Dessa maneira, o histérico faz com que seja do lado do Outro que apareça o desejo, desviando, assim, sua falta em ser. É através das palavras, do seu discurso interpelador, intimidador, que procura suscitar o desejo do Outro (~~A~~). Trabalhando com sua própria falta - em ser, em saber sobre seu desejo -, o histérico desvela a falta do Outro, descompletando-o. Isso leva a pensar que, na histeria, o modo privilegiado da relação com o Outro é via operação de separação. O que não quer dizer que a operação de alienação não se produza.

⁸ Notação algébrica lacaniana para o Outro barrado.

⁹ LACAN, J. Del mito a la estructura. In: *El Reverso del Psicoanálisis. El Seminario. Libro 17.* Buenos Aires: Paidós, 1992. p.137.

Uma vez confrontado com a falta do Outro, o sujeito responde com sua própria falta. Falta que vimos surgir precedentemente na operação de alienação, ou seja, a falta que é a desapareição significativa do sujeito, perda constitutiva do sujeito do inconsciente. “É uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte”.¹⁰ Esta dialética, chamada por Lacan de “recobrimento de duas faltas”, se gera no ponto de intersecção do desejo do sujeito com o desejo do Outro. Pode-se anotar graficamente esse “recobrimento de duas faltas”, colocando na intersecção do conjunto do sujeito com o conjunto do Outro o conjunto vazio.



Duas faltas, a do sujeito (S) e a do Outro (A)

Figura 4.2

O conjunto vazio do sujeito intercepta o Outro em um ponto onde o conjunto do Outro comporta o conjunto vazio, o ponto em que se articula o intervalo dos significantes. Nos pontos de falta no Outro, o sujeito reencontra sua falta em ser; diante do enigma do desejo do Outro que o sujeito não pode nomear, ele se oferece como sujeito barrado, operando com sua própria falta. “... o sujeito vem a

¹⁰ LACAN, J. O sujeito e o Outro (I): a alienação. In: *O Seminário*, Livro XI. Op. cit., p.203.

reencontrar no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente”¹¹.

Eis aí a “torsão essencial” à qual se refere Lacan tanto no Seminário XI, quanto no Escrito *Posição do Inconsciente*, “... a torsão pela qual a separação representa o retorno da alienação”¹². O sujeito, por esse efeito de torsão, reencontra sua equivalência, enquanto falta, no desejo do Outro.

Agora pode ficar mais claro o que diz Lacan acerca da circularidade da relação do sujeito com o Outro: “... do sujeito chamado ao Outro...”, primeiro momento da alienação, captura do sujeito pelo significante; “... Ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro...”, o sujeito situa no campo do Outro sua própria falta, fazendo intersecção com a falta do Outro; “... do Outro que lá retorna”¹³. Ao operar com sua própria falta, o sujeito é reconduzido à alienação, onde advém sujeito do inconsciente.

Lacan joga com a palavra separação; tomando do Latim *separare*, faz uma escanção que produz *se parare*, *se parer*, que em Francês significa tanto “vestir-se” quanto “munir-se do necessário”, “pôr-se em guarda”. “E irei mais longe ainda, no que autorizam os latinistas, ao *se parere*, ao engendrar-se do que se trata no caso”¹⁴. Sobre isso, Harari adverte que esse engendrar-se não deve ser confundido com autoengendramento, isto é, com a possibilidade do sujeito ser causa *sui*. *Se parere* alude aqui a que “é de sua partição que o sujeito procede a seu parto. E isto não

¹¹ Idem. *Posição do inconsciente*. Op.cit., p.327.

¹² Idem, p.328-9.

¹³ Idem. *O seminário*, Livro IX. Op.cit., p.196.

¹⁴ Idem, p.202.

implica a metáfora grotesca que ele se ponha no mundo de novo”¹⁵. *Parere*, palavra que em Latim designa o engendrar, quer dizer, primeiramente, procurar, prover um filho ao marido. É um termo de origem jurídica, do qual derivará a palavra parturição.

Coloca-se, então, a pergunta: como o sujeito se poderá engendrar via operação de separação? O que o sujeito pode prover-se, aqui, é o que Lacan qualifica como um “estado civil”. Que a separação dê ao sujeito um “estado civil” significa que este não seja simplesmente falado pelo Outro, que seria o que produz a alienação. A separação permite ao sujeito jogar com certa margem de liberdade. Ao situar-se nos pontos de falta do Outro, o sujeito poderá “jogar sua partida” e liberar-se do efeito afanísico do significante. Nesses pontos, há uma separação do Outro, da cadeia significante, ao mesmo tempo em que aí pode o sujeito encontrar um lugar. Para que o sujeito tenha um estado civil é necessário que ele possa operar com essa parte que “joga sua partida sozinha”¹⁶ e que “não tem nada a ver com o todo”¹⁷. Tal operação pode ser assim expressa, segundo Rosales:

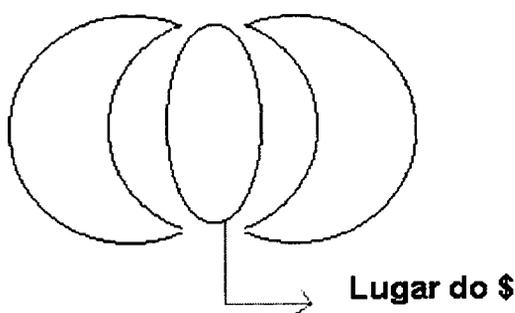


Figura 4.3¹⁸

¹⁵ Idem. Position de l'inconscient. In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966. p.843.

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem. Posição do inconsciente. Op.cit., p.328.

¹⁸ ROSALES, M.I. Funciones lógicas y experiencia analítica. In: *Uno por Uno - Revista Mundial de psicoanálise*. Edición Argentina, n.39, 1994. p.47.

No artigo *Funções lógicas e experiência analítica*, Rosales aponta para o paradoxo que a separação comporta: ela implica, por um lado, situar a falta no Outro e que o sujeito se faça um lugar no Outro; mas por outro lado, faz existir o sujeito como ser fora do Outro, separado do Outro, de forma que o sujeito adquira este “estado civil” ao qual se refere Lacan.

A intersecção que implica a separação, como já foi visto, não envolve nenhum tipo de eleição, seja um “e-e”, como implica a reunião, ou como no *vel* da alienação, um “ou-ou”, envolvendo uma escolha forçada. A escolha só aparece quando há significante. Na separação, trata-se de uma relação da falta à falta, onde “um nem à é chamado a preencher um outro nem à”¹⁹.

2 A Transferência: da alienação à separação

A transferência é um dos conceitos fundamentais da psicanálise, através do qual se pode pensar a relação analista-analisante, na direção da cura. Quando o analisante se consagra à sua tarefa, que é a associação livre, desencadeia-se o movimento de pulsação temporal do inconsciente, abertura e fechamento, e a transferência é posta em ato.

No Seminário XI, Lacan trabalha o conceito de transferência em duas vertentes: a do sujeito suposto saber, tomado a partir da alienação significante, assinalando a abertura do inconsciente; e, na segunda vertente, articulado à

¹⁹ LACAN, J. Posição do inconsciente. Op.cit., p.327.

operação de separação, em relação ao fechamento do inconsciente e à pulsão. Para chegar ao Seminário XI, é importante o aporte da transferência em alguns textos centrais de Freud e Lacan sobre o tema.

Um dos sentidos do termo transferência, tanto em Português quanto em Alemão (*Übertragung*), refere-se a deslocamento - de pessoas, objetos, valores, entidades, direitos, etc. Foi este o sentido tomado por Freud, inicialmente, na *Interpretação dos sonhos*. Refere-se a “pensamentos de transferência” e “transferência”, quando o desejo inconsciente encontra expressão disfarçando-se com a ajuda do material pré-consciente da vigília (restos diurnos).

“... a representação é, como tal, incapaz de penetrar no pré-consciente, e só pode exercer seu efeito entrando em conexão com uma representação anódina que pertença já ao pré-consciente, transferindo sua intensidade sobre ela, e ocultando-se nela. Tal é o fato da transferência que explica tantos fenômenos surpreendentes da vida mental dos neuróticos”²⁰.

A princípio, então, a transferência era pensada como um caso particular de deslocamento do afeto de uma representação a outra.

Nos *Estudos sobre a histeria*, Freud falava em transferência quando havia por parte do paciente um deslocamento das representações inconscientes sobre a pessoa do analista. É aí que ele introduz pela primeira vez o termo transferência, envolvendo o analista em relação ao material inconsciente trazido pelo paciente no

²⁰ FREUD, S. La interpretación de los sueños (segunda parte). In: *Obras completas*. Op.cit., Vol. V, p.554.

decorso de uma psicanálise. Refere que a transferência ocorre por uma “falsa ligação”:

“Primeiro havia aflorado na consciência da paciente o conteúdo do desejo, mas sem as recordações das circunstâncias ambientais que poderiam tê-lo ressituated no passado; e em virtude da compulsão a associar, dominante na consciência, o desejo agora presente foi enlaçado à minha pessoa, de quem era legítimo que a paciente se ocupasse; a raiz desta *mésalliance* - eu a chamo falsa ligação - desperta o mesmo afeto que em outra época havia impulsionado a paciente a rechaçar este desejo proibido”²¹.

A partir do historial clínico de Dora, a transferência adquire especial importância no processo de uma análise, emergindo sua significação precisa para Freud. A transferência se produz quando o desejo do analisante se aferra à pessoa do analista, que atrai as cargas liberadas pela repressão.

“Que são as transferências? - pergunta Freud. São reedições, recriações das moções e fantasias que, à medida em que a análise avança, devem ser desveladas e tornadas conscientes; mas o característico de todas elas é a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Para dizê-lo de outro modo: toda uma série de vivências psíquicas anteriores não é revivida como algo passado, mas como vínculo atual com a pessoa do médico”²².

A transferência, assim concebida, aparece entrelaçada com a repetição, marca do retorno do reprimido, sendo o analista o suporte da repetição. Na época deste artigo Freud pensa em transferências que apareciam uma a uma, que deveriam ser explicitadas, tornadas conscientes e assim destruídas. Não poderiam ser evitadas

²¹ Idem. Estudios sobre la histeria. In: *Obras Completas*. Op.cit., v.II, p.307.

²² Idem. Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora). In: *Obras Completas*. Op.cit., vol.VII, p.101.

numa análise, mas fazia-se necessário combatê-las, pois, como um sintoma, eram mais uma manifestação criada pela enfermidade. “A transferência, destinada a ser o máximo obstáculo à psicanálise, se converte em seu auxiliar mais poderoso quando se logra deduzi-la em cada caso e traduzi-la ao paciente”²³.

No texto de 1912 *Sobre a dinâmica da transferência*, Freud se pergunta por que a transferência aparece como a mais forte resistência ao tratamento. Dito de outra forma: “a mais poderosa alavanca do êxito transforma-se no meio mais potente de resistência”²⁴. Isto é verificável numa psicanálise quando as associações do paciente se interrompem, faltam, ou seja, quando se detém a cadeia associativa. O que acontece neste momento? Freud vai dizer que aí surge uma idéia que concerne ao analista ou a algo referente a ele, uma “idéia de transferência”. Pontua neste artigo que os pacientes reeditam, na transferência, sua relação com as figuras parentais, especialmente a ambivalência pulsional característica desta relação.

Em toda psicose ocorre o processo designado por Jung, e resgatado por Freud, de introversão da libido. A libido investida nos objetos do mundo, na realidade, é retirada, internalizada pelo caminho da regressão, tornando-se inconsciente e reinvestindo as imagos infantis. “Toda vez que a investigação analítica tropeça com a libido retirada em seus esconderijos, desencadeia-se um combate; todas as forças que causaram a regressão da libido se elevarão como resistências ao trabalho...”²⁵.

²³ *Idem*, p.103.

²⁴ *Idem*. Sobre la dinámica de la transferencia. In: *Obras Completas*. Op.cit., v.XII, p.99.

²⁵ *Idem*, p.100.

Freud pode verificar, também, que a transferência em relação ao analista é desencadeada quando durante o tratamento se está a ponto de desvelar certos conteúdos reprimidos importantes, isto é, quando se aproxima o que ele denominou de complexo patógeno inconsciente. É nesta região que a resistência se apresenta mais forte, com maior nitidez. Quando algum elemento do complexo é susceptível de ser transferido à pessoa do analista

“esta transferência se produz, fornece a idéia seguinte e se anuncia mediante os indícios de uma resistência - por exemplo, mediante uma detenção das associações. Desta experiência inferimos que a idéia transferencial irrompeu na consciência às expensas de todas as outras possibilidades de associações, justamente porque ela satisfaz a resistência”²⁶.

Freud tentará responder a questão de por que a transferência serve tão bem a resistência, propondo separar uma transferência positiva de uma negativa. A primeira, por sua vez, divide-se em transferência de sentimentos ternos, amistosos, que são suscetíveis de consciência e outra, inconsciente, de moções eróticas reprimidas. A transferência negativa, de sentimentos hostis dirigidos ao analista, é a que resulta apropriada à resistência, bem como a positiva, de moções eróticas. O trabalho do analista, neste caso, visa tornar consciente a transferência, de modo que permaneça atuante apenas uma transferência positiva, aliada importante de qualquer tratamento.

²⁶ Idem, p.103.

Em outro artigo posterior a este, *Observações sobre o amor de transferência* (1915), Freud aponta para o enamoramento, o sentimento amoroso que surge do paciente para com seu analista. Chama-lhe a atenção que tal fenômeno de amor, em vez de tornar dócil a paciente, com boa vontade para o trabalho analítico, costuma produzir efeito contrário. A paciente torna-se rebelde às intervenções do psicanalista, perde interesse pelo tratamento, por seus próprios sintomas, podendo até declarar-se curada. Interessa-se apenas em falar desse amor que demanda ser correspondido. Esta situação pode irromper de súbito, alterando completamente o curso do tratamento. Freud nos ensina que este enamoramento é provocado pela própria situação analítica e não responde a nenhuma excelência pessoal do analista. Sobre esta situação, que pode deixar um jovem analista atônito e desconcertado, diz: “no surgimento desta apaixonada demanda de amor a resistência tem, sem dúvida, uma grande participação (...) começa a servir-se dela para inibir o prosseguimento da cura, retirar todo interesse do trabalho e colocar o médico analista num penoso desconcerto”²⁷. Apesar deste amor ter sido provocado pela situação analítica e ser utilizado pela resistência, Freud não lhe nega o caráter de amor genuíno. Portanto não se trata de engano, ilusão, nem dissimulação. No entanto, adverte que ao analista cabe manter o amor de transferência, mas sem satisfazê-lo, sem correspondê-lo, pois: “A cura tem que ser realizada na abstinência (...) O que eu quero é postular este princípio: há que deixar subsistir no paciente necessidade e

²⁷ Idem. Puntualizaciones sobre el amor de transferencia. *Obras completas*, v.XII, p.166.

desejo como forças impulsionantes do trabalho e da mudança, e guardar-se de apaziguá-las mediante substitutos”²⁸.

No já referido artigo, o tema da repetição articulada à transferência é abordado e nos remete ao texto da mesma época, intitulado - *Recordar, Repetir e Reelaborar*. A tese sustentada neste texto, e que aparece também em *Observações sobre o amor de transferência*, é que o paciente repete em transferência o que foi esquecido e reprimido. O que deveria ser lembrado, “reproduzido como material psíquico e conservado no âmbito psíquico”, é produzido como um ato. O analisante repete, impulsionado pela resistência, seus sintomas e inibições. A elaboração consistiria no trabalho de vencer a resistência, ultrapassá-la, para que o paciente volte a associar livremente, abrindo caminho à lembrança. Para Freud, a compulsão à repetição que surge numa análise está relacionada com a resistência e com a transferência: “... a transferência mesma é só uma peça da repetição, e a repetição é a transferência do passado esquecido”²⁹.

É possível constatar nestes artigos sobre a transferência sua dupla face e, por que não dizer, seu paradoxo: por um lado, a emergência da transferência no marco de uma análise dá testemunho do inconsciente, do retorno do reprimido; por outro, é obstáculo à cura. Cabe assinalar que, para Freud, a transferência como motor e como obstáculo se articulam no mesmo ponto, na parada das associações.

“É inegável que, para dominar os fenômenos da transferência, o psicanalista se depara com as maiores dificuldades, mas não se deve esquecer que justamente eles nos brindam com o incalculável

²⁸ *Idem*, p. 168.

²⁹ *Idem*. Recordar, repetir y reelaborar. In: *Obras Completas*. Op.cit., v.XII, p.152.

serviço de tornar atuais e manifestas as moções de amor escondidas e esquecidas dos pacientes; pois, definitivamente, ninguém pode ser morto *in absentia* ou *in effigie*³⁰.

Desde os antecedentes de seu ensino, Lacan introduz o conceito de transferência, marcadamente no escrito *Intervenção sobre a transferência* (1951). Neste escrito, apresenta a psicanálise como dialética, desenrolando-se numa relação intersubjetiva, onde o sujeito se constitui por um discurso. Diz Lacan: “Em suma, a psicanálise é uma experiência dialética, e essa noção deve prevalecer quando se coloca a questão da natureza da transferência”³¹. Comenta que o “caso Dora” é exposto por Freud através de uma série de reviravoltas dialéticas, esclarecendo que “se trata de uma escanção das estruturas onde se transmuta para o sujeito a verdade (...)”³². A experiência analítica caminharia em termos de movimentos de desenvolvimento da verdade que culminaria, pela intervenção do analista, em uma reviravolta dialética, produzindo um novo desenvolvimento da verdade. Isto significa que uma análise “deve prosseguir segundo as leis de uma gravitação que lhe é própria e que se chama a verdade. É este, com efeito, o nome desse movimento ideal que o discurso introduz na realidade”³³.

É importante ressaltar que neste escrito a transferência aparece como estagnação da dialética analítica, obstáculo ao trabalho, como transferência negativa. Por isto Lacan lança mão do historial clínico de Dora para demonstrar a

³⁰ Idem. Sobre la dinámica de la transferencia. In: *Obras completas*. Op.cit., v.XII, p.105.

³¹ LACAN, J. Intervenção sobre a transferência. *Escritos*. Op.cit., p.88.

³² Idem, p.90.

³³ Idem, p.88.

sua tese sobre a transferência; pois é neste artigo que Freud coloca pela primeira vez a noção de obstáculo sob o termo transferência.

Lacan vai atribuir a interrupção da análise de Dora, sua saída do tratamento, à contratransferência de Freud - seus preconceitos, paixões e embaraços - durante o processo dialético. O próprio Freud atribui à ação da transferência o fracasso que levou ao término prematuro do tratamento.

“Eu não consegui dominar a tempo a transferência; por causa da facilidade com que Dora colocava à minha disposição na cura uma parte do material patógeno, esqueci de tomar a precaução de estar atento aos primeiros signos da transferência que se preparava com outra parte do material que eu todavia ignorava”³⁴.

Freud não pode apontar a Dora a importância que tinha para ela a sra. K., o laço que a unia à amiga. Confessa

“que durante muito tempo ele não se pode ver face a face com essa tendência homossexual, que ele nos diz, entretanto, ser tão constante entre os histéricos (...) sem cair numa confusão que o tornava incapaz de agir sobre a questão de maneira satisfatória”³⁵.

Lacan pergunta-se sobre como teria prosseguido o tratamento, que conseqüências produziria na análise de Dora, “se Freud, numa terceira reviravolta dialética, tivesse, portanto, orientado Dora para um reconhecimento do que era para ela a sra. K...”³⁶. O que a sra. K representava para Dora, não era um indivíduo, uma

³⁴ FREUD, S. Fragmento de análisis de un caso de histeria. Op.cit., vol. VII, p.103.

³⁵ LACAN, J. Intervenção sobre a transferência. *Escritos*, p.96.

³⁶ Idem, p.95.

rival, mas o mistério da feminilidade. O que é ser mulher? Que lugar ocupa no desejo do homem? O mistério que motiva sua adoração pela sra. K, diz Lacan, é na verdade o problema de se aceitar como objeto do desejo do homem.

Além disto, Freud nutria pelo sr. K uma especial simpatia, pois foi ele quem lhe trouxe o pai de Dora. Lacan nota uma identificação de Freud ao sr. K.: “é por se ter colocado um pouco demasiadamente no lugar do sr. K. que Freud desta vez não conseguiu comover o Aqueronte”³⁷, ou seja, o inconsciente. Em função disto, insistia demasiadamente em marcar o amor que suscitava em Dora o sr. K.

Neste escrito, *Intervenção sobre a transferência*, Lacan se refere à transferência como um “ponto morto” na dialética analítica, atribuindo seu aparecimento a “um erro do analista”. Portanto, a ênfase dada aqui é à transferência que Freud chamou de negativa. Neste sentido, seria função do analista reativar o processo dialético da análise, ultrapassando esse momento de estagnação.

No Seminário I - *Os escritos técnicos de Freud* - Lacan diferencia a transferência enquanto obstáculo da transferência como motor da análise. Do texto de Freud - *A dinâmica da transferência*, vem enfatizar que a resistência se efetua no momento em que o sujeito está prestes a formular algo de mais autêntico, mais revelador. Ele interrompe seu discurso e, num movimento em direção ao analista, pode emitir um enunciado como este: “subitamente me dou conta de sua presença”³⁸. É aqui que surge a transferência, manifestando-se como o fato da

³⁷ Idem, p.96.

³⁸ Idem. *El yo y el otro yo*. In: *El Seminario - Los escritos técnicos de Freud (I)*. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1981. p.70.

presença do analista, presença que se impõe ao analisante, mais forte que qualquer outro pensamento.

“... a resistência, no seu fundo mais essencial, se manifesta por um movimento de balança da palavra em direção à presença do auditor, da testemunha que é o analista. O momento em que o sujeito se interrompe é ordinariamente o momento mais significativo da sua aproximação em direção à verdade. Apreendemos aqui a resistência em estado puro, que culmina no sentimento, freqüentemente tinto de angústia, da presença do analista”³⁹.

Entende-se, então, que o que sustenta a transferência, como atualização da pessoa do analista, é o movimento de resistência. Quando a resistência se torna muito forte, ou seja, quanto mais próximo se está do que Freud denominou núcleo patógeno, aparece o fenômeno transferencial. Neste caso, situa a transferência, tal como se apresenta no início de uma análise, no plano da economia narcísica do sujeito, isto é, no eixo imaginário da relação eu - outro. Porém, situa também a transferência em relação à ordem simbólica, pelo ato da palavra. Diz Lacan: “cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência, transferência simbólica - alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença”⁴⁰. Assim, no Seminário I, distingue a transferência como resistência, do registro imaginário, da transferência eficaz, simbólica, implicada na palavra plena.

³⁹ Idem. Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *O Seminário*, livro I - Os escritos técnicos de Freud. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p.66.

⁴⁰ Idem. *O Seminário*. Livro I. Op.cit., p.130.

Com o Seminário XI, fica evidenciado que a transferência não é um subconjunto da repetição. Transferência e repetição são dois conceitos fundamentais, tratados no Seminário, que não se confundem.

No capítulo XVIII do Seminário XI, Lacan introduz a função do sujeito suposto saber na transferência. Esta função pode ser sustentada por quem quer que seja, dentro ou fora da psicanálise, constituindo a transferência. É o que afirma Lacan: “Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber - que eu abreviei hoje no alto do quadro por S.s.S. - há transferência”⁴¹. Na psicanálise, é o analista que investe o lugar do sujeito suposto saber, na medida em que a ele se dirige a transferência. O psicanalista não se apresenta ao paciente como o detentor de um saber absoluto, completo. Por isso mesmo, ele ocupa este lugar de S.s.S., mas não se identifica com ele. Dizer sujeito suposto saber é dizer, nos termos da dupla significante $S_1 - S_2$, que o sujeito é suposto a S_2 , o qual Lacan definirá como o significante do saber. Na identificação, o sujeito está suposto ao S_1 , significante mestre, enquanto na experiência analítica o sujeito será suposto ao saber. Desde logo, vale aclarar que não se trata de saber no sentido de conhecimento, mas sim do saber que implica a dimensão do desejo, que toca o sujeito, o saber inconsciente. Se o sujeito é suposto ao saber, então o saber é o lugar do sujeito. Isto significa que o saber vai funcionar como sujeito - incompleto, suposto, marcado pela falta. O saber em jogo na análise é sempre suposto, e não exposto, que seria o saber referencial, que opera o médico, o educador.

⁴¹ Idem. Do sujeito suposto saber, da díade primeira e do bem. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.220.

A expressão sujeito suposto saber implica que o saber antecede o sujeito, lhe é preexistente. É do lugar do Outro, da estrutura significante, que se desprende este saber. Quando o paciente investe o analista da função do S.s.S., supõe aí um saber sobre seu desejo, sobre seu sintoma, um saber que lhe falta. Inaugura-se a relação analítica, onde o analista ocupa o lugar do Outro, como aquele que pode dar respostas às interrogações do sujeito.

Articulando com a operação de alienação, temos: um significante enigmático, sem-sentido (S_1) que chama uma resposta, demandando sentido ($S_1 - S_2$) ao Outro. O sintoma apresenta-se ao sujeito como um enigma, cuja resposta vai ser buscada no Outro enquanto tesouro do significante. A transferência se inicia com a instauração do sujeito suposto saber, onde há abertura do inconsciente. É o que possibilita o ingresso do sujeito na via da alienação significante, no deslizamento metonímico.

O S.s.S. é um efeito da estrutura da experiência analítica, o que não se confunde com sua dimensão fenomenológica (amor/ódio). Para usar uma expressão que Lacan toma de Nunberg, há abertura à transferência pelo fato de que o paciente se entrega à livre associação, regra fundamental da psicanálise. O analista convida o paciente a entregar-se ao livre associar, dizendo tudo o que lhe ocorre, entregando esse material em desordem, sem nenhuma preparação. Ele oferece ao paciente a garantia de que o inconsciente sempre associará.

Como foi visto no subcapítulo - A hiância causal (capítulo II) - o inconsciente se inscreve em um movimento de pulsação temporal: um momento de

abertura sucedido por outro, de fechamento. Lacan ilustra esse movimento, evocando a imagem da nassa - um artifício utilizado para a pesca, que se abre e se fecha, no fundo. Ao apresentar o inconsciente através da figura da nassa, Lacan critica a concepção do inconsciente como um alforje, um reservatório de imagens, continente de heteróclitos conteúdos.

É aqui, no momento de fechamento do inconsciente, momento resistencial, que se apresenta a transferência em sua dimensão fenomênica, como amor ou ódio ao analista.

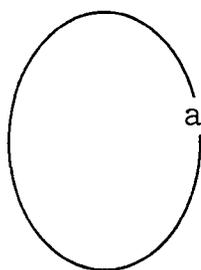
“O que Freud nos indica, desde o primeiro tempo, é que a transferência é essencialmente resistente (...) a transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a fechar-se. Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento”⁴².

Nesse sentido, o que já nos antecedentes de seu ensino, no escrito *Intervenção sobre a transferência*, era situado como estagnação da dialética simbólica, aparece reescrito no Seminário XI como fechamento do inconsciente.

Mas, o que causa o fechamento do inconsciente que comporta a transferência? “Podemos conceber o fechamento do inconsciente pela incidência de algo que desempenha o papel de obturador - o objeto *a* chupado, aspirado, ao orifício da nassa”⁴³.

⁴² Idem. Presença do analista. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.125.

⁴³ Idem. Análise e verdade ou fechamento do inconsciente. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.138.

Figura 4.4⁴⁴

No ponto de fechamento, articula-se o objeto *a* em torno do qual circula a pulsão, objeto cuja realidade é puramente topológica.

Assim, Lacan, definindo a transferência, dirá: “a transferência é a atualização (*mise en acte*) da realidade do inconsciente”⁴⁵. Atualizar significa pôr em ato, aqui e agora. E qual é a realidade do inconsciente? É o que Freud sempre sublinhou, a realidade do inconsciente é sexual. Sexual, na medida em que se introduzem as pulsões. Se a sexualidade, sob a forma de pulsões parciais, não estivesse presente na experiência analítica, a psicanálise se reduziria a uma mântica ou a uma prática de sugestão.

O termo realidade tem aqui a função de se opor às teorias que vulgarizaram a transferência, situando-a como uma ilusão imaginária. Distingue-se também do registro do real, porque o objeto *a* está velado pela imagem do analista, o que é escrito assim, *i(a)*. Uma vez que a imagem do analista vela o objeto, aparecerá o fenômeno de amor ou ódio, que é um fenômeno libidinal. “Se estamos certos de que

⁴⁴ Idem, p.137.

⁴⁵ Idem, p.139.

a sexualidade está presente em ação na transferência, é na medida em que em certos momentos ela se manifesta a descoberto em forma de amor”⁴⁶.

No escrito *Posição do inconsciente*, Lacan, articulando a transferência com a separação, anota: “é isso uma operação cujo desenho fundamental vamos encontrar na técnica”⁴⁷.

O analista intervém, escandindo o discurso do paciente, pela interpretação. Ao interpretar, deixa entrever um desejo que se mostra como X, um desejo que não quer nada para o paciente, que não lhe propõe identificações. Isto é, não propõe que o paciente se case, seja feliz, bem sucedido ou qualquer outra coisa. Sustentar o desejo do analista, “no que ele tem de desapercibido”, significa ser simplesmente a causa para que o paciente fale. É uma outra forma de enunciar a “regra de abstinência” proposta por Freud, à qual já nos referimos neste subcapítulo. Pois bem, ao interpretar, o analista suscita no analisante, além da busca pelo sentido, traduzida pela pergunta - O que quer dizer com isso? - uma pergunta que aponta para o desejo do Outro - O que quer? O que quer de mim o Outro? Nessa hiância, o sujeito tentará colocar-se, encontrando um lugar no desejo do analista, incluindo-se em sua falta. Em outras palavras, pode-se dizer que ele se oferecerá para ser amado pelo analista, tentando obturar a fenda pela qual se constituiu como dividido. Ao analista cabe suportar o desejo, abrir um lugar para o sujeito, mas sem responder à demanda de amor. Tal questão pode ser ilustrada com o término da análise de

⁴⁶ Idem. A pulsão parcial e seu circuito. In: *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.165.

⁴⁷ Idem. *Posição do inconsciente*. In: *Escritos*. Op.cit., p.329.

Dora e a posição de Freud, quando ela diz que deixará o tratamento, conforme este trecho da análise:

- “Dora iniciou a terceira sessão com estas palavras:
- Sabe, doutor, que hoje é a última vez que venho aqui?
 - Não posso sabê-lo, pois você nada me havia dito.
 - Sim; propus-me agüentar até ao ano novo; mas não quero esperar mais tempo a cura.
 - Você sabe que tem sempre a liberdade de se retirar. Mas hoje trabalharemos todavia (...)”⁴⁸.

A pergunta de Dora dirigida a Freud poderia ser traduzida em termos de “Podes perder-me?”. Quando Dora interpela Freud, espera que ele se manifeste ante seu chamado. Dora, é provável, esperava que algo do desejo de Freud se manifestasse, aparecesse. Freud, de certa forma, se pergunta por isso:

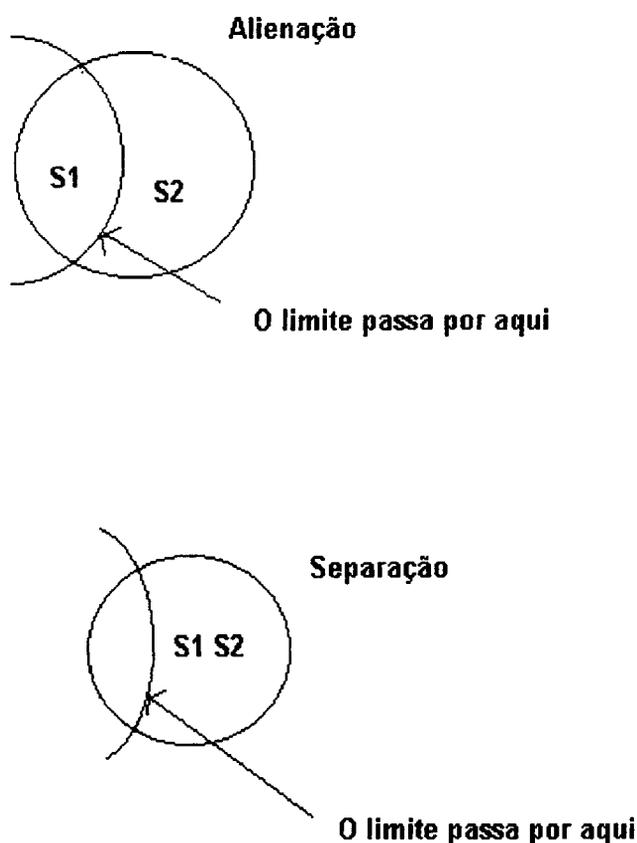
“Haveria conservado a jovem para o tratamento se eu mesmo houvesse representado um papel, exagerando o valor que sua permanência tinha para mim, testemunhando-lhe um caloroso interesse que por mais que minha condição de médico atemperasse não poderia resultar num substituto da ternura que ela ansiava? Não sei”⁴⁹.

Parece que Freud se dá conta de que se não houvesse ficado na posição de um investigador científico, se não ficasse só como intermediário do pai, se tivesse colocado aí algo de seu desejo, talvez Dora não tivesse saído do tratamento. No entanto, na resposta que dá Freud “Você sabe que tem sempre a liberdade de se retirar”, Dora não encontra um lugar, ele não atende a esse chamado, desaparece.

⁴⁸ FREUD, S. Fragmento de análisis de un caso de histeria. Op.cit., v. VII, p.92.

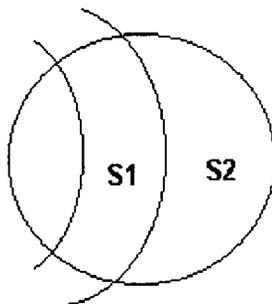
⁴⁹ Idem, p.96.

Em relação ao desejo do analista, diz Lacan que ao escandir o discurso do paciente, quando aí intervém, “Ver-se-á ajustar-se essa pulsação de borda por onde deve surgir o ser que reside aquém”. E continua: “A espera do advento desse ser em sua relação com o que designamos como desejo do analista (...), eis a mola verdadeira e última do que constitui a transferência”⁵⁰. Miller nos faz notar que a pulsação de borda é a pulsação entre alienação e separação. Esta pulsação diz respeito às diferentes formas de conjunção do sujeito e o Outro, na experiência analítica. É uma topologia que comporta espaço - onde se coloca o limite - e tempo - há ciclos entre alienação-separação. São bordas ou limites que determinam que estejamos diante da alienação ou da separação. Assim:



⁵⁰ LACAN, J. Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Op.cit., p.329.

O movimento de pulsação de borda é o que faz com que este limite passe mais à frente ou mais atrás:



Este movimento de pulsação entre alienação e separação constitui o ritmo próprio da técnica analítica. O inconsciente não sendo um interior, um dentro, é uma pulsação de bordas, que determina seus movimentos de abertura-fechamento. É aí que o analista pode operar em seu ato essencial, que é a interpretação. Ele poderá fazer uma eleição entre escanção da alienação significativa, ou escanção da separação. É uma escolha técnica, escandir o significante mestre, quando, por exemplo, o sujeito se manifesta por um tropeço, um ato falho, ou fazer a escanção no ponto de separação. Podemos dizer que o analista, entre alienação e separação, opera como o inconsciente, isto é, “como um corte em ato”.

Se no Seminário XI Lacan articula a transferência com os pontos de fechamento do inconsciente, causado pela emergência do objeto a , com o escrito *Posição do inconsciente* vemos que nestes pontos de fechamento o que se opera é a

separação, já que: “Pela função do objeto *a*, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser ao sentido que constitui o essencial da alienação”⁵¹.

Após apresentar a transferência em relação à operação de separação e ao fechamento do inconsciente, faz-se importante introduzir, numa perspectiva lógica, o Seminário VIII de Lacan, dedicado à questão da transferência.

No Seminário VIII - A Transferência -, um dos textos centrais que toma Lacan para articular a temática é *O banquete*, de Platão. *O banquete* é composto por uma série de discursos que giram em torno do amor, para dizer o que é o amor. Discursam Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates.

Do primeiro destes discursos Lacan destaca dois termos gregos, *Érastès* e *Érôménos*, para pontuar duas posições diferentes no amor, que ao se substituírem, produzirão uma “metáfora do amor”. *Érastès* é o amante, o que deseja, ao nível do ter, é o que não tem, a quem falta. *Érôménos* é o amado, o desejável, aquele que tem. Lacan assinala que *Érôménos* não sabe o que tem e *Érastes* não sabe o que lhe falta, o que constitui sua atração, e acrescenta: “... com aquele tom particular de ‘inciência’ que é o do inconsciente”⁵².

O que Lacan qualifica de metáfora do amor? Recordemos que na metáfora há uma substituição significante, um significante que vem ocupar o lugar do outro. Assim define Lacan a metáfora do amor: “É na medida em que a função do *Érastès*, do amante, na medida em que é ele o sujeito da falta, vem no lugar, substitui a

⁵¹ Idem. Da interpretação à transferência. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.243.

⁵² Idem. A metáfora do amor: Fedro. In: *O Seminário*. Livro VIII. A transferência. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. p.46.

função do *Érômenos*, o objeto amado, que se produz a significação do amor”⁵³. Esta substituição metafórica, pode-se escrevê-la simplesmente:

Érastès

Erômenos

Lacan encontra este efeito de metáfora no discurso de Fedro, quando este exalta a manifestação do amor de Aquiles, que dá sua vida por Patroclo. Para Fedro, os deuses considerariam este amor ainda mais elevado que o de Alceste que dá sua vida pelo seu marido. A diferença, sublinha Lacan, é que Alceste se situa na posição de amante e, ao sacrificar-se por Admeto, aceitando morrer em seu lugar, extrema sua posição, ao passo que Aquiles, que era o objeto amado (*Érômenos*) de Patroclo, se transforma em *Érastès*, em desejante, ilustrando a metáfora do amor. Esta transformação é o que interessa Lacan, com relação ao amor e à transferência.

A significação do amor é ilustrada por Lacan através de um mito por ele criado:

“Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atijar é estreitamente solidário com maturação do fruto, com a beleza da flor, com o flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atijar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas - então, o que aí se produz é o amor”⁵⁴.

⁵³ Idem, p.47.

⁵⁴ Idem, p.59.

No *Banquete*, a tranqüilidade dos sucessivos discursos sobre o amor é quebrada com a entrada em cena de Alcibíades, que mudará as regras do jogo. Ao invés de elogiar o amor, que se faça o elogio do outro que se tem ao lado. Ele se propõe a começar, fazendo o elogio a Sócrates. Lacan dirá que não se trata de uma simples mudança de tema, que a proposta de Alcibíades está no lugar do amor como tal. Alcibíades confessa, publicamente, seu amor por Sócrates; ao mesmo tempo diz que irá desmascará-lo. O que provoca o amor de Alcibíades por Sócrates, já que este não é possuidor de belos atributos físicos? Alcibíades vê em Sócrates o continente de um objeto precioso, de uma jóia, algo que ele possui que é de um brilho fálico. Esta preciosidade ele chama de *agalma*. É o que o atrai, o que o seduz em Sócrates, isso que está em seu interior. O *agalma*, neste seminário, Lacan o reconhece como o que foi chamado em psicanálise de objeto parcial, e pode-se acrescentar que é um antecedente do objeto *petit a*. No escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, isto fica claro: “Incluído no objeto *a*, é o *agalma*, o tesouro inestimável que Alcibíades proclama estar contido na caixa rústica que forma a figura de Sócrates (...) a maravilha que teria querido que Sócrates lhe cedesse confessando seu desejo: a divisão do sujeito que ele traz em si próprio, confessando-se ruidosamente nessa ocasião”⁵⁵. Ao declarar-se a Sócrates, esperava dele que manifestasse seu desejo - ele queria obter um signo de seu desejo. Era público e notório que Sócrates desejava Alcibíades, mas isto não aplacava a exigência de Alcibíades, que queria obter algo de Sócrates. Queria ter para si o

⁵⁵ Idem. *Escritos*. Op.cit., p.309.

agalma, assegurar-se de que este lhe pertencia, fazendo Sócrates cair do lugar de sujeito desejante, ficando, como um objeto, à sua mercê. O que não tem nada a ver com uma idealização do amor, uma ascensão em direção à beleza, cuja ênfase foi dada por outros discursos, mas, justamente, ao contrário, fazê-lo cair como objeto, ficando ao seu dispor. E o que faz Sócrates? Não satisfaz às demandas de Alcibíades, não aceita colocar-se no lugar do objeto amado, de *Érôménos*. Fica impassível, não consente à metáfora do amor. Além disso aponta a Alcibíades aquele que é verdadeiramente objeto de seu amor, Agatão. Sócrates então disse-lhe:

“Tu me pareces, ó Alcibíades, estar em teu domínio. Pois de outro modo não te porias, assim tão destramente fazendo rodeios, a dissimular o motivo porque falaste; como que falando acessoriamente tu o deixaste para o fim, como se tudo o que dissesse não tivesse sido em vista disso, de me indispor com Agatão, na idéia de que eu devo amar-te e a nenhum outro, e que Agatão é por ti que deve ser amado, e por nenhum outro”⁵⁶.

Nesse momento, cabe fazer uma analogia da posição de Sócrates com o lugar que assumia Freud frente ao amor transferencial, como ele não se deixava cativar, seduzir por esse amor; e, também, quando Freud dizia “não é a mim que amas é a outro (é a teu pai)”. Esta é a atitude de Sócrates, quando não toma para si o amor de Alcibíades, mas o reenvia a Agatão, em outras palavras, relança a cadeia associativa, impulsionando o desejo, impedindo a estagnação, pelo efeito de amor de transferência. Dirá Lacan:

⁵⁶ PLATÃO. O Banquete. In: *Os Pensadores* 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.53.

“É assim, que ao mostrar seu objeto como castrado, Alcibíades se ostenta como desejante, - a coisa não escapa a Sócrates -, para um outro presente entre os assistentes, Agatão, que Sócrates, precursor da análise e igualmente seguro de sua tarefa nesse belo mundo, não hesita em nomear como objeto da transferência, dando origem a uma interpretação do fato que muitos analistas ignoram ainda: que o efeito amor-ódio na situação analítica se encontra fora”⁵⁷.

Sócrates sabe algo de seu próprio *agalma*, e por isto não se deixa cair nas armadilhas do amor. Ele sabe que não há nada, nenhuma preciosidade em seu interior, a não ser o oco, o vazio do sujeito do desejo. Sócrates se reconhece como puro *Érastès*, sua posição se situa ao nível do desejo e não do amor.

A partir do que até aqui foi elaborado sobre a transferência, como se pode apresentar a saída da transferência?

O sujeito no início de uma análise, quando se instala o amor de transferência, se propõe ao analista como objeto amado, em referência a este Outro que deve amá-lo. Nesta relação narcísica, o amor mostra sua essência de tapeação, onde o analista, situado como ideal (I), veria o analisante como lhe agrada ser visto. A transferência, por esta via, caminha no sentido do fechamento do inconsciente. O analista é chamado a ocupar o lugar de I, que significa idealização da identificação, momento em que o analisante se coloca como eu ideal, como amável. O analisante quer identificar-se com o analista, ser alguém maravilhoso como ele. Para se fazer amar e ser como o analista, ele se vestirá com os traços que supõe, lhe agradarão. Mas o analista não se propõe a oferecer identificações ao analisante.

⁵⁷ LACAN, J. *Escritos*. Op.cit., p.309.

“É na medida em que o desejo do analista, que resta um x , tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão”⁵⁸.

A operação da transferência deve ser ordenada de modo a manter a distância entre o I, idealizante da identificação, ponto onde o sujeito se vê como amável, e esse outro ponto onde o sujeito se vê causado como falta pelo objeto a . O analista deverá cair do lugar de I, idealização da identificação, para suportar o objeto a , causa do desejo do analisante. Como diz Lacan: “É dessa idealização que o analista tem que tomar para ser o suporte do a separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele, o hipnotizado”⁵⁹.

3 O mito da *lamelle*

Lacan evoca o mito apresentado por Aristófanes em *O banquete* de Platão, para introduzir a questão da sexualidade.

Recordemos o mito. Aristófanes, em *O banquete*, diz aos presentes que tentará iniciá-los no poder do amor. Conta que outrora a natureza humana se constituía de três gêneros: masculino, feminino e um terceiro: andrógino, comum a estes dois.

⁵⁸ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.259.

⁵⁹ Idem, p.258.

“Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculos: quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor”⁶⁰.

Eram muito fortes, tinham muito vigor e uma grande presunção e voltaram-se contra os deuses. Zeus, então, para torná-los mais fracos, decide dividir esses seres em dois. Desde que a nossa natureza foi assim mutilada, as duas metades passaram a se buscar, para se unirem novamente no todo.

“É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador de nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois (...) Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem (...) e procura então cada um o seu próprio complemento”⁶¹.

Também na obra de Freud *O banquete* se inscreve como uma de suas referências, especialmente para tratar dos temas do amor e da sexualidade. Já no início dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud dá testemunho de sua leitura do *Banquete* para falar do conceito da pulsão sexual. No primeiro ensaio, intitulado *As aberrações sexuais*, declara seu espanto diante do fato de muitos homens e mulheres encontrarem como objeto sexual pessoas do mesmo sexo e não do sexo oposto, como faria supor o mito do uno sexual de Aristófanes.

A inovação que traz Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* é apontar que a sexualidade humana é polimorfa e aberrante. Ele vai mostrar em

⁶⁰ PLATÃO. *O Banquete*. In: *Os pensadores*. Op.cit., p.22.

⁶¹ Idem, p.24.

relação à finalidade biológica da reprodução e à cópula sexual, o desvio, o deslocado, o aberrante da sexualidade. Neste sentido, *Três ensaios* vem questionar a função do uno na sexualidade, ou seja, vem desmentir a idéia de que haja complementariedade na relação entre os sexos. É possível dizer que aqui Freud se antecipa ao aforismo lacaniano que postula: não há relação sexual. Isto é, não há nada no psiquismo determinando que alguém seja homem ou mulher e que encontre no Outro sexo sua complementariedade. Não existe nenhum direcionamento natural, instintivo, ao sexo oposto. "... em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto - que eles só têm a ver com aquilo que, da sexualidade, passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante - que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade"⁶².

Ao entrar no campo da sexualidade, somos conduzidos inevitavelmente ao encontro com o conceito de pulsão (*Trieb*), já que é por esta via que a incidência da sexualidade se manifesta no sujeito. Freud, no artigo *As pulsões e seus destinos* (1915), refere-se ao conceito de pulsão como um conceito fundamental (*Grundbegriff*). É como um dos conceitos fundamentais da psicanálise que Lacan resgata a pulsão.

Freud, no referido artigo dirá que "(...) uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como um representante (*Repräsentant*) psíquico das excitações que provêm do interior do corpo e alcançam

⁶² LACAN, J. A pulsão parcial e seu circuito. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.167.

o psiquismo, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico como consequência de sua ligação com o corpo”⁶³. Harari vem ressaltar, com relação à definição de Freud, que a pulsão é um conceito (*Begriff*) liberando-a de qualquer referente empírico. Esclarece, ainda, que “o conceito de ‘limite’ implica que ele deve poder ser trabalhado como um nó no qual participam o psíquico e o somático”⁶⁴.

Freud destaca duas características principais das pulsões: sua origem em fontes de excitações vindas do interior do corpo e seu aparecimento como força que imprime um impacto constante (*konstante Kraft*). Isto exclui a possibilidade da fuga motora que ocorre no caso de se tratar de um estímulo externo.

Com relação à pulsão, Freud aponta quatro termos: fonte (*Quelle*), pressão (*Drang*), objeto (*Objekt*) e fim (*Ziel*). A fonte da pulsão faz referência ao processo somático, “interior a um órgão ou a uma parte do corpo”⁶⁵. A fonte é o que ele denomina de zona erógena. A pressão é o que impele à busca do objeto, à satisfação “(...) a quantidade de força, ou a medida de exigência de trabalho que ela representa”⁶⁶. O objeto é o que há de mais variável na pulsão e, segundo Freud, não está originalmente ligado a ela. Através dele a pulsão pode alcançar seu fim. O fim de toda a pulsão é a satisfação, que pode ser obtida se o estado de excitação na fonte é suprimido.

⁶³ FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. XIV, p.117.

⁶⁴ HARARI, R. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas: Papirus, 1990, p.182.

⁶⁵ FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. XIV, p.118.

⁶⁶ *Idem*, p.117.

Lacan vai acentuar o retorno em circuito do percurso pulsional, o seu vai-vém, sua reversão fundamental, como já havia destacado Freud. Esse movimento da pulsão, retornando sobre a zona erógena, é ilustrado, através do arco heraclíticoano:

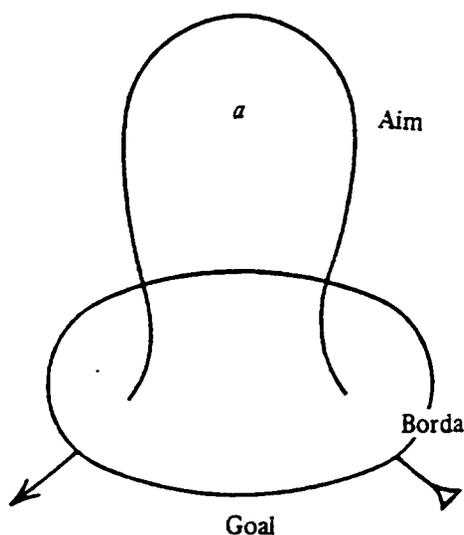


Figura 4.5⁶⁷

A *borda* é a zona erógena, a fonte. Para se referir ao alvo, Lacan toma duas palavras do Inglês, diferenciando dois sentidos. *Aim* quer dizer pontaria, linha de mira, objetivo. Pode significar, também, almejar, apontar, visar. Mas o que ele quer mostrar aqui é o trajeto, o caminho da pulsão. *Goal* significa a meta, o gol (futebol). O goal, exemplifica Lacan, não é a ave abatida, é ter acertado o tiro. O pequeno *a* é o objeto enquanto perdido, desprendido. “... esse objeto, que de fato é apenas a presença de um oco, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não

⁶⁷ LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.169.

importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo”⁶⁸.

A pulsão contorna o objeto, irremediavelmente faltante, e neste movimento se satisfaz. Por serem parciais, estando em relação com partes do corpo, com as zonas erógenas, as pulsões não se unificam em torno de um objeto genital, pleno e harmonioso, que levaria a uma suposta maturidade. Pois “se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação do seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito”⁶⁹.

Para se compreender a natureza da pulsão, a libido é o órgão essencial, diz Lacan. Mas, antes de introduzir o mito que Lacan inventou para falar da libido, faz-se necessário buscar na teoria da libido desenvolvida por Freud suas articulações sobre o tema. No artigo intitulado *Teoria da libido*, Freud deixa claro que “libido é um termo da doutrina das pulsões”⁷⁰. Apesar de atribuir sua introdução na psicanálise a Albert Moll, o próprio Freud já o havia utilizado em seu primeiro trabalho sobre a neurose de angústia (1895). Não existe uma definição unívoca de libido, pois ela se desenvolveu vinculada às modificações sofridas na teoria das pulsões. Porém, duas características originais mantiveram-se: primeiramente, ela tem um caráter quantitativo, isto é, “pode servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual (...) e cuja produção,

⁶⁸ Idem, p.170.

⁶⁹ Idem, *ibidem*.

⁷⁰ FREUD, S. Dos artículos de Enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoria de la libido”. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. XVIII, p.250.

aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados”⁷¹. Em segundo lugar, desde um ponto de vista qualitativo, a libido diferencia-se de uma energia psíquica geral, pois a libido é expressão da pulsão sexual.

Esta questão tornou-se o centro de um debate entre Freud e Jung. Jung esvazia a libido de seu caráter sexual, confundindo-a com o interesse psíquico em geral. A expressão interesse psíquico aparece com frequência na 26ª Conferência de introdução à psicanálise, intitulada *A teoria da libido e o narcisismo*. Freud utiliza o termo para distinguir as pulsões de auto-conservação, da libido, ou seja, da pulsão sexual. Diferencia, assim, uma libido do eu, do interesse do eu. A dualidade pulsional manteve-se na teoria freudiana, contrapondo-se à concepção de uma energia psíquica única, como propôs Jung.

Freud, inicialmente, contrapôs as pulsões egóicas ou de auto-conservação às pulsões sexuais, harmonizando-se com a conhecida frase que enuncia: “A fábrica do mundo é mantida pela fome e pelo amor”⁷². A libido seria a expressão da força do amor, assim como a fome o seria da pulsão de auto-conservação. Nesse período, o conflito subjacente às psiconeuroses traduzia-se em termos de oposição entre o eu e a sexualidade.

O estudo da demência precoce apresentado no artigo de 1914, *Introdução ao narcisismo*, leva Freud a formular a hipótese de uma libido do eu. O processo patógeno da demência foi deduzido assim: a libido investida nos objetos era retirada

⁷¹ Idem. La teoria de la libido. In: Tres ensaios de teoria sexual. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. VII, p.198.

⁷² Idem. Teoria de la libido. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. XVIII, p.250.

e dirigida para o eu, o que produzia as características de megalomania e perda de interesse pelas pessoas e coisas da realidade. Isto o leva a supor uma libido narcisista, investindo o próprio eu,

“... era preciso ver no eu um grande reservatório de libido, desde o qual esta última era enviada aos objetos, e que sempre está disposto a acolher a libido que refluí dos objetos. Portanto, também as pulsões de auto-conservação eram de natureza libidinal; eram pulsões sexuais que haviam tomado como objeto o próprio eu em vez dos objetos externos”⁷³.

Tornara-se necessário modificar a proposição anterior; em vez de falar em pulsões do eu x pulsões sexuais, seria melhor falar no conflito entre libido do eu e libido de objeto, pois a natureza das pulsões era a mesma.

Com o artigo de 1920, *Além do Princípio do prazer*, Freud, a partir de sua prática clínica, e apoiando-se na biologia, reformulará mais uma vez sua hipótese sobre as pulsões, propondo uma dualidade entre pulsões de vida e pulsões de morte. Investigando o masoquismo primordial, a reação terapêutica negativa e a compulsão à repetição, verificou que o sujeito poderia trabalhar contra si mesmo, contra o que se pensaria ser o seu bem. Isto levou-o a supor que outra classe de pulsões, as pulsões de morte, se faziam presentes.

“Um grupo destas pulsões, que trabalham silenciosamente, perseguem a meta de conduzir o ser vivo até à morte, merecendo o nome de *pulsões de morte*, e sairiam à luz pela ação conjunta dos múltiplos organismos celulares elementares, como tendências de destruição e agressão. As outras seriam as pulsões libidinais sexuais ou de vida, mais conhecidas por nós na análise; sua melhor designação sintética seria de *Eros*, e seu propósito seria configurar

⁷³ Idem, p.252.

a partir da substância viva unidades cada vez maiores, para obter assim a perduração da vida e conduzi-la a desenvolvimentos cada vez mais altos”⁷⁴.

No capítulo VI do citado artigo de 1920, encontra-se outra referência de Freud a *O banquete*. Esclarece que seu recurso ao mito, neste caso, se deve à falta de uma explicação científica para a gênese da sexualidade. O que o mito das duas metades que se buscam para reestabelecer sua unidade vem ilustrar é “uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas”⁷⁵, remontando, assim, à origem da pulsão. Freud introduz o conceito de Eros como princípio fundamental das pulsões de vida, tendência do organismo de manter a coesão da substância viva e de criar novas unidades. Desenvolve uma mitologia biológica, onde a libido, numa tendência unificadora das partículas da substância viva, agiria a nível celular. A função unificadora de Eros está presente no *Banquete* e, segundo palavras do próprio Freud no prefácio à quarta edição dos *Três ensaios*, vê-se que foi aí que ele se inspirou para desenvolver sua teoria da libido:

“E quanto à nossa extensão do conceito de sexualidade, que se tornou necessária pela análise de crianças e dos que se chamam os perversos, quem quer que olhe com desdém a psicanálise do alto de sua superioridade, deveria recordar quão intimamente essa idéia de sexualidade ampliada da psicanálise, coincide com o Eros do divino Platão”⁷⁶.

⁷⁴ Idem, p.253.

⁷⁵ Idem. Más allá del principio del placer. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. XVIII, p.56.

⁷⁶ Idem. Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras Completas*. Op.cit., vol. VII, p.1.

Dessa maneira, vê-se que a libido para Freud, coincidirá com Eros. O mesmo Eros “dos poetas e dos filósofos”. Eros será a libido generalizada e transportada às origens da vida, e Freud o situará, na teoria, em relação a Tânetos, a pulsão de morte.

Sobre a pulsão de morte, Lacan dirá que “a pulsão, a pulsão parcial é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado”⁷⁷.

Na reprodução por cissiparidade dos organismos unicelulares, um microrganismo se divide em duas células iguais, tornando-se imortal. Neste caso, o indivíduo não desaparece, não há morte, nem do indivíduo, nem da espécie. Por seu lado, na reprodução sexuada é necessário o pareamento para que apareça um novo ser. Aqui, há perda do indivíduo, há desaparecimento do ser da geração anterior. Pois como diz Lacan: “... o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual”⁷⁸.

No mito de Aristófanes, a busca do complemento perdido vai resolver-se no amor, no encontro com o outro, suposto ser a metade sexual faltante.

“A esta representação mítica do mistério do amor, a experiência analítica substitui a procura, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal”⁷⁹.

⁷⁷ LACAN, J. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.5.

⁷⁸ Idem, *ibidem*.

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

Isto significa que a relação do sujeito com o Outro, no que concerne à sexualidade, é a relação com uma parte dele mesmo perdida, um objeto que, por estar separado do corpo, pode ser situado no campo do Outro.

Lacan assinala que o ser falante tem o privilégio de revelar o sentido mortífero da libido e sua relação com a sexualidade, porque o significante ao barrar o sujeito (\$) fez penetrar nele o sentido da morte.

Lacan constrói um mito quando se refere ao campo da sexualidade, contrapondo-o ao mito de Aristófanes, para mostrar que não se trata de encontrar nenhum complemento. Ele diz: “Ao considerar essa esfericidade do homem primordial assim como sua divisão, é o ovo que se evoca...”⁸⁰. O ovo no ventre vivíparo, cujas membranas ao serem rompidas ferem o ovo fecundado, porque dele fazem parte, assim como “o vivente que vem à luz por sua perfuração”⁸¹. Essa parte de si que perde o vivente sexuado ao nascer, com o corte do cordão umbilical, é denominada de complemento anatômico, conhecida pelas parteiras como secundinas⁸². Podemos notar aqui uma importante diferença com relação ao mito de Aristófanes, cujo complemento perdido é o Outro Sexo. O complemento referido por Lacan se parece mais com um resíduo, um resto.

Lacan nos convoca a imaginar o seguinte: “cada vez que se rompem as membranas, pela mesma saída um fantasma levanta vôo, aquele de uma forma infinitamente mais primária da vida”⁸³. Esse fantasma que sai voando é no mito a

⁸⁰ Idem. Posição do inconsciente. Op.cit., p.330.

⁸¹ Idem, ibidem.

⁸² “Placenta e membranas que ficam na mãe após o parto”. Ferreira, A.B.H. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

⁸³ LACAN, J. Posição do inconsciente. Op.cit., p.330.

Hommelette. “Ao quebrar o ovo se faz o homem, mas também a homelete”⁸⁴. Como observa Harari, trata-se de um neologismo que envolve um jogo de palavras entre *homme* (homem) e *omelette*, feito a partir de ovos quebrados. E Lacan a descreve: “suponhamô-la grande panqueca a deslocar-se como a ameba, ultra-achatada a passar sob as portas, onisciente por ser levada pelo puro instinto de vida, imortal por ser cissípara”⁸⁵. Sublinha o caráter horripilante da homelete, ao lembrar que não seria nada agradável senti-la escorrer pelo rosto durante o sono. Mais ainda, que ela se move sem fazer ruído, que seus ataques são imprevisíveis já que não conhece obstáculos. Destruí-la seria impossível, pois cortá-la seria promover sua reprodução, conservando assim todos os seus poderes. Apresenta-a como desprovida de aparelho sensorial, guiando-se sobre o puro real. Sendo assim, “ela teria vantagens sobre nós, homens, que devemos sempre nos prover de um homúnculo em nossa cabeça, para fazer do mesmo real uma realidade”⁸⁶.

Lacan passará a chamá-la de *Lamelle*⁸⁷, cujo mito tem a vantagem de “designar a libido não como um campo de forças, mas como um órgão”⁸⁸. A *Lamelle* é, então, um órgão por ser instrumento do organismo. Organismo cujo limite vai mais além do corpo, não é equiparável ao corpo e por isso é designada como “órgão do incorporal”⁸⁹. Esse limite que vai além do corpo, Lacan o ilustra

⁸⁴ Idem, *ibidem*.

⁸⁵ Idem, *ibidem*.

⁸⁶ Idem, *ibidem*.

⁸⁷ Em Francês, diminutivo de *lame*, lâmina em Português. Foi traduzido, nos *Escritos* como *lamínula*, mas optei por manter o termo original, *lamelle*.

⁸⁸ Idem. *O Seminário*. Livro XI. Op.cit., p.195.

⁸⁹ Idem. *Posição do inconsciente*. Op.cit., p.333.

com um exemplo da etologia, pela queda súbita do poder de intimidação do animal que vai até ao limite circunscrito de seu território.

Outra característica da libido é a de ser um órgão irreal, “no sentido em que o irreal não é o imaginário e precede o subjetivo que condiciona, por estar em contato direto com o real”⁹⁰. No Seminário XI, ele acrescenta que dizer irreal é apontar para uma relação com o real que nos escapa, e por isto mesmo sua representação tem que ser mítica, traduzindo um esforço para lhe dar uma articulação simbólica. Este órgão irreal pode encarnar-se no corpo, através da tatuagem. A escarificação funciona como marca que situa o sujeito em suas relações de grupo, está aí para o Outro, além de ter uma função erótica evidente. Podemos lembrar também da cicatriz como marca que ao mesmo tempo que pontua uma certa história, é exibida eroticamente.

Ao ser apresentada como mortífera, como esse “puro instinto de vida”, guiando-se sobre o real, a libido aparece em sua relação essencial com a pulsão de morte, articulando o sujeito com o objeto *a*, perdido. Quando entra na questão do sujeito e sua perda, Lacan apresenta a libido como princípio, matriz dos objetos perdidos. Destes objetos, dirá que são equivalentes, representantes da libido. São quatro os objetos *a*: o seio, o excremento, o olhar e a voz.

O seio é o primeiro dos objetos, tomado por Lacan no escrito *Posição do inconsciente*. Mas não se trata do seio enquanto fonte de um alimento estimado, nem por estar ligado ao calor do corpo materno e aos seus cuidados. Não é o seio no

⁹⁰ Idem., p.332.

sentido da matriz. “Trata-se do seio especificado na função do desmame que prefigura a castração”⁹¹. É o seio enquanto parte profundamente perdida “... é entre o seio e a mãe que passa o plano da separação que faz do seio o objeto perdido em causa no desejo”⁹². Em seguida refere que “... virão a esse lugar o objeto que ele perde por natureza, o excremento, ou ainda os suportes que encontra para o desejo do Outro: seu olhar, sua voz”⁹³. Nesta ordem, coloca primeiro os objetos que já haviam em Freud, como objetos perdidos o seio e as fezes - para, em seguida, colocar o olhar e a voz, objetos teorizados por ele.

Ao distinguir o corpo do organismo como libidinal, foi possível situar esses objetos que faltam ao corpo e que estão submetidos à atividade da pulsão, que trabalha sem cessar para restaurar a perda sofrida pelo sujeito. Na penúltima página de *Posição do inconsciente*, escreve Lacan que:

“O importante é apreender como o organismo se vem a colocar na dialética do sujeito. Esse órgão do incorporal no ser sexuado é o do organismo que o sujeito vem colocar no tempo em que se opera sua separação. É por ele que de sua morte, realmente, ele pode fazer o objeto do desejo do Outro”⁹⁴.

Em que sentido aponta este parágrafo? A dialética do sujeito é a dialética da alienação e da separação; o organismo, isto é, a libido e seus equivalentes, vêm colocar-se no ponto em que se opera a separação. É através desse “órgão do

⁹¹ LACAN, J. *Posição do inconsciente*. Op.cit., p.332.

⁹² *Idem*, p.333.

⁹³ *Idem*, *ibidem*.

⁹⁴ *Idem*, *ibidem*.

incorporal” que de sua morte, morte enquanto inscrição do significante sobre o vivente, o sujeito pode fazer-se objeto do desejo do Outro.

Foi possível perceber uma transformação neste escrito, com relação à operação de separação. Num primeiro momento, temos o sujeito operando com a sua falta, fazendo-se falta no Outro; num segundo momento, ao propor o mito da *Lamelle*, Lacan evoca os objetos *petit a*, como o que se vai introduzir entre a falta do sujeito e a falta do Outro.

Colette Soler dirá, no seminário *Temporalidad en la transferencia*, que através da operação de separação o sujeito tentará resolver o problema de seu ser. Pois, na medida em que o vivente se torna sujeito, há uma perda de ser. É o efeito de negativização da linguagem, que todo ser falante experimenta como a falta em ser. A separação responde a uma tentativa do sujeito de recuperar uma parte de ser via o Outro, de buscar um complemento de ser, fazendo-se parte do Outro. Isto poderia ser traduzido pela pergunta do sujeito: Que sou para o Outro? A resposta para tal pergunta será buscada, não via significante, mas via pulsão. O ser que responde à pergunta é precisamente o objeto *a*. “O que responde não é algo que fale, não é algo que inscreva um significante, senão algo que em ato, trata de fazer-se ser algo para o Outro, algo para ver, para escutar, para cagar ou para chupar”⁹⁵. A autora, aqui se refere aos quatro objetos pulsionais: o olhar, a voz, o excremento e o seio. A atividade da pulsão consiste em rodear estes objetos, “para neles restaurar sua perda original”⁹⁶. Lacan é categórico ao dizer que “não existe outra via em que

⁹⁵ SOLER, C. *¿Qué Psicoanálisis?* Buenos Aires: EOL, 1994. p.63

⁹⁶ LACAN, J. Posição do inconsciente. Op.cit., p.333.

se manifeste no sujeito a incidência da sexualidade”⁹⁷. A pulsão, sendo sempre pulsão parcial, “representa a sexualidade no inconsciente”⁹⁸. E aí, aponta uma carência no sujeito, pois no que toca à pulsão, não há nada que represente seu ser de macho ou fêmea.

“Do lado do vivente enquanto ser a ser tomado na fala, enquanto não pode jamais enfim aí inteiro advir. Nesse aquém do limiar que não é entretanto nem dentro nem fora, não há acesso ao Outro do sexo oposto senão pela via das pulsões, ditas parciais, onde o sujeito procura um objeto que lhe substitui essa perda de vida que é a sua por ser sexuado”⁹⁹.

É do lado do Outro, do jogo significante, na alienação que comporta a divisão do sujeito, é somente por essa via que o sujeito pode encontrar uma ordenação que lhe diga o que fazer como homem ou mulher.

⁹⁷ *Idem, ibidem.*

⁹⁸ *Idem, p.334.*

⁹⁹ *Idem, ididem.*

CONCLUSÃO

O objetivo central desta pesquisa foi investigar a constituição do sujeito através das operações de causação, denominadas alienação e separação. Cabe esclarecer que não se pretendeu aqui esgotar o complexo tema das operações de causação do sujeito. Certamente algumas questões ficaram em aberto, outras não chegaram a ser tocadas. Mas um trajeto foi percorrido, deixando aqui suas marcas.

Vale lembrar que neste estudo nos ativemos a um período delimitado do ensino de Lacan. Lacan seguiu ministrando seus seminários até aos últimos anos de sua vida, construindo novos conceitos, propiciando à teoria outras articulações.

Após o percurso realizado nesta dissertação, foi possível chegar às conclusões ora apresentadas. No escrito *Intervenção sobre a transferência*, Lacan

postula o sujeito como aquele que se constitui por um discurso na experiência analítica. Apresenta a psicanálise como dialética, onde se transmuta para o sujeito a questão da verdade. Neste movimento, o sujeito se constitui supondo a presença, o reconhecimento do Outro sujeito.

Em 1953, no “Discurso de Roma”, a partir de sua definição de fala plena, propõe o sujeito como se constituindo na fala, fala esta que dirige uma questão ao Outro, implicando sua resposta. O sujeito encontra seu estatuto através daquele que o escuta.

Essa concepção do sujeito como constituinte, isto é, um sujeito que não estava já aí constituído, possibilitou que, posteriormente, Lacan formulasse o sujeito como o que o significante representa para um outro significante.

Tomando referências da lingüística, principalmente de Saussure e Jakobson, propôs uma releitura do inconsciente via teoria do significante. No lugar da correspondência entre significante e significado, como apresenta o signo saussureano, introduziu a primazia do significante sobre o significado.

Os significantes compõem uma estrutura de cadeia, onde cada termo se define por oposição aos outros, ou seja, na pura diferença. Considerando a sua estrutura binária, Lacan situa uma dupla significante mínima, que denominará S_1 e S_2 .

Os significantes apresentam-se numa sucessão diacrônica, implicando uma dimensão temporal que vai da antecipação do significante à retroação do significado. Aqui se articula o ponto de estofo, detendo o deslizamento do sentido,

para cingir uma significação.

As relações do significante com o significado se estruturam sob duas formas: a metáfora e a metonímia, reconhecidas nos mecanismos de condensação e deslocamento, descritos por Freud.

A metáfora surge na substituição significante, produzindo como efeito uma significação. A substituição de um significante por outro é possível devido a uma comunidade de posição entre os dois significantes.

A metonímia remete às relações de contigüidade, de conexão do significante com o significado, produzindo um efeito de sentido. Na metonímia o significado permanece fora do alcance do significante. No reenvio incessante das significações entre si, resta sempre uma falta que é o desejo. Por isto, Lacan pode dizer que o desejo é metonímico.

As formações do inconsciente – sonho, sintoma, chiste e ato falho – estruturam-se segundo as leis das operações metafórica e metonímica.

No Seminário XI, Lacan evoca a *Carta 52* a Fliess, onde Freud esboça seu quadro esquemático do aparelho psíquico. Entre percepção e consciência, inscrevem-se os signos de percepção, ordenados em diferentes transcrições (*Niederschriften*), segundo uma associação por simultaneidade.

Lacan sublinha que esses signos de percepção são significantes. De modo que, aí, Freud se antecipa aos lingüistas, porque é da sincronia significante que ele fala. No intervalo entre percepção e consciência está o lugar do Outro onde o sujeito se constitui.

É pois no campo do Outro, morada do significante, que o sujeito se constitui, como efeito da ação da linguagem sobre o vivente. Há uma anterioridade do Outro em relação ao sujeito. Pois a linguagem é uma estrutura cujos significantes se articulam num jogo combinatório pré-subjetivo.

Onde havia um pré-sujeito, um sujeito em instância, constituir-se-á um sujeito, que surge como tributário do significante. O sujeito é falado pelo Outro, antes mesmo que possa falar. O infans por nascer já está inscrito no discurso dos pais, sob a forma, por exemplo, de seu nome próprio.

O significante causa o sujeito, outorgando-lhe a única via possível para o seu advento. Porém a incidência do significante provoca um efeito letal sobre o sujeito, deixando-o aniquilado, abolido.

Isto quer dizer que o sujeito nasce sob uma forma singular, ele nasce desaparecendo. Ao mesmo tempo que é chamado a ser, é paradoxalmente chamado a desaparecer. Este movimento designa o *fading* ou afânise do sujeito, o seu desvanecimento.

Para poder deslizar no desfiladeiro significante, via em que se produz o sentido, o sujeito terá que se descolar do primeiro significante (S_1), sair da petrificação na qual se encontra. É o apelo feito no Outro, ao segundo significante (S_2).

O sujeito será, então, o que o significante representa para outro significante. Eis a estrutura própria da operação de alienação.

A partir da reunião dos campos do sujeito e do Outro, Lacan opera o *vel* da

alienação. Este *vel* envolve a lógica de uma escolha forçada pelo sentido, mas ao preço de uma perda, de um ponto de sem-sentido. Esta região de sem-sentido, produto da operação de alienação, corresponde ao inconsciente.

O sujeito constitui-se pela queda necessária do primeiro significante no sem-sentido. A repressão primária como o ato inaugural da divisão fundante do sujeito do inconsciente caracteriza esse momento lógico de sua constituição.

Pelos efeitos da repressão primária, o sujeito está inexoravelmente separado do sentido de seu discurso. Ao nascer com o significante, o sujeito nasce dividido. Devido a isto, ele não sabe quem é, o que diz, nem o que deseja, como a experiência da análise nos ensina.

A *Urverdrängung* designa o que não pode vir a ser dito, a impossibilidade de se dizer tudo. O significante primordialmente reprimido é puro sem-sentido, a-semântico, marcando pontos de falta na cadeia associativa.

A operação de alienação inscreve o sujeito no lugar do Outro, sob a forma da divisão subjetiva, numa vacilação entre sentido e sem-sentido.

O sujeito ex-siste em relação à cadeia significante. É representado pelo significante, mas não coincide com ele. Esta é a pulsação em eclipse do sujeito, que emerge nas formações do inconsciente.

Para se liberar do efeito afanísico do significante, o sujeito ataca a cadeia em seu ponto de intervalo. Começa a operação de separação onde se fecha a causação do sujeito.

Nessa falta que se inscreve entre os significantes, o desejo do Outro vem

alojar-se. O sujeito experimenta outra coisa a motivá-lo, que não os efeitos de sentido. É o desejo do Outro, aparecendo como um enigma para o sujeito, suscitando a pergunta: O que quer o Outro?

Nas faltas do Outro, o sujeito reencontra sua falta em ser. Diante do enigma do desejo do Outro ele se oferece como sujeito barrado, operando com sua própria falta. Nos pontos de intersecção do desejo do sujeito com o desejo do Outro, se dá o recobrimento de duas faltas: a do sujeito (\$) e a do Outro (A).

Lacan, ao jogar com a palavra separação, *separare* em Latim, remete a *se parere*, ao engendrar-se. O sujeito poderá engendrar-se, separando-se do Outro, provendo-se de um estado civil. Não se limita a ser somente falado pelo Outro, e pode jogar sua partida ao operar com essa parte (*pars*) que vai sozinha.

O paradoxo que comporta a separação implica que o sujeito encontre um lugar no desejo do Outro, mas também que o sujeito se separe do Outro.

Operando com a própria perda, que lhe retorna de sua alienação primeira, o sujeito conquista o ser, pela falta que faria no Outro pelo seu desaparecimento. É aqui que se introduz a questão: “Pode ele perder-me?”

Na separação, vemos despontar o campo da transferência. O analista, ao interpretar, escandindo o discurso do analisante, deixa entrever um desejo, suscitando uma pergunta sobre o desejo do Outro: O que ele quer de mim?

O sujeito tentará fazer-se um lugar no desejo do analista, oferecendo-se para ser amado por ele. Ao analista cabe suportar o desejo, ser a causa para que o paciente fale, mas sem responder à demanda de amor.

A transferência articula-se com a separação nos momentos de fechamento do inconsciente, pela incidência do objeto *a*, em torno do qual a pulsão faz seu trajeto. Assim, a transferência presentifica a realidade sexual do inconsciente, manifestando-se como amor ou ódio ao analista.

É pela via das pulsões parciais que a incidência da sexualidade se manifesta no sujeito. A pulsão é essa montagem através da qual ela contorna o objeto, satisfazendo-se no movimento de retorno em circuito.

O objeto, ensinou-nos Freud, é o que há de mais variável na pulsão. É o objeto enquanto perdido, desprendido, o objeto *petit a*, causa do desejo. São quatro os objetos *petit a*: o seio, as fezes, o olhar e a voz.

Com o mito da *lamelle*, Lacan situa a libido como matriz dos objetos perdidos, através dos quais o sujeito poderá fazer-se objeto do desejo do Outro.

Assim, os objetos pulsionais entram na dialética do sujeito, no tempo da operação de separação. Através deles o sujeito tentará recuperar a sua perda de ser, efeito da captura do vivente pelo significante.

Na separação, o sujeito vislumbra uma promessa de ser, fazendo-se ser algo para o Outro, encontrando um lugar no desejo do Outro.

A relação do sujeito com o Outro, no que concerne ao significante, dá-se sob a forma da alienação, da subordinação do sujeito ao campo do Outro.

Mas, se o estatuto do sujeito é o da falta em ser, ele derivará na cadeia significante segundo o vetor do desejo, e nenhum significante poderá esgotá-lo, dizer o que ele é.

Alienação e separação marcam com suas escanções a experiência analítica, a pulsação temporal do inconsciente, entre abertura e fechamento. O analista, entre alienação e separação, opera como o inconsciente: como um corte em ato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Diccionario de filosofia.** Trad. Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- COPI, I.M. **Introducción a la Lógica.** Trad. Néstor A. Míguez. 24.ed. Buenos Aires: Eudeba, 1982.
- COSENTINO, J.C. **Construcción de los Conceptos Freudianos.** Buenos Aires: Manantial, 1993.
- DESCARTES, R. Meditações. In: **Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- DUCROT, O., TODOROV, T. **Diccionario Enciclopédico de las Ciencias del Lenguaje.** Trad. Enrique Pezzoni. 8.ed. México: Siglo XXI, 1983.
- ETCHEVERRY, J.L. Sobre la Versión Castellana. In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Buenos Aires: Amorrortu, 1978.
- EVES, H. **Introdução à história da matemática.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- FERREIRA, A.B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

- FREUD, S. Carta 52 (1896). In: **Obras Completas**. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v.I, 1976.
- _____. Cinco Conferencias sobre Psicoanálisis (1910). In: **Obras Completas**. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu, v.XI, 1986.
- _____. Contribución a la historia del Movimiento Psicoanalítico (1914). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. XIV, 1976.
- _____. Dos artículos de Enciclopedia: "Psicoanálisis" y "Teoría de la Libido" (1923). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XVIII, 1976.
- _____. El Chiste y su Relación con lo Inconsciente (1905). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.VIII, 1976.
- _____. Fragmento de Análisis de un Caso de Histeria (1905). In: **Obras Completas**. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu, v.VII, 1983.
- _____. Inhibición, Síntoma y Angustia (1926). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XX, 1976.
- _____. Introducción del Narcisismo (1914). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XIV, 1976.
- _____. La Escisión del yo en el Proceso Defensivo (1940). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XXIII, 1976.
- _____. La Interpretación de los Sueños (1900). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.IV, V, 1976.
- _____. La Represión (1915). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XIV, 1976.
- _____. La teoría de la libido y el narcisismo. Conferencias de introducción al psicoanálisis (25^a). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XVI, 1987.
- _____. Lo Inconsciente (1915). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XIV, 1976.
- _____. Más Allá del Principio del Placer (1920). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XVIII, 1976.
- _____. Mis Tesis sobre el Papel de la Sexualidad en la Etiología de las Neurosis (1905). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.VII, 1983.

- _____. Pulsiones y Destinos de Pulsión (1915). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XIV, 1976.
- _____. Puntualizaciones sobre el Amor de Transferencia (1915). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XII, 1976.
- _____. Recordar, Repetir y Reelaborar (1914). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XII, 1976.
- _____. Sobre la Dinámica de la Transferencia (1912). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.XII, 1976.
- _____. Tres Ensaio de Teoría Sexual (1905). In: **Obras Completas**. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu, v.VIII, 1983.
- _____, BREUER, J. Estudios sobre la Histeria (1893-95). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.II, 1976.
- FROMM, E. **Conceito marxista do homem**. Trad. Octavio Alves Velho. Apêndice Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 de Karl Marx. Trad. [para o inglês] T.B. Bottomore. 8.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Acaso e repetição em psicanálise — uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- GROSRICHARD, A. A Questão do Sujeito e da Causa. In: **Letras da coisa**. Transcrição: Ronaldo C. Barros e Anna A.P. de Miranda. Estabelecimento do texto: Juan Fernando Peña. Publicação de Coisa Freudiana. Curitiba, n° 8, 1987.
- HARARI, R. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Trad. Marta M. Okamoto e Luiz Gonzaga B. Filho. Campinas: Papirus, 1990.
- INDART, J. C. **Curso de 1992** (inédito). Buenos Aires.
- JAKOBSON, R. Dos Aspectos del Lenguaje y dos Tipos de Transtornos Afásicos. In: **Fundamentos del Lenguaje (Parte II)**. Trad. Carlos Piera. 3.ed. Madrid: Ed. Ayuso/Ed. Pluma, 1980.
- JONES, E. et al. **Sexualidad feminina**. Trad. Hugo Azevedo. Buenos Aires: Homo Sapiens, 1985.
- KOJEVE, A. **La Dialectica del Amo y del Esclavo en Hegel**. Trad. Juan J. Sebrelli. Buenos Aires: Ed. La Pléyade, 1975.
- LACAN, J. A Ética da Psicanálise (1959-60). In: **O Seminário**, Livro VII. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

- _____. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud (1957). In: **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. A Transferência (1960-61). In: **O Seminário**. Livro VIII. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
- _____. Intervenção sobre a Transferência (1951). In: **Escritos**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise (1953). In: **Escritos**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **Écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- _____. Las Formaciones del Inconsciente (1957-58). Seminário V. In: **Seleção de Oscar Masotta**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970.
- _____. La Identificación (1961-62). **Seminário IX**. Classe de 10/01/62.
- _____. La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder (1958). In: **Escritos I**. Trad. Tomás Segovia. 8.ed. México: Siglo XXI, 1980.
- _____. Las Psicosis (1955-56). In: **El Seminário**. Libro III. Trad. Juan-Luiz Delmont-Mauri e Diana Rabinovich. Barcelona: Paidós, 1984.
- _____. Los Escritos Técnicos de Freud (1953-54). In: **El Seminário**. Libro I. Trad. Rithee Cevasco e Vicente Mira Pascual. Barcelona: Paidós, 1981.
- _____. Observación sobre el Informe de Daniel Lagache: "Psicoanálisis y Estructura de la Personalidad" (1960). In: **Escritos II**. Trad. Tomás Segovia. 6.ed. México: Siglo Veintiuno, 1980.
- _____. Os Escritos Tecnicos de Freud (1953-54). In: **O Seminário**. Livro I. Trad. Betty Millan. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- _____. El Reverso del Psicoanálisis (1969-70). In: **El Seminário**. Libro XVII. Trad. Enric Berenger e Miguel Bassola. 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 1992.
- _____. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). In: **O Seminário**. Livro XI. Trad. M. D. Magno. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- _____. O eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954-55). In: **O Seminário**. Livro II. Trad. Marie Christine Laznik Denot e Antonio Quinet de Andrade (col.). 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
- _____. Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 em 1964. In: **Escritos**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

- _____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In: **Escritos**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAPLANCHE, J., LECLAIRE, S. *El inconsciente: un estudio psicoanalítico*. In: **El Inconsciente**. México: Siglo XXI, 1970.
- _____, PONTALIS, J.-B. **Diccionario de Psicoanálisis**. Trad. Fernando Cervantes Gimeno. 2.ed. Barcelona: Labor, 1974.
- LEMAIRE, A. **Jacques Lacan. Uma introdução**. Trad. Durval Cecchinato. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.
- MORA, J.F. **Diccionario de Filosofía**. Madrid: Alianza Editorial, 1979.
- MILLER, J.-A. **Del Síntoma al Fantasma y Retorno**. (Curso inédito). Trad. simpósio del Campo Freudiano. Buenos Aires, 1983.
- _____. **Logique de la Passe** (Curso inédito). Paris, 1994.
- _____. **Silet**. Cours n° 14 (Curso inédito). Paris, 1994/95.
- _____. **1, 2, 3, 4** (Curso inédito). Paris, 1984-85.
- PLATÃO. *O Banquete*. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- REFERENCIAS en la Obra de Jacques Lacan. Biblioteca del Campo Freudiano. Buenos Aires: Prográfica, n° 2, 1991.
- ROSALES, M. I. *Funciones Lógicas y Experiencia Analítica*. In: **Uno por Uno. Revista Mundial de Psicoanálisis**. Edición Argentina, n° 39, 1994.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística general**. Trad. Amado Alonso. 13.ed. Buenos Aires: osada, 1974.
- SOLER, C. **¿Qué Psicoanálisis?** Buenos Aires: Escuela de la Orientación lacaniana (EOL), 1994.
- _____. *Temporalidad en la Transferencia*. In: **La Transferencia**. Seminario para Hispanoparlantes realizado a posteriori del VI Encuentro Internacional del Campo Freudiano. Paris, 12-13/07/90. Desgravaciones Incompletas no Revisadas.
- TRILLAT, E. *Miradas sobre la Histeria*. In: KREEL, Irene de (org.). **La Escucha, la Histeria**. Buenos Aires: Paidós, 1984.